



## § 1

A mais alta e *única* missão do médico é restabelecer a saúde nos doentes, que é o que se chama curar (\*).

(\*) Sua missão não é porém (com o que tantos médicos gastaram ambiciosamente, até hoje, forças e tempo), forjar ideias e hipóteses vazias sobre a essência íntima do processo vital e as origens da doença no interior do organismo para os chamados sistemas, ou as inúmeras tentativas de explicação a respeito dos fenômenos mórbidos e sua causa imediata, sempre oculta a nós etc., envolvidos em palavras inconcebíveis e num bombástico modo abstrato de expressões de aparência muito erudita a fim de impressionar os ignorantes, enquanto os doentes suspiram, em vão, por socorro. Basta desses sábios devaneios (chamados medicina teórica, e para os quais temos até cátedras próprias); está na hora de, uma vez para sempre, os que se chamam médicos cessarem de enganar os pobres seres humanos com palavras destituídas de conteúdo e comecem finalmente a agir, isto é, a ajudar e curar realmente.

## § 2

O ideal máximo da cura é o restabelecimento rápido, suave e duradouro da saúde, ou remoção e aniquilamento da doença, em toda a sua extensão, da maneira mais curta, mais segura e menos nociva, agindo por princípios facilmente compreensíveis.

## § 3

Se o médico percebe claramente o que há para ser curado nas doenças, isto é, em cada caso individual de doença (conhecimento da doença, indicação), se ele claramente percebe o que é curativo nos medicamentos, isto é, em cada medicamento em particular (conhecimento das virtudes medicinais), e se sabe adaptar, de acordo com princípios bem definidos, o que é curativo nos medicamentos, ao que considerou indubitavelmente patológico no paciente, de tal maneira que a cura





## SAMUEL HAHNEMANN

---

deva sobrevir; se sabe adaptá-lo tanto a respeito da conveniência do medicamento mais apropriado quanto ao seu modo de ação no caso de que se trata (escolha do remédio, medicamento indicado), como a respeito da maneira exata da sua preparação e quantidade (dose certa), e do período apropriado de sua repetição; se, finalmente, conhece os obstáculos ao restabelecimento em cada caso, e sabe removê-los de modo que a cura seja durável, então ele saberá agir de maneira racional e profunda, e então ele será um verdadeiro médico.

### § 4

Ele é ao mesmo tempo um conservador da saúde, se conhece as coisas que a perturbam e causam e mantém a doença e sabe afastá-las do homem são.

### § 5

Como auxílio da cura servem ao médico os dados detalhados da causa ocasional mais provável da doença aguda, bem como os momentos mais significativos na história inteira da doença crônica, do sofrimento prolongado, para encontrar a sua causa fundamental, na maioria dos casos devida a um miasma crônico, no que se deve considerar a constituição física visível do paciente (especialmente do paciente crônico), suas características afetivas e intelectuais, suas ocupações, seu modo de vida e hábitos, suas condições sociais e domésticas, sua idade e função sexual etc.

### § 6

O observador sem preconceitos - sabendo da futilidade de argumentações metafísicas, que a experiência não pode confirmar - nada percebe, mesmo sendo o mais arguto, em qualquer doença individual, senão alterações reconhecíveis externamente pelos sentidos do corpo e da alma, sinais mórbidos, acidentes, sintomas, i.é., perturbações





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

---

do antigo estado são do atual doente, os quais este mesmo sente, as pessoas de seu ambiente percebem e o próprio médico nele observa. Todos esses sinais perceptíveis representam a doença em toda a sua extensão, i.é., formam, juntos, o quadro verdadeiro e único que se pode imaginar da doença (\*).

(\*) Não compreendo, portanto, como podia vir aos médicos a ideia de procurar e querer encontrar, à cabeceira do doente, o que devia ser curado na doença, apenas no interior escondido e desconhecido, sem cuidarem dos sintomas e dirigirem a cura de acordo com eles; como, digo, podia surgir essa ideia com a pretensão arrogante e ridícula de que se pode restabelecer, com medicamentos (desconhecidos!), as alterações do invisível interior sem considerar atentamente os sintomas, e que a isso se chama curar completa e racionalmente.

Nas doenças, o que se manifesta aos sentidos pelos sintomas não é para o médico a própria doença, visto que ele nunca pode ver a doença latente, o ser imaterial que produz a doença, a força vital? Nem é necessário que ele a veja, mas somente os seus efeitos mórbidos, para assim poder curar a doença. Que mais pretende a velha escola procurar no interior recôndito do organismo *como prima causa morbi*, enquanto que rejeita, como objeto de cura, e desdenha, com falso orgulho, a representação sensível e óbvia da doença, os sintomas que se nos apresentam tão claramente? Que mais ele quer curar nas doenças senão isso?

### § 7

Como em uma doença, a respeito da qual nada se apresenta a afastar da causa que manifestamente a ocasione ou a mantenha (*causa occasionalis*) (\*), não se pode perceber nada além dos sintomas; é preciso, achando-se na presença de um possível miasma, e observando-se as circunstâncias acessórias (§ 5), que só os sintomas sirvam de guia na escolha dos meios próprios para a cura. A totalidade dos sintomas, esse quadro da essência interna da doença refletida para fora, isto é, a afecção da força vital, deve ser o principal e único meio pelo qual a





## SAMUEL HAHNEMANN

enfermidade dá a conhecer o remédio de que necessita - o único meio que determina a escolha do medicamento mais apropriado - em suma, a totalidade (\*\*) dos sintomas deve ser, para o médico, a principal, a única coisa que ele deve reconhecer em cada caso de doença e remover pela sua arte, a fim de curar a doença e transformá-la em saúde.

(\*) Entende-se que todo médico inteligente afastará, primeiramente, a causa: assim, o mal-estar em geral cessa espontaneamente. Ele removerá do quarto flores cujo perfume forte provoca desmaio e acidentes histéricos; da córnea, o corpo estranho que causa inflamação do olho; de um membro ferido, retirará o aparelho muito apertado que ameaça causar gangrena, e aplicará melhor um mais adequado; descobrirá a artéria ferida causadora do desmaio e fará ligaduras; procurará remover, pelo vômito, bagas de beladona ingeridas etc.; extrairá substâncias estranhas que tenham penetrado nos orifícios do corpo (nariz, garganta, ouvido, uretra, reto, vagina); triturrará o cálculo vesical, abrirá o ânus imperfurado do neonato etc.

(\*\*) Em todas as épocas, a velha escola procurava combater com medicamentos e, se possível, suprimir nas doenças um só dos sintomas, não sabendo, muitas vezes, a que outro expediente recorrer - uma unilateralidade que, sob o nome de tratamento sintomático, causou com justa razão desprezo geral, porque por esse meio, nada se ganha, mas muitos inconvenientes daí resultarão. Um único dos sintomas presentes é tanto a própria doença quanto um pé só é o próprio homem. Esse procedimento foi tanto mais repreensível, porque trataram determinado único sintoma apenas com um remédio oposto (só, então, de maneira enantiopática e paliativa), pelo que, após curto alívio, o sintoma reaparecia pior que antes.

## § 8

Não é concebível, nem pode ser provado por experiência alguma no mundo que, removidos todos os sintomas mórbidos e todo o conjunto dos acidentes perceptíveis, reste, ou possa restar, qualquer







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

outra coisa além da saúde, ou que a alteração mórbida no meio interno não possa ficar destruída (\*).

(\*) Quando alguém foi recuperado de sua doença por um verdadeiro médico, de tal maneira que nenhum sintoma mórbido tenha permanecido, e todos os sinais de saúde voltaram, pode-se presumir, em tal pessoa, que a doença esteja ainda residente no interior, sem com isso faltar ao bom-senso? Entretanto, o antigo chefe da velha escola, Hufeland, o afirma com as palavras (veja “A Homeopatia”, pág. 27, linha 19): “A homeopatia pode remover os sintomas, mas a doença fica”. - Afirmou-o, em parte por desgosto pelos progressos da homeopatia, em benefício da humanidade, e, parte porque tem ainda conceitos bem materiais da doença, que ele ainda não podia imaginar um modo de ser do organismo alterado pela força vital doente, mas sim uma coisa material que talvez tivesse ficado ainda em qualquer canto do interior do corpo, para, de repente, na melhor saúde, e à vontade, irromper com a sua presença material! Quão grande é ainda a cegueira da velha patologia! Não admira que tal estado só pudesse produzir uma terapêutica, que teve como alvo apenas purgar o pobre doente.

### § 9

No estado de saúde, a força vital de natureza espiritual (autocracia), que dinamicamente anima o corpo material (organismo), reina com poder ilimitado e mantém todas as suas partes em admirável atividade harmônica, nas suas sensações e funções, de maneira que o espírito dotado de razão, que reside em nós, pode livremente dispor desse instrumento vivo e são para atender aos mais altos fins de nossa existência.

### § 10

O organismo material, destituído da força vital, não é capaz de nenhuma sensação, nenhuma atividade, nenhuma autoconservação (\*); é somente o ser imaterial, animador do organismo material do estado são e no estado mórbido (o princípio vital, a força vital), que lhe dá toda sensação e estimula suas funções vitais.





## SAMUEL HAHNEMANN

(\*) Ele está morto e submisso apenas ao poder do mundo físico exterior; apodrece e se dissolve novamente em seus componentes químicos.

### § 11

Quando o homem adocece, essa força vital de natureza espiritual de atividade própria, presente em toda parte no seu organismo (princípio vital), é a única que inicialmente sofre a influência dinâmica (\*) hostil à vida, dum agente morbígeno, é somente o princípio vital, perturbado para uma tal anormalidade, que pode fornecer ao organismo as sensações desagradáveis e impeli-lo, dessarte, a atividades irregulares a que chamamos doença; pois essa força invisível por si mesma e apenas reconhecível por seus efeitos no organismo, torna conhecida sua perturbação mórbida apenas pela manifestação de doença nas sensações e funções (a parte do organismo acessível aos sentidos do observador e médico), isto é, por sintomas mórbidos, e não pode torná-lo conhecido de outra maneira.

(\*) Que é influência dinâmica - força dinâmica? Verificamos que a nossa Terra, por uma força secreta, invisível, conduz a Lua em torno de si, dentro de 28 dias e algumas horas, e que a Lua levanta em marés, alternadamente, em horas fixas, os nossos mares do norte e os abaixa novamente em horas fixas, ao refluxo (deduzindo-se alguma diferença na Lua cheia e na nova).

Vemos isso e ficamos admirados, pois nossos sentidos não percebem como tal acontece. Aparentemente, isso não acontece por meios materiais ou realizações mecânicas, como as obras do homem. E vemos ao nosso redor ainda muitos outros acontecimentos, como resultado do efeito duma substância sobre outra, sem reconhecermos um nexó perceptível entre causa e efeito. Só o homem culto, experimentado na comparação e na abstração, é capaz de formar para si alguma ideia supersensorial suficiente para manter distante, nos seus pensamentos, tudo que é material ou mecânico, na concepção de tais conceitos; ele chama tais efeitos de dinâmicos, virtuais, i.é., efeitos que resultam da energia e ação puras, específicas,





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

absolutas, duma substância sobre outra. Assim, por exemplo, a ação dinâmica das influências morbíficas no homem são, bem como a força dinâmica dos medicamentos no princípio vital, para a restauração da saúde, não é outra coisa senão infecção, e de nenhum modo material, de nenhum modo mecânica, como o é a força dum ímã que atrai um pedaço de ferro ou aço. Vê-se que o pedaço de ferro é atraído por um polo do ímã, porém, como isso acontece, não se vê. Essa força invisível do ímã não precisa, para atrair o ferro, de nenhum meio auxiliar mecânico (material), de nenhum gancho ou alavanca; ele atrai e age sobre o pedaço de ferro ou agulha de aço por meio de pura força própria, imaterial, invisível, de natureza espiritual, i.é., dinamicamente, e comunica da mesma maneira invisível, dinâmica, à agulha de aço a força magnética; a agulha de aço torna-se magnética já à distância, sem ser tocada pelo ímã, e magnetiza outras agulhas de aço com a mesma propriedade magnética (dinamicamente) que recebeu antes do ímã, precisamente como uma criança com varíola ou sarampo comunica, à criança vizinha, sã, não tocada por ela, a varíola ou o sarampo de maneira invisível (dinamicamente), i.é., infecta-a à distância sem que qualquer material da criança infectante passe ou possa passar àquela outra tampouco como qualquer material do polo do ímã pudesse chegar à agulha de aço. Uma influência puramente de natureza espiritual, específica, comunicou à criança a varíola ou o sarampo, da mesma maneira como o ímã comunicou a propriedade magnética à agulha vizinha.

E de modo semelhante, deve-se considerar o efeito dos medicamentos no homem vivo. As substâncias naturais que se nos apresentam como medicamentos, são apenas medicamentos desde que possuam a força (cada um uma própria específica) de alterar o estado do homem pela influência de natureza espiritual, dinâmica (por meio da fibra sensível viva) sobre o princípio vital de natureza espiritual que controla a vida.

A propriedade medicinal daquelas substâncias naturais a que chamamos, em sentido mais estreito, de medicamentos, refere-se apenas à sua força de causar alterações no estado da vida animal; só a esse princípio vital de natureza espiritual estende-se a sua influência (dinâmica) de natureza espiritual alteradora do estado; assim como a vizinhança dum polo magnético pode comunicar ao aço só força





## SAMUEL HAHNEMANN

magnética (e isso por uma espécie de contágio), mas não outras propriedades (por exemplo, mais dureza ou dutilidade etc.).

E assim, cada substância medicinal especial altera, por uma espécie de infecção, o estado do homem de maneira peculiar, exclusivamente sua, e não de maneira peculiar a outro medicamento, tão certo quanto a proximidade duma criança com varíola comunicará a uma criança sã só a varíola, e não o sarampo.

Essa ação dos medicamentos sobre o nosso estado ocorre dinamicamente, como por infecção, completamente sem comunicação de partes materiais da substância medicamentosa.

Muito mais força curadora manifesta-se, num caso mórbido apropriado, pela menor dose dos remédios melhor dinamizados - em que pode haver, de acordo com cálculos, apenas tão pouca substância material que sua pequenez não pode ser imaginada, nem concebida pela mente mais aritmética - do que por doses grandes do mesmo remédio em substância. Aquela pequeníssima dose pode, portanto, conter quase inteiramente, a força medicinal de natureza espiritual pura, livremente despida, e realizar, apenas dinamicamente tantos efeitos quanto nunca podiam ser obtidos pela substância medicinal bruta, tomadas mesmo em doses altas.

Não é nos átomos corpóreos desses medicamentos altamente dinamizados, nem na sua superfície física ou matemática (com que as forças maiores dos medicamentos dinamizados são interpretados, como ainda bastante materiais, mas em vão) que se encontra a força medicinal, mas é uma força medicinal, específica, liberada da substância medicinal, que jaz invisível no glóbulo umedecido ou na sua solução, a qual age dinamicamente sobre o organismo inteiro, já por contato com a fibra animal viva (sem, porém, comunicar-lhe qualquer matéria, por mais atenuada que seja) e age tanto mais fortemente quanto mais livre e imaterial ela se tornou por meio da dinamização (§ 270).

É, pois, tão impossível em nossa idade, notável pela sua riqueza em pensadores, imaginar a força dinâmica como algo de não corpóreo, visto vermos, diariamente, fenômenos que não se podem explicar de qualquer outro modo!

Se olharmos para algo repugnante e sentirmos vontade de vomitar, por acaso um vomitivo material entrou em nosso estômago, que o obrigou a esse movi-





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

mento antiperistáltico? Não foi unicamente o efeito dinâmico do aspecto repugnante sobre a sua imaginação? E se levantarmos os braços isso ocorre por meio dum instrumento material visível? Uma alavanca? Não é unicamente a força dinâmica de natureza espiritual de nossa vontade que os levanta?

### § 12

É somente a força vital morbidamente afetada que produz moléstias (\*), de modo que as manifestações da doença que são perceptíveis aos nossos sentidos expressam, ao mesmo tempo, toda a mudança interna, isto é, toda a perturbação mórbida do dinamismo interno. Por conseguinte, são reveladores de toda a doença; além disso, a desapareição, pelo tratamento, de todos os fenômenos mórbidos e de todas as alterações mórbidas que diferem das funções vitais no estado de saúde, afeta certamente, e necessariamente acarreta o restabelecimento da integridade do princípio vital e, portanto, a recuperação da saúde de todo o organismo.

(\*) Como a força vital faz com que o organismo revele sintomas mórbidos, isto é, como ele produz a moléstia, viria a ser de nenhuma utilidade para o médico saber o como e o porquê, e jamais ele o saberá, e o que é inteiramente suficiente para permitir-lhe curar, o Senhor da Vida o revelou a seus sentidos.

### § 13

Por isso, a doença (que não constitui objeto da cirurgia), sendo considerada pelos alopatas como algo separado do todo vivo, do organismo e sua força vital animadora, e oculta em seu interior, como se fosse algo de natureza tão sutil, é um absurdo (\*) somente imaginado por mentes materialistas, que durante milênios têm dado ao sistema de medicina predominante todos aqueles impulsos perniciosos que a tornaram uma arte (não curativa) verdadeiramente nociva.

(\*) *Materia peccans!*





## § 14

Não há, no íntimo do homem, nada mórbido que seja curável, nem alteração mórbida curável, que não se revele ao médico observador por meio de sinais e sintomas mórbidos - o que está em perfeita harmonia com a bondade infinita do onisciente Preservador da vida humana.

## § 15

A afecção do dinamismo (força vital) de natureza espiritual, que anima nosso corpo no interior invisível, morbidamente perturbado, bem como todos os sintomas exteriormente observáveis por ele produzidos no organismo, e que representam o mal existente, constituem um todo, um e o mesmo. O organismo é, na verdade, o instrumento material da vida, não sendo, porém, concebível sem a animação que lhe é dada pelo dinamismo instintivamente perceptor e regularizador, tanto quanto a força vital não é concebível sem o organismo, conseqüentemente, os dois juntos constituem uma unidade, embora em pensamento, nossas mentes separem essa unidade em dois conceitos distintos para mais fácil compreensão.

## § 16

Nossa força vital, com um poder dinâmico, não pode ser atacada e afetada por influências danosas sobre o organismo sadio, causadas por forças estranhas, maléficas que perturbam o jogo harmonioso da vida, de forma que não seja imaterial (dinâmica), e, do mesmo modo, todas essas perturbações mórbidas (moléstias) não podem ser afastadas pelo médico a não ser por meio dos poderes alterativos, imateriais (dinâmicos (\*), virtuais) dos remédios em uso que agem sobre a força vital dinâmica, que os percebe por meio da faculdade sensitiva dos nervos que se acham em todo o organismo. De modo que somente por sua ação dinâmica sobre a força vital os remédios podem restabelecer, e realmente restabelecem, a saúde e a harmonia vital; depois que as alterações na saúde do paciente,





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

perceptíveis por nossos sentidos (a totalidade dos sintomas) revelaram a moléstia ao médico atentamente observador e investigador, tão amplamente quanto foi necessário de modo que lhe permitisse a cura.

(\*) Vide nota do § 11.

### § 17

Ora, como na cura efetuada pela remoção da totalidade dos sinais e acidentes perceptíveis da doença (isto é, pela remoção da totalidade da doença), remove-se ao mesmo tempo a alteração interna do princípio vital a que se deve a doença (\*) - é lógico que o médico só tem de remover a totalidade dos sintomas para afastar e aniquilar ao mesmo tempo a modificação interna, isto é, o transtorno mórbido da força vital, a totalidade da doença, *a doença em si* (\*\*). Assim aniquilada a doença, restabelece-se a saúde e é esse o mais elevado, o único objetivo do médico que conhece o verdadeiro escopo de sua missão, que não consiste em falatórios que soam à erudição, mas em dar auxílio ao doente.

(\*) Moléstias gravíssimas podem ser produzidas por distúrbios suficientemente sérios da força vital resultantes da imaginação, e também curadas da mesma maneira.

Um sonho premonitório, uma fantasia supersticiosa ou a solene predição de que a morte ocorrerá em certo dia ou certa hora, não infrequentemente produziram todos os sinais de doença incipiente e em progressão, de morte próxima ou a própria morte, na hora anunciada, o que não ocorreria sem a produção simultânea da alteração interna (corresponde ao estado observado externamente). Em tais casos, todos os sintomas mórbidos de morte próxima dissiparam-se por causa idêntica, por um ardil engenhoso, pela persuasão em sentido contrário, e a saúde restabeleceu-se subitamente, o que não aconteceria sem a remoção, mediante apenas esse remédio moral, da alteração mórbida interna e externa, que acarretou o perigo de morte.

(\*\*) Só assim é que Deus, o Preservador da Humanidade, pôde revelar Sua sabedoria e bondade em relação à cura das doenças a que o homem está sujeito





## SAMUEL HAHNEMANN

em sua vida terrena, mostrando ao médico o que ele teria de remover nas doenças para aniquilá-las e assim restabelecer a saúde. Mas, o que pensaríamos de Sua sabedoria e bondade, envolvesse Ele em mística obscuridade o que se deva curar nas doenças (como o assevera a escola dominante de medicina, que afirma possuir sobrenatural visão da natureza íntima das coisas), encerrasse e ocultasse Ele bem no fundo e assim impossibilitasse ao homem conhecer acuradamente a doença e conseqüentemente o impossibilitasse de curá-la?

### § 18

Desta verdade inegável, que além da totalidade dos sintomas, considerando-se as modalidades que os acompanham (§5), nada pode de maneira alguma ser descoberto em doenças em que elas possam expressar sua necessidade de tratamento, conclui-se que indubitavelmente a soma desses sintomas e condições em cada caso individual de moléstia deve ser a única indicação, o único meio de nos guiar na escolha de um remédio.

### § 19

Ora, se as moléstias nada mais são que alterações do estado de saúde do indivíduo são, e que se manifestam através de sintomas mórbidos, e se a cura não é possível além disso senão pela conversão do estado de doença no de saúde, é evidente que os medicamentos jamais poderiam curar moléstias se não tivessem o poder de alterar o estado de saúde do homem que baseiam-se em sensações e funções; em verdade, que seu poder de cura se atribua apenas a este poder que têm de alterar o estado de saúde do homem.

### § 20

O poder dinâmico de alterar as condições da saúde do indivíduo, e assim curar doenças, que jaz latente na natureza íntima dos medicamentos, em si, jamais pode ser descoberto por meros esforços







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

---

da razão; é somente pela experiência dos fenômenos que manifestam quando age no estado de saúde do indivíduo, que podemos percebê-lo claramente.

### § 21

Assim, sendo inegável que o princípio curativo dos medicamentos não é em si perceptível, e como nas experiências puras com medicamentos, levadas a cabo pelos observadores mais atentos, nada pode ser observado que os constitua em remédios, a não ser o poder de causar alterações distintas no estado de saúde do corpo humano, e especialmente do *indivíduo* são, e de nele excitar diversos sintomas mórbidos definidos, conclui-se que, quando os medicamentos agem como remédios, só podem fazer funcionar sua capacidade curativa mediante esse seu poder de alterar o estado de saúde do homem produzindo sintomas peculiares. Assim, podemos confiar somente nos fenômenos mórbidos produzidos pelos medicamentos no corpo são, como única indicação possível de seu poder curativo inerente, a fim de descobrir que poder produtor de moléstia, e, ao mesmo tempo, poder de curar, possui cada medicamento.

### § 22

Contudo, como nada se observa nas doenças que deva remover-se, para curá-las, a não ser a totalidade dos sintomas e sinais e, do mesmo modo, como os medicamentos nada podem apresentar de curativo a não ser sua tendência a produzir sintomas mórbidos em pessoas sãs e removê-las em pessoas doentes. Segue-se, por um lado, que os medicamentos só se tornam remédios, capazes de aniquilar doenças, quando a substância medicinal, provocando certos efeitos e sintomas, isto é, produzindo certo estado mórbido artificial, remove e anula os sintomas já presentes, a saber, o estado mórbido natural que desejamos curar; por outro lado, conclui-se





## SAMUEL HAHNEMANN

que, para a totalidade dos sintomas da doença a ser curada deve ser procurado o medicamento que evidenciou a maior tendência a produzir sintomas semelhantes ou contrários (conforme mostre a experiência, se os sintomas são transformáveis em saúde por meio de sintomas medicamentosos semelhantes ou contrários<sup>(\*)</sup> da maneira mais fácil, certa e permanente).

(\*) O outro possível método de emprego de medicamentos contra moléstias, além desses dois, é o *método alopático*, em que se dão medicamentos cujos sintomas não tem relação patológica direta com o estado mórbido, nem semelhante, nem oposta, mas bastante diverso dos sintomas da doença. Esse método, já mostrado noutra lugar, como sendo um jogo assassino e irresponsável contra a vida do doente, com medicamentos violentos e perigosos, cuja ação é desconhecida, e que são escolhidos por meras conjecturas, sendo dados em doses grandes; outrossim, com operações dolorosas, destinadas a levar a moléstia para outras regiões do organismo, e tirar a força e os sucos vitais do paciente, por meio de evacuação por cima e por baixo, suor e salivação, mas especialmente tirando-se o sangue insubstituível, conforme se pratica pela rotina usual, empregada às cegas e sem piedade, geralmente com o pretexto de que o médico deve imitar e fazer progredir a natureza da doença em um esforço de cura, sem considerar a irracionalidade desse processo, imitar e fazer progredir tais esforços imperfeitos, geralmente inadequados, da força vital apenas não inteligente e instintiva, que se acha arraigada no nosso organismo, enquanto ele esteja sadio, continuar a vida em desenvolvimento harmonioso, mas não curar-se na doença. Pois fosse dotado de tal capacidade, nunca poderia o organismo adoecer.

Quando afetado por agentes nocivos, nossa força vital nada pode fazer, a não ser exprimir sua depressão causada por distúrbios da regularidade de sua vida, pelos sintomas, mediante os quais o médico inteligente recebe o pedido de ajuda. Se esta não for dada, tenta salvar-se mediante violentas evacuações, não importa quais os efeitos, geralmente com grandes sacrifícios ou destruição da própria vida.

Para efeitos de cura, a força vital morbidamente deprimida possui tão pouca capacidade digna de imitação, que todas as alterações e sintomas produzidos por ela no organismo são a própria moléstia! Que médico inteligente quereria imitá-la com o fito de curar, sem com isso sacrificar o paciente?





### § 23

Toda a experiência pura, contudo, e toda a pesquisa perfeita nos convencem que sintomas pertinazes de moléstia estão longe de serem removidos e eliminados por sintomas *opostos* de medicamentos (como no método *antipático*, *enantipático* ou *paliativo*), que ao contrário, após alívio aparente e transitório, recrudescem com denotado vigor e agravam-se manifestamente (vide §§ 58-62 e 69).

### § 24

Não resta assim, nenhum outro método de emprego de medicamentos contra moléstias que ofereça possibilidades, a não ser o homeopático, pelo qual procuramos, para a totalidade dos sintomas do caso de doença, considerando-se a causa original se esta for conhecida e as circunstâncias secundárias, um remédio que dentre todos os outros (cujos efeitos patogénéticos são conhecidos por experimentos realizados em indivíduos sãos) tenha a força e propensão de produzir um estado mórbido artificial o mais semelhante ao caso de doença em questão.

### § 25

O único e infalível oráculo da arte de curar, a experiência pura(\*), nos ensina em todos os ensaios cuidadosos, que é realmente aquele medicamento que provou poder provocar em sua ação sobre o corpo humano sã, o maior número de sintomas *semelhantes* que se encontram no caso de doença sob tratamento; e em doses devidamente potencializadas e diminuídas, remove rápida, radical e permanentemente todos os sintomas deste estado mórbido, isto é (§§ 6-16), toda a doença atual, transformando-a em saúde; e que todos os medicamentos curam, sem exceção, todas as doenças cujos sintomas mais se assemelham aos seus, sem deixar de curar nenhum.

(\*) Não me refiro ao tipo de experiência de que se vangloriam os clínicos comuns da velha escola, após haverem trabalhado anos a fio com uma série de





## SAMUEL HAHNEMANN

receitas complexas em inúmeras doenças que investigaram cuidadosamente, mas que, fiéis aos padrões de sua escola, consideraram como já tendo sido descritas em obras de patologia sistemática, sonhando poder nelas encontrar alguma matéria morbífica (imaginária), ou atribuindo-lhe alguma anormalidade interna hipotética. Sempre viram algo, mas eles não sabiam o que viam; resultados de forças complexas que agiam em um objeto desconhecido, que nenhum ente humano e apenas Deus poderia ter desvendado, resultados dos quais nada se pode aprender ou ganhar experiência. Cinquenta anos de experiência desse tipo correspondem a cinquenta anos olhando num caleidoscópio cheio de objetos coloridos desconhecidos, girando incessantemente; milhares de figuras que sempre se alteram sem que se possa explicá-las!

### § 26

Isso depende da seguinte lei homeopática da natureza, realmente às vezes imaginada mas, até agora, não inteiramente reconhecida, e à qual se deve toda a cura efetiva que se tenha realizado:

*Uma afecção dinâmica mais fraca é extinta de modo permanente no organismo vivo por outra mais forte, quando esta última (embora de espécie diferente) seja muito semelhante à primeira em suas manifestações (\*).*

(\*) Assim se curam tanto as afecções físicas como os males morais. Como é que nas primeiras horas da madrugada o brilhante Júpiter desaparece da vista do observador? Por uma potência muito semelhante, mais forte agindo no nervo óptico, o brilho do dia que se aproxima: - Em ambientes repletos de odores fétidos, como daí é que se costuma aliviar os nervos olfativos ofendidos? Com rapé, que afeta o sentido do olfato de modo semelhante, mais intenso! Não há música nem doces que, agindo nos nervos de outros sentidos, possam curar este mal-estar olfativo. Como é que o soldado destramente abafa os gritos do que está sendo punido aos ouvidos dos assistentes? Pelas notas agudas da flauta misturadas com o rufar do tambor! E o rugido distante do canhão do inimigo, que enche de medo seu exército? Com fortes batidas do grande tambor! Pois nem a um nem a outro serviria a distribuição de belos uniformes ou reprimenda ao regimento. Do





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

mesmo modo, o luto e a dor serão apagados da mente por outra causa ainda mais forte de dor, mesmo que seja mera ficção.

Os inconvenientes da alegria exagerada são removíveis tomando-se café, que produz um estado de espírito excessivamente alegre.

Os povos como o alemão, que durante séculos e séculos mergulharam cada vez mais fundo em apatia material e degradante servidão, tiveram que ser calcados ainda mais fundo no pó pelo conquistador ocidental até uma situação intolerável, e só assim sua baixa opinião de si próprios foi levada ao máximo e removida, sua dignidade humana tornou-se sensível, e assim, pela primeira vez ergueram suas cabeças novamente como homens alemães.

### § 27

O poder curativo dos medicamentos depende, portanto, de seus sintomas, semelhantes aos da doença, mas superiores em força ( §§ 12 – 26), de modo que cada caso individual de doença é mais certa, radical, rápida e permanentemente eliminada e removida apenas por um remédio capaz de produzir no organismo humano, da maneira mais completa e semelhante, a totalidade dos seus sintomas, que são, ao mesmo tempo, mais fortes que a doença.

### § 28

Como esta lei natural de cura se manifesta em cada experiência pura e em cada verdadeira observação no mundo, esse fato acha-se consequentemente firmado; pouco importa qual seja a explicação científica de *como ele ocorra*; e dou pouca importância às tentativas feitas para explicá-lo. Contudo, a seguinte explicação parece ser a mais provável, por se basear em premissas oriundas da experiência.

### § 29

Como cada moléstia (que não seja unicamente cirúrgica) consiste apenas numa alteração dinâmica especial e mórbida de nossa força





## SAMUEL HAHNEMANN

vital (do princípio vital) manifestada em sensações e atividades, do mesmo modo, em cada cura homeopática, esse princípio vital dinamicamente alterado pela doença natural é atingido, pela administração de uma potência medicinal escolhida exatamente de acordo com a sua semelhança com os sintomas, por uma afecção da doença artificial, semelhante, um tanto mais forte; assim, cessa e desaparece a sensação da afecção mórbida natural dinâmica (mais fraca). Esta afecção da doença não mais existe para o princípio vital, agora ocupado e governado somente pela afecção mórbida artificial mais forte. Logo perde a sua força essa afecção da doença, deixando o doente livre de doença, curado (\*). O dinamismo, assim liberado, pode agora fazer continuar a vida em condições de saúde. Esse processo altamente provável baseia-se nas proposições a seguir.

(\*) A curta duração da ação das potências morbíficas artificiais, que chamamos de medicamentos, torna possível que, embora sejam mais fortes que as doenças naturais, possam ser ainda mais facilmente dominadas pelo princípio vital que as doenças naturais mais fracas, que, somente em consequência da duração maior, geralmente permanente, de sua ação (*Psora*, *Syphillis*, *Sycosis*), não podem ser vencidas e eliminadas por ela apenas, até que o médico afete a força vital de modo mais forte, com uma potência morbífica muito semelhante, porém mais forte (um medicamento homeopático). As moléstias de muitos anos de duração que foram curadas (§ 46) pela varíola e sarampo (que têm uma duração de apenas algumas semanas) são processos de caráter semelhante.

### § 30

O corpo humano parece se deixar afetar de maneira muito mais eficaz em seu estado de saúde por meio de medicamentos (em parte, porque regulamos a dose de acordo com a nossa vontade) do que por estímulos mórbidos naturais, pois as doenças naturais são curadas e dominadas por remédios adequados.





## § 31

As forças inimigas, em parte psíquicas e em parte físicas, a que está exposta a nossa existência terrena, os chamados agentes morbíficos, não possuem o poder de afetar morbidamente a saúde do homem, incondicionamente(\*); mas estes fazem adoecer somente quando nosso organismo se encontra suficientemente predisposto e suscetível ao ataque da causa morbífica presente, e ser alterado em seu estado de saúde, que perturbado, é levado à sensações e funções anormais – daí não produzirem moléstia nem em todos e nem sempre.

(\*) Quando eu chamo doença uma *disposição* ou uma *perturbação* do estado de saúde do indivíduo, estou longe de querer dar uma explicação *hiperfísica* da natureza interna das doenças em geral, ou de cada doença em particular. Com esta expressão quero significar que as doenças não são evidentemente, nem podem ser, perturbações mecânicas ou químicas da substância material do corpo físico, que elas não dependem de um agente patogênico material, mas são alterações dinâmicas e de natureza espiritual da vida.

## § 32

Algo bem diferente ocorre com os agentes morbíficos artificiais a que chamamos de medicamentos. Cada medicamento verdadeiro age em *todo o tempo* e em *todas as circunstâncias*, em *todo ser humano* vivo, nele produzindo seus sintomas peculiares (distintamente perceptíveis, se a dose for suficientemente grande), de modo que evidentemente cada organismo humano vivo é suscetível de ser afetado e, por assim dizer, contagiado com a doença medicinal sempre, e absolutamente (*incondicionalmente*), o que como acima referido, de modo algum ocorre com as moléstias naturais.





### § 33

De acordo com esse fato, está inegavelmente demonstrado pela experiência (\*) que todo o organismo humano vivo acha-se muito mais disposto e tem maior suscetibilidade de receber influências, e a ter seu estado de saúde perturbado por poderes medicinais, que por agentes morbíficos nocivos e miasmas contagiosos ou, em outras palavras, *que os agentes morbíficos possuem um poder apenas subordinado e limitado, frequentemente muito limitado; as forças medicinais, porém, possuem um poder que sobrepuja aqueles de longe em mudar morbidamente o estado de saúde do homem.*

(\*) Um exemplo marcante que vem corroborar esta afirmativa é que enquanto antes do ano 1801, quando a escarlatina lisa de Sydenham ainda ocasionalmente prevalecia de forma epidêmica entre as crianças, atacava quase sem exceção todas as crianças que dela escaparam em epidemia anterior; em epidemia semelhante a que testemunhei em Königsutter, ao contrário, todas as crianças que tomaram a tempo uma pequeníssima dose de Belladonna não foram atacadas por esse mal infantil altamente contagioso. Se os medicamentos podem proteger de alguma doença que esteja grassando, esses devem ter poder de afetar nossa força vital de modo superior.

### § 34

A força maior das moléstias artificiais produzíveis pelos medicamentos não é, contudo, a condição única de seu poder de curar moléstias naturais. Para que possam curar, é primeiramente necessário que sejam capazes de produzir no corpo humano *uma moléstia artificial tão semelhante quanto possível ao mal a ser curado, que, com uma força um tanto maior, transforma em estado mórbido muito semelhante o princípio vital instintivo que é em si incapaz de qualquer reflexão ou ato de memória. Não somente obscurece, como também extingue e aniquila a perturbação causada pela moléstia natural.* Tanto isto é verdade que nenhuma doença mais antiga pode ser curada, mesmo pela própria Natureza, pela influência de nova doença *dessemelhante,*







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

---

por mais forte que seja, e nem tampouco pode ser curada por tratamento médico com drogas incapazes de produzir um estado mórbido *semelhante* no organismo são, como os alopáticos.

### § 35

Para ilustrar o acima exposto, consideraremos três casos distintos, e o que acontece na natureza quando dois males naturais diferentes se encontram em um indivíduo, e também o resultado do tratamento médico ordinário de moléstias com drogas alopáticas inadequadas, que são incapazes de produzir condição mórbida artificial semelhante à doença a ser curada, pelo que parecerá que mesmo a natureza é incapaz de remover um mal dessemelhante que já esteja presente, por outro não homeopático, mesmo que seja mais forte, e tampouco como é o emprego não homeopático dos remédios mais fortes, ainda que capazes de curar uma doença, qualquer que ela seja.

### § 36

I. Ou as duas doenças dessemelhantes coexistentes no ser humano são de força igual, ou ainda, se a *mais antiga for mais forte*, a nova moléstia será repelida do corpo pela anterior, e não lhe será permitido afetar o organismo. Um paciente que sofra de severo mal crônico grave, não será atacado de disenteria outonal ou outra moléstia epidêmica de vigor moderado. A peste do Levante, de acordo com *Larrey* não atinge os locais assolados por escorbuto, e as pessoas que sofrem de eczema não são tampouco infectadas por esse mal. O raquitismo, afirma *Jenner*, impede que a vacinação contra varíola surta efeito. Os pacientes de tuberculose pulmonar não são suscetíveis a ataques de febres epidêmicas de caráter não muito violento, de acordo com *von Hildenbrand*.





### § 37

Assim, também, *sob tratamento médico ordinário*, um mal crônico antigo permanece incurado e inalterado se tratado de acordo com o método *alopático* comum, isto é, com medicamentos incapazes de produzir em indivíduos sãos um estado de saúde semelhante à doença, muito embora o tratamento dure anos a fio e não seja de caráter muito violento (\*). Isto vemos diariamente na prática, sendo, portanto, desnecessário dar quaisquer exemplos.

(\*) Mas se tratado com remédios alopáticos enérgicos, formar-se-ão outros males em seu lugar, mais difíceis e perigosos à vida.

### § 38

II. Ou o *caso de a nova doença dessemelhante ser mais forte*. Aí, a moléstia que afligia anteriormente o paciente, sendo mais branda, será contida e suspensa pela superveniência de um mal mais forte, até que este último tenha se extinto ou curado, e então reaparece a moléstia primitiva *não curada*. Duas crianças afetadas por uma espécie de epilepsia curaram-se dos ataques do mal após contraírem uma infecção de tinha (*tinea*); assim que a erupção na cabeça passou a epilepsia voltou com igual intensidade que antes, como *Tulpius* observou. A sarna, como observou *Schoepf*, desapareceu com a ocorrência de escorbuto, mas após a cura desta última moléstia, reapareceu. Assim, também a tuberculose pulmonar com cavernas permaneceu estacionária quando o paciente foi atacado de violento tifo, prosseguindo mais tarde quando o último mal terminou seu curso.

Ocorrendo mania em um paciente de tuberculose pulmonar, esta, com todos os sintomas será removida pela primeira; porém, se passar, retornará a tuberculose imediatamente, sendo então fatal. Quando o sarampo e a varíola existem ao mesmo tempo e contaminaram a mesma criança, então o sarampo que já tinha irrompido é geralmente detido pela varíola que veio algo mais tarde; o sarampo não retoma seu curso





#### ORGANON DA ARTE DE CURAR

até após a cura da varíola. Com certa frequência, ocorre que a vacina da varíola inoculada fica suspensa por quatro dias pela superveniência do sarampo, conforme observou *Manget*, após cuja descamação a vacina da varíola completa o seu curso. Mesmo quando a inoculação da vacina da varíola já havia pegado há seis dias, irrompendo então o sarampo, a inflamação da inoculação permaneceu estacionária, não se seguindo a vacina da varíola até haver o sarampo completado seu curso normal de sete dias. Em uma epidemia de sarampo, este mal atacou diversos indivíduos no quarto e quinto dias após a inoculação da vacina da varíola, impedindo-lhes o desenvolvimento até haver completado o seu curso, findo o qual apareceu a vaccínia que teve sua evolução benigna até o fim. A escarlatina de *Sydenham* (\*), a verdadeira, lisa, com aparência de erisipela, acompanhada de dor de garganta, foi interrompida no quarto dia pela irrupção da vaccínia, que seguiu seu curso normal, e não foi senão quando este terminou que a escarlatina reapareceu; em outra ocasião, porém, visto que ambas as doenças parecem ser de igual intensidade, a vaccínia foi suspensa no oitavo dia pela superveniência da verdadeira escarlatina lisa de *Sydenham*, e a auréola vermelha da primeira desapareceu até que passasse a escarlatina, quando então a vaccínia retomou imediatamente seu curso, até o seu término regular. O sarampo suspendeu a vaccínia; no oitavo dia, quando a vaccínia havia quase atingido o seu clímax, o sarampo irrompeu; as vaccínias permaneceram estacionárias, sem retomar e completar seu curso até a descamação das marcas de sarampo, de modo que no décimo sexto dia apresentava a aparência que deveria apresentar no décimo dia, como observou *Kortum*.

Mesmo após a erupção do sarampo se fez sentir a inoculação vacínica, porém não se desenvolveu em seu curso até o desaparecimento do sarampo, também conforme testemunhou *Kortum*.

Eu mesmo observei que a caxumba (*angina parotidea*) desaparece imediatamente ao começar a fazer sentir os efeitos da vacina da





## SAMUEL HAHNEMANN

varíola, ao aproximar-se esta de seu ponto máximo. Não foi antes do término completo da vaccínia e do desaparecimento de sua auréola vermelha que esta tumefação febril das glândulas parótidas e sub-maxilares, causada por um miasma peculiar (caxumba), reapareceu e desenvolveu-se por todo o seu curso normal de sete dias.

*Assim sucede com todas as moléstias dessemelhantes; a mais forte suspende a mais fraca* (quando uma não complica a outra, o que raramente ocorre com males agudos), porém uma jamais cura a outra.

(\*) Descrita com grande precisão por *Withering e Plenciz*, porém diferindo muito da púrpura, quase sempre chamada erroneamente de febre escarlata. Foi somente nos últimos anos que as duas, primeiramente moléstias muito diferentes, vieram a se aproximar em seus sintomas.

### § 39

Os adeptos da escola oficial de medicina já haviam notado isto há muitos séculos; observaram que a própria natureza não pode curar qualquer moléstia por meio de outra, por mais forte que seja, se a nova moléstia for *dessemelhante* da já presente no organismo. O que pensaremos deles, que não obstante continuaram a tratar as doenças crônicas com alopátia, isto é, com medicamentos e receitas capazes de produzir que estados mórbidos Deus sabe, quase invariavelmente *dessemelhantes* da moléstia a ser curada!

E muito embora os médicos não tenham até agora observado a natureza com atenção, os fracos resultados de seus tratamentos deveriam ter-lhes ensinado que estavam em caminho impróprio, falso.

Não percebiam eles (segundo seu costume) que, quando empregavam um tratamento alopatóico agressivo, em uma doença crônica, criavam apenas uma doença artificial *dessemelhante* da original, que, simplesmente suprimida, apenas suspendia o mal original, o qual, contudo, sempre retornava, como não podia deixar de ser, assim que as forças do paciente, diminuídas, não mais admitiam a continuação dos ataques alopatóicos à sua vida? Assim, o exantema da sarna





#### ORGANON DA ARTE DE CURAR

desaparece sem dúvida rapidamente com o emprego de purgativos violentos, repetidos com frequência; mas quando o paciente não pode mais suportar a moléstia dos intestinos (*dessemelhante*), e já não pode tomar purgativos, então a erupção cutânea irrompe como antes, ou a Psora interna se revela com maus sintomas, e o paciente, além de seu mal antigo que não se atenuou, tem de suportar as misérias de uma digestão estragada e dolorosa, e, além disso, uma fraqueza igual.

Assim, também, quando os médicos oficiais mantêm as ulcerações artificiais da pele e exutórios no exterior do corpo, com o fim de erradicar uma doença crônica, não podem *jámais* atingir o seu objetivo desta maneira, e não podem *jámais* curá-la assim, visto que tais ulcerações cutâneas artificiais, são bem estranhas e alopáticas à afecção interna; mas visto que a irritação produzida por escarificações (\*) é, às vezes, um mal mais forte (*dessemelhante*) que a doença interna, esta última é, às vezes, por ela silenciada e suspensa, por uma ou duas semanas. Mas é *apenas suspensa* e por muito pouco tempo, enquanto as forças do paciente se esvaem pouco a pouco. A epilepsia, suprimida mediante escarificações (\*), por muitos anos, invariavelmente volta, e de forma mais grave, desde que se deixe que saem, de acordo com *Pechlin* e outros. Mas purgantes para a sarna e exutórios para epilepsia, não podem ser agentes perturbadores mais heterogêneos, mais diferentes – não podem ser modalidades de tratamento mais alopáticos, mais exaurientes – que as receitas comuns, compostas de ingredientes desconhecidos, usados comumente para outras formas de moléstias. Estas, da mesma maneira, nada fazem a não ser debilitar, e somente suprimem ou suspendem o mal por período curto, sem serem capazes de curá-lo, e quando empregadas por períodos mais extensos, sempre acrescentam um novo estado mórbido à doença antiga.

(\*) N.T. No alemão usa-se “Fontenelle”, que traduzimos por escarificações.





---

**§ 40**

III. Ou a nova doença, após haver agido longamente no organismo, finalmente une-se à antiga que lhe é dessemelhante, e forma com ela uma moléstia complexa, de modo que cada uma delas ocupa determinado lugar do organismo, isto é, ocupa os órgãos que mais se adaptam a ela, e, por assim dizer, somente os lugares que lhe pertencem, deixando o restante do organismo para a outra moléstia que lhe é dessemelhante. Assim, um sífilítico pode ter sarna, e vice-versa. *Pois duas moléstias dessemelhantes entre si não podem remover-se, ou curar-se mutuamente.* Primeiro os sintomas venéreos são interrompidos e suspensos quando a erupção da sarna começa a aparecer; com o decorrer do tempo, contudo (visto que a Syphillis é pelo menos tão intensa quanto a sarna), ambas se combinam (\*), isto é, cada uma afeta apenas as partes do organismo que mais se adaptam a elas, com o que o paciente se torna mais doente e mais difícil de curar.

Quando dois males agudos infecciosos dessemelhantes se encontram, como por exemplo, varíola e sarampo, um geralmente suspende o outro, como já vimos; contudo, já tem havido, também, diversas epidemias fortes desta espécie, em que, em casos raros, dois males agudos dessemelhantes ocorreram simultaneamente no mesmo corpo, e por algum tempo combinaram-se, por assim dizer.

Durante uma epidemia, em que a varíola e o sarampo ocorreram ao mesmo tempo, entre trezentos casos, em que estas doenças evitaram-se ou suspenderam-se, e o sarampo atacou os pacientes vinte dias após haver irrompido a varíola, reaparecendo esta última moléstia, contudo, dezessete ou dezoito dias após o aparecimento do sarampo, de modo que a primeira já havia completado o seu curso normal, não obstante houve um único caso em que *P. Russel*, encontrou ambas estas doenças dessemelhantes em uma pessoa ao mesmo tempo. *Rainey* testemunhou a ocorrência simultânea de varíola e sarampo em duas meninas. *J. Maurice*, em toda a sua vida de clínico, só observou dois casos desses. Encontram-se casos semelhantes nas obras de *Ettmüller*, e nos escritos de alguns outros autores.





#### ORGANON DA ARTE DE CURAR

*Zencker*, viu casos de febre vacínica em que esta percorreu seu curso normal simultaneamente com sarampo e com púrpura.

A febre vacínica progrediu sem ser afetada, durante o tratamento por mercúrio administrado em um caso de Syphilis, como observou *Jenner*.

(\*) Experiências cuidadosas e curas de males complexos desta espécie convenceram-me firmemente de que não ocorre verdadeiramente uma combinação dos dois, mas que em tais casos ambos coexistem lado a lado, cada um na parte que se lhe adapta, pois sua cura é conseguida completamente com uma alternância oportuna dos melhores meios antissifilíticos, com os remédios que curam a sarna, cada um deles na dose e preparação mais adequada.

### § 41

Muito mais frequente que as moléstias naturais que se associam e complicam no mesmo organismo, são as complicações mórbidas que o tratamento médico inadequado (o método alopático) costuma produzir pelo emprego prolongado de drogas inadequadas. À moléstia natural, que se propõe curar, acrescentam-se então outras pela repetição constante do agente medicinal inadequado, outras de condições mórbidas, muitas vezes renitentes, correspondente à natureza deste agente; esses pouco a pouco unem-se e complicam-se com a moléstia crônica que lhes é dessemelhante (que não puderam curar por semelhança de ação, isto é, homeopaticamente), aliando à moléstia antiga outra nova, diferente, artificial, de natureza crônica, dando assim, ao paciente uma doença dupla, em vez de uma única, isto é, agravando-o e dificultando-lhe a cura, às vezes impossível, podendo até levá-lo à morte. Muitos dos casos para os quais se pedem conselhos em jornais médicos, bem como os registros de outros casos em escritos médicos, atestam-lhe a veracidade. De caráter semelhante são os casos frequentes em que o cancro, complicado, principalmente com sarna, ou com a discrasia da gonorréia condilomatosa, não é





## SAMUEL HAHNEMANN

curado com tratamento prolongado, ou frequentemente repetido, de grandes doses inadequadas de preparados de mercúrio, mas toma lugar no organismo junto à afecção crônica do mercúrio (\*) que a este tempo já terá gradativamente progredido, formando assim com ele uma complicação monstruosa (sob o nome geral de moléstia venérea dissimulada), que então, quando não de todo incurável, só pode ser dominada com grande dificuldade.

(\*) Pois o *mercúrio*, além dos sintomas que em virtude de semelhança podem curar homeopaticamente a doença venérea tem, entre seus efeitos, muitos outros diferentes dos da Syphillis, como, por exemplo, inchação, ulceração óssea, etc., pois, *empregado em grandes doses*, causa novas moléstias e grande dano no organismo, especialmente quando complicado com Psora, como é tão comum acontecer.

### § 42

A própria natureza permite, como já se disse, em alguns casos, a ocorrência simultânea de duas (mesmo de três) moléstias naturais no mesmo organismo. Esta complicação, no entanto, como se deve notar, ocorre apenas no caso de duas moléstias *dessemelhantes*, que de acordo com as eternas leis da natureza, não removem, não aniquilam, não podem curar-se mutuamente, mas, ao que parece, ambas (ou as três) permanecem, por assim dizer, em separado no organismo, cada uma tomando posse das partes e sistemas que lhe são peculiares e lhe correspondem, o que, em virtude da falta de semelhança dessas moléstias entre si, pode bem ocorrer sem detrimento da unidade da vida.

### § 43

Contudo, totalmente diferente é o resultado quando duas moléstias *semelhantes* encontram-se no organismo, isto é, quando à doença já presente no organismo soma-se outra mais forte. Em tais casos, vemos como se pode efetuar a cura por obra da natureza, e aprendemos uma lição de *como* deve o homem curar.







## § 44

Duas moléstias *semelhantes* não podem (como se afirma de moléstias dessemelhantes em I) nem *repelir-se*, nem (como se disse de males dessemelhantes em II) *interromper-se* mutuamente, de modo que a anterior retorne quando a mais recente tiver completado seu curso; nem tampouco podem duas moléstias *semelhantes* (como foi demonstrado em III, com referência a afecções dessemelhantes) *existir uma junto da outra* no mesmo organismo, ou formar uma moléstia *dupla* complexa.

## § 45

Não!, duas moléstias diferindo, é verdade, em espécie, (\*) mas muito semelhantes em suas manifestações e efeitos, e nos sofrimentos e sintomas que produzem em separado, invariavelmente aniquilam-se quando se encontram no organismo; o mal mais forte, assim, aniquila o mais fraco, e isto pelo simples motivo, não difícil de ser adivinhado, de que o poder morbífico mais elevado, quando invade o organismo, em virtude de sua semelhança de ação, afeta exatamente *as mesmas partes do organismo* anteriormente afetadas pela irritação mórbida mais fraca, que conseqüentemente não pode mais agir nessas partes, sendo extinta (\*\*), ou (em outras palavras) a nova força morbífica, semelhante, mais forte, porém, se apodera das sensações do paciente, e daí o princípio vital por sua peculiaridade, não mais pode sentir a mais fraca, semelhante, que se extingue – não mais existe – pois nunca foi algo material, porém uma afecção dinâmica (de natureza espiritual). O princípio da vida, daí por diante, é afetado somente, e apenas temporariamente, pelo poder morbífico novo, semelhante, contudo mais forte.

(\*) Vide, supra, § 26, nota.

(\*\*) Da mesma forma que a imagem da chama de uma lâmpada é rapidamente





## SAMUEL HAHNEMANN

vencida e apagada de nosso nervo óptico pelo raio de sol mais forte que incide em nosso olho.

### § 46

Muitos exemplos poderiam ser tirados de moléstias que foram por obra da natureza curadas homeopaticamente por outras moléstias que apresentavam sintomas semelhantes, não fosse necessário, sendo esse nosso objetivo falar de algo determinado e indubitável, reservar nossa atenção apenas para as (poucas) doenças, que são invariavelmente as mesmas, e que surgem de um miasma fixo, merecendo daí nome diverso.

Entre essas, se destaca pelo grande número de seus sintomas violentos, a tão mal afamada varíola, que já aniquilou e curou inúmeros males com sintomas semelhantes.

Com que frequência produz a varíola, oftalmia violenta, às vezes mesmo causando a cegueira! E, note-se, por sua inoculação *Dezoteux*, curou permanentemente uma oftalmia crônica, tal como o fez *Leroy*.

Uma cegueira de dois anos resultante de tinha do couro cabeludo que havia sido suprimida, foi radicalmente curada por essa moléstia, de acordo com *Klein*.

Com que frequência a varíola causa surdez e dispnéia! E ambas essas doenças crônicas foram por ela removidas ao alcançar esta, seu ponto de maior intensidade, como observou *J. Fr. Closs*.

O intumescimento dos testículos, mesmo de caráter muito agudo, é frequentemente sintoma de varíola, e por causa disso pode se curar, como observou *Klein*, em virtude de sua semelhança, grande inchação com endurecimento do testículo esquerdo resultante de um esmagamento. E outro observador testemunhou a cura por este meio de inchação semelhante de testículo.

Entre os acidentes nocivos da varíola, existe um estado disentérico, e este logrou eliminar um caso de disenteria, como agente morbífico





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

---

semelhante, qual observou *Fr. Wendt*.

A superveniência de varíola após a vaccínia, tanto devido à sua maior potência, como à sua grande semelhança, remove imediatamente (homeopaticamente) a febre vacínica, e não permite que esta se desenvolva; mas, por outro lado, esta febre, quando se aproxima de seu desenvolvimento máximo, devido à sua grande semelhança, diminui (homeopaticamente) em muito a varíola que sobrevêm, tornando-a muito mais branda (\*), como testemunharam *Mühry* e muitos outros.

A *febre vacínica*, inoculada, cuja linfa, além da matéria protetora, contém o estopim de uma erupção cutânea geral de outra natureza, que consiste em espinhas (“*pimples*”) geralmente pequenas, secas (raramente grandes, pustulares), com manchas cutâneas vermelhas e acompanhadas de violento prurido, o que ocorre em crianças *alguns dias antes*, e, mais frequentemente, contudo, *após* a auréola vermelha da febre vacínica, saindo em poucos dias, deixando pequenas manchas vermelhas e duras na pele; - a vaccínia inoculada, após “pegar”, cura-se perfeita e permanentemente, de maneira homeopática, pela semelhança deste miasma acessório, erupções cutâneas análogas, de crianças, muitas vezes quando já muito antigas e muito complicadas, como afirmam diversos observadores.

A vaccínia, da qual um dos sintomas peculiares é intumescimento do braço, já curou, após sua irrupção, um braço semi-paralisado e *edemaciado*.

A febre na vaccínia, ocorrendo ao tempo do aparecimento da auréola vermelha, já curou homeopaticamente febre intermitente em dois indivíduos, como relata *Hardege Jr.* Confirmando o que *J. Hunter* já havia observado, que duas febres (males semelhantes) não podem coexistir no mesmo organismo.

O *sarampo* guarda grande semelhança na natureza de sua febre e tosse, com a coqueluche, e por essa razão foi que *Bosquillon* notou, em uma epidemia em que ambas as afecções dominavam, que muitas





## SAMUEL HAHNEMANN

crianças que já haviam superado o sarampo ficaram livres de coqueluche. Todas elas teriam sido protegidas e imunizadas contra a coqueluche naquela epidemia e nas subseqüentes por ação do sarampo, se a coqueluche não fosse uma doença que só em parte se assemelha ao sarampo, isto é, se também tivesse uma erupção cutânea semelhante à desta última. Assim sendo, contudo, o sarampo pôde preservar muitos da coqueluche, e isso só na epidemia então presente.

Contudo, se o *sarampo* entrar em contato com uma moléstia semelhante a ela em seu sintoma principal, a erupção pode sem dúvida alguma removê-la, realizando uma cura homeopática. Assim, uma erupção crônica herpética foi radical e permanentemente (homeopaticamente) curada (\*\*) pela irrupção do sarampo, como foi observado por *Kortum*. Uma erupção miliar com ardência excessiva, na face, pescoço e braços, que durava havia seis anos, agravando-se com mudanças de tempo, ao ocorrer o sarampo, assumiu a forma de inchação da superfície da pele; após haver o sarampo completado o seu curso, o exantema foi curado, não mais retornando.

(\*) Esta parece ser a razão deste fato benéfico notável que, desde a distribuição geral da vacina de Jenner, a varíola no homem nunca mais apareceu de forma tão epidêmica nem tão maléfica quanto 40 ou 50 anos antes, quando uma cidade atingida perdia pelo menos metade, e muitas vezes, três quartas partes de sua população infantil, em virtude desta peste.

(\*\*) Ou, pelo menos, o sintoma foi removido.

### § 47

Nada mais poderia ensinar ao médico, de maneira mais simples e convincente que o acima exposto, qual o tipo de agente morbífico artificial (medicamento) que ele deveria escolher a fim de curar de modo seguro, rápido e permanente, de acordo com o processo que se realiza na natureza.





### § 48

Nem na natureza, como vimos em todos os exemplos acima, nem pela arte do médico, pode-se remover um sofrimento e os males existentes por um agente morbífico dessemelhante, por mais forte que este seja, porém *somente por um que seja semelhante em seus sintomas e um tanto mais forte*, de acordo com as leis da natureza, eternas e irrevogáveis, até agora não reconhecidas.

### § 49

Poderíamos ter encontrado muito mais curas homeopáticas reais, naturais, dessa espécie, se, por um lado, a atenção dos observadores fosse mais dirigida a elas e, por outro lado, se a natureza não houvesse sido tão deficiente em moléstias homeopáticas auxiliares.

### § 50

A própria natureza, poderosa, como testemunhamos, tem em seu poder, como instrumentos para a realização de curas homeopáticas, pouco além das moléstias miasmáticas de caráter constante, sarna, sarampo e varíola (\*), agentes morbíficos que (\*\*), como remédios, oferecem maior perigo à vida, e são mais temidos que as moléstias que curam, ou são de espécie tal que (como a sarna), após haverem realizado a cura de doenças semelhantes, necessitam elas próprias ser curadas a fim de serem, por sua vez, erradicadas, sendo ambas essas circunstâncias que tornam seu emprego, como remédios (homeopáticos), difícil, incerto e perigoso. E muito raras são as moléstias a que o homem se acha sujeito que encontram seu remédio semelhante na varíola, sarampo e sarna! Assim, na natureza, pouquíssimas moléstias podem ser curadas por esses remédios homeopáticos incertos e arriscados e as curas realizadas por esses meios são também acompanhadas de perigo e também com muito sofrimento, porque as doses desses poderes morbíficos não podem ser diminuídas de acordo com as circunstâncias, como podem ser as doses





SAMUEL HAHNEMANN

de medicamentos; mas o paciente de há muito sofredor de mal análogo deve sujeitar-se a toda doença perigosa e desagradável, a varíola e o sarampo (ou sarna), que por sua vez têm de ser curadas. Contudo, como se vê, podemos apontar curas homeopáticas surpreendentes realizadas por essa feliz concorrência, bem como diversas provas expressivas da grande, da única lei terapêutica da natureza que nelas prevalece: *Cure pela semelhança dos sintomas!*

(\*) E o princípio contagioso exantemático presente na linfa da vaccinia.

(\*\*) A saber, varíola e sarampo.

## § 51

Em virtude de tais fatos, essa lei terapêutica torna-se óbvia ao espírito capaz do homem; e estes são inteiramente suficientes para este fim. Mas, por outro lado, vejamos que vantagens tem o homem sobre a rude natureza em suas operações fortuitas! De quantos milhares de agentes morbíficos homeopáticos não dispõe o homem para alívio de seus irmãos sofredores, nas substâncias medicinais universalmente distribuídas por toda a criação! Nelas ele encontra produtores de moléstias de todas as variedades de ação possíveis, para todas as incontáveis moléstias naturais concebíveis e inconcebíveis a que pode dar tratamento homeopático – agentes morbíficos (substâncias medicinais), cujo poder, quando se completar seu emprego terapêutico, sendo subjugado pela força vital, desaparece espontaneamente sem necessitar de segundo tratamento para sua extirpação do organismo, como a sarna, agentes morbíficos artificiais, que o médico pode atenuar, subdividir e graduar quase ao infinito, e cuja dose ele pode diminuir e potencializar tanto que se tornam apenas ligeiramente mais fortes que a moléstia natural semelhante para cuja cura são usados; de modo que nesse incomparável método de cura, não há necessidade de qualquer ataque violento ao organismo para a erradicação mesmo de uma doença antiga inveterada; a cura por esse método realiza-se por uma transição calma, imperceptível,





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

contudo frequentemente rápida, da moléstia natural que atormenta o organismo, ao estado desejado de saúde permanente.

### § 52

Há apenas dois métodos principais de cura: um baseado na cuidadosa observação da natureza, experimentação cuidadosa pura, a *homeopática* (nunca usada intencionalmente antes de mim) e o segundo, que não age assim, o *heteropático ou alopático*. Cada um se opõe ao outro, e somente o que *não conhece* nenhum dos dois pode julgar que eles se aproximam ou se unem, ou pode tornar-se tão ridículo a ponto de clinicar homeopaticamente, às vezes, ou, em outras vezes, alopaticamente, de acordo com a vontade do paciente, prática essa que pode ser chamada de traição criminosa contra a divina homeopatia!

### § 53

As verdadeiras curas, suaves, sucedem apenas de acordo com o método homeopático, que, como descobrimos por outro modo (§ 7-25), por experiência e dedução, é fora de dúvida, aquele por meio do qual as curas mais rápidas, certas e permanentes são obtidas, pois essa arte de curar baseia-se em lei eterna e infalível da natureza.

A arte *pura homeopática* de curar é o único método correto, o único possível à arte humana, o caminho mais reto de curar, e isto é tão certo como não é possível senão uma única linha reta entre dois pontos.

### § 54

O método alopático de tratamento usou muitas coisas contra a doença, mas geralmente somente coisas impróprias (*αλλοια*) e foi largamente empregado durante muitos séculos em formas diferentes denominadas sistemas. Cada um desses, sucedendo-se em diversas épocas e diferenciando-se grandemente entre si, honrava-se com o nome Medicina Racional (\*).

Cada construtor de tal sistema julgava-se capaz de penetrar na





## SAMUEL HAHNEMANN

natureza íntima da vida, tanto dos sadios como dos doentes, e de reconhecê-la claramente e dar-lhe a receita adequada. Por esse meio indicava qual a matéria nociva (\*\*\*) deveria ser banida do doente, e como bani-la a fim de restaurar a saúde, tudo de acordo com vagas suposições e hipóteses arbitrárias, sem honestamente consultar a natureza e escutar sem preconceitos a voz da experiência. As moléstias eram consideradas condições que reapareciam de modo mais ou menos semelhante. A maior parte dos sistemas, portanto, deu nomes a seus quadros imaginados de doenças e classificou-os, cada sistema de modo diferente. Atribuía-se, segundo suposições, as ações aos remédios que deveriam anular estes estados anormais, isto é, curar. (Veja os muitos livros sobre “Matéria Médica”! (\*\*\*)).

(\*) Como se na criação de uma ciência, baseada apenas na observação da natureza e pura experimentação e experiência pudesse haver lugar para especulação sem valor, misturada com conceitos escolásticos.

(\*\*) Até recentemente, o que era curável na doença era considerado matéria que tinha de ser removida, pois ninguém podia conceber o efeito dinâmico (vide nota do §11) de agentes morbíficos, tais como os exercidos pelos remédios sobre a vida do organismo animal.

(\*\*\*) Para entornar a gota de auto convencimento, misturavam (com muito saber) cada vez mais e mais, diversos remédios nas assim chamadas receitas a serem administradas em doses grandes e frequentes, e assim a vida humana, preciosa e facilmente destrutível, ficava realmente em perigo, nas mãos desses perversos. Isto se aplica especialmente a sedenhos, sangrias, eméticos, purgativos, emplastos, fontanelas e cautérios.

## § 55

Em pouco tempo, contudo, o público convenceu-se de que os sofrimentos dos doentes aumentavam e cresciam com a introdução de cada um desses sistemas e métodos de cura, quando esses eram seguidos à risca. Há muito tempo esses médicos alopatas teriam desaparecido, não fosse o *alívio paliativo* às vezes obtido, com remédios empiricamente







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

descobertos (cuja ação satisfatória instantânea é evidente ao paciente) e isto, até certo ponto, servia para manter-lhes o crédito.

### § 56

Por este método *paliativo* (*antipático, enantiopático*), introduzido de acordo com os ensinamentos de Galeno, “*contraria contrariis*”, durante dezessete séculos, os médicos puderam até agora esperar ganhar a confiança do doente, enquanto o enganavam com melhora quase instantânea. Mas, como veremos a seguir, esse método de tratamento é inútil e nocivo (em doenças de curso não muito rápido). É certamente o único dos métodos de tratamento adotados pelos alopatas, que teve evidente relação com parte dos sintomas causados pela moléstia natural; sim, mas que espécie de relação! Em verdade, o mesmo (o oposto exato do método correto) que deveria ser evitado, se não procurássemos iludir o paciente de mal crônico e dele escarnecer (\*).

(\*) Um terceiro método de emprego de remédios em moléstias foi tentado por meio da isopatia, como era chamada, isto é, um método de curar determinada doença pelo mesmo miasma que a produziu. Mesmo que isso pudesse ser feito, ainda assim, visto que o miasma é dado altamente potencializado, e, conseqüentemente, em condição alterada, só se realiza a cura, opondo-se um *simillimo* a um *simillimum*.

Tentar curar por meio da mesma potência morbífica (*per idem*) contradiz todo o entendimento humano, e, portanto, toda a experiência. Os que primeiro observaram a assim chamada *isopatia*, provavelmente pensaram no benefício que a humanidade recebeu da vaccínia, pela qual o indivíduo vacinado se protege contra a futura infecção por varíola, é como se curasse por antecipação, mas ambas, a vaccínia e a varíola, são somente muito semelhantes e de modo nenhum a mesma doença. Em muitos aspectos elas diferem, isto é, no curso mais rápido e benignidade da febre vacínica e especialmente no fato de não ser jamais contagiosa para o homem por simples aproximação. A vacinação universal pôs um termo a todas as epidemias da mortal, terrível varíola, de modo tão completo que a geração atual não mais tem uma concepção clara da praga antiga da varíola.





## SAMUEL HAHNEMANN

Além disso, desse modo, sem dúvida, certas moléstias peculiares a animais podem dar-nos remédios e potências medicinais para moléstias humanas importantes *muito semelhantes*, e, assim, felizmente, aumentarem nosso estoque de remédios homeopáticos.

Mas com uma matéria morbífica humana (um psorinum tirado de sarna humana como remédio para a mesma sarna humana ou para os males dela decorrentes) querer curar – está longe disso, não é a mesma coisa.

Nada pode resultar daí a não ser complicação e agravamento do mal.

### § 57

A fim de pôr em prática esse método antipático, o médico comum dá, para um único sintoma incômodo entre os muitos sintomas da moléstia que lhe passam despercebidos, um remédio que se sabe produzir o oposto exato do sintoma que se tenta eliminar, isso de acordo com a regra seguida há mais de 15 séculos pela antiga escola (*contraria contrariis*), do qual ele pode esperar o alívio mais rápido (paliativo). Dá grandes doses de ópio, para dores de todas as sortes, porque esta droga entorpece logo a sensibilidade, e administra o mesmo remédio para diarréias, pois este rapidamente pára o movimento peristáltico do canal intestinal e o torna insensível; e também para insônia, porque o ópio logo produz um sono comatoso; dá purgantes quando o paciente está há muito tempo sofrendo de constipação e prisão de ventre; manda que a mão que apresente queimadura seja mergulhada em água fria, que por sua baixa temperatura, parece remover instantaneamente a dor queimante, como por passe de mágica; recomenda banhos quentes ao paciente que se queixa de tremores de frio e deficiência de calor vital, pois esses o aquecem apenas imediatamente; que bebam vinho os que sofrem de debilidade prolongada, pelo que se sentem imediatamente fortalecidos e refrescados; do mesmo modo, usa outros meios medicinais opostos (antipáticos), mas dispõe de muito poucos além dos mencionados, pois a escola médica oficial só conhece muito poucas





ações peculiares (primárias).

## § 58

Se, ao estimarmos o valor desse método de emprego de remédios, deixássemos de lado a circunstância de que se refere a *tratamento apenas sintomático e extremamente falho* (vide notas do §7) em que o clínico devota a sua atenção de *modo meramente unilateral, a um único sintoma*, e, quer dizer, apenas para uma pequena parte do todo, pelo que o alívio para a totalidade da doença, que é o que deseja o paciente, não pode evidentemente ser esperado, - devemos, por outro lado, procurar na existência se, em um caso único em que tal emprego antipático de remédio foi utilizado em afecção crônica ou persistente, após melhora passageira, não se seguiu de agravação maior do sintoma que havia primeiramente cedido de modo aliviador, uma agravação assim, de toda a doença? E todos os observadores mais atentos concordarão em que, após essa ligeira melhora antipática, segue-se uma agravação, *em todos os casos, sem exceção*, embora o médico comum esteja habituado a dar ao paciente outra explicação para a subsequente agravação, atribuindo-a à malignidade da doença original, que agora, pela primeira vez, se revela, ou à ocorrência de outro mal (\*).

(\*) Por pouco que os médicos tenham até agora estado habituados à observação minuciosa, a agravação que tão certamente se segue a tal tratamento paliativo não lhes podia escapar completamente. Um exemplo marcante disso pode ser encontrado em J. H. Schulze: *Diss. qua corporis humani momentaneorum alterationum specimina quaedam expenduntur*<sup>411\*</sup>, Hallae, 1741, §28. Willis presta testemunho de algo semelhante ( Pharm. rat., §7, cap. I, pág. 298): “*Opiata dolores atrocissimos plerumque sedant atque indolentiam... procurant, eamque... aliquamdiu et pro statu quodam tempore continuant, quo spatio elapso dolores mox recrudescunt et brevi ad solitam ferociam augentur*”. Também na página 295: “*Exactis opii viribus illico redeunt tormina, nec atrocitatem suam remittunt, nisi dum ab eodem pharmaco rursus incantatur*”.<sup>[2]</sup> De modo semelhante, J. Hunter (*On the Venereal Disease*, pág. 13), diz que o vinho e cordiais dados aos enfraquecidos aumentam a





atividade sem dar força real, e que as forças do corpo caem mais tarde na mesma proporção em que se ergueram, pelo que nada se ganha, mas muito pode ser perdido.

[\*] Nota do trad. – Os números após os textos em latim referem-se à sua tradução, encontrados no final deste volume.

## § 59

Os sintomas importantes de males persistentes, *jamais* no mundo foram tratados com tais paliativos, remédios antagônicos, sem que o estado oposto, uma recaída – na verdade, sensível agravação ao mal – voltasse algumas horas mais tarde. Para uma tendência persistente de sonolência, o médico prescrevia café, cujo primeiro efeito é despertar; e quando seu efeito se dissipava, aumentava a sonolência. Para frequentes interrupções do sono noturno, dava ópio, que em razão de sua ação primária produzia o mesmo sono (muito pesado) noturno, mas nas noites subsequentes a insônia era ainda mais forte que antes. Para diarréias crônicas, prescrevia, sem observar os outros sintomas mórbidos, o mesmo ópio, cuja ação primária é constipar os intestinos, e, após melhora passageira da diarréia, esta tornava-se mais tarde muito mais grave. Dores violentas e frequentes, de toda a espécie, podiam ser por ele suprimidas com ópio que anestesia as sensações por apenas pouco tempo, voltando então com maior gravidade, ou sobrevindo uma afecção muito mais séria. Para tosse noturna, que havia muito afligia o paciente, o médico comum não conhecia, para prescrever, nada melhor que ópio, cuja ação primária é de suprimir a irritação; a tosse talvez tivesse cessado por uma noite, agravando-se nas subsequentes, e se, nas outras vezes, tivesse sido suprimida mediante esse paliativo, em doses maiores, acrescentar-se-iam febre e suores noturnos à doença. Tentou-se curar o enfraquecimento da bexiga, com conseqüente retenção de urina, pela ação antipática de cantáridas para estimular as vias urinárias, pelo que se conseguiu, primeiramente, a evacuação de urina, mas mais tarde, a bexiga tornou-se menos capaz





#### ORGANON DA ARTE DE CURAR

de receber estímulos e tornou-se iminente a sua paralisação. Com grandes doses de drogas purgativas e sais laxativos, que excitam os intestinos a ponto de fazê-los evacuar constantemente, tentou-se curar uma tendência crônica à constipação, mas em efeitos secundários, os intestinos tornaram-se ainda mais constipados. O médico comum procura remover a debilidade crônica com a administração de vinho, que, contudo, estimula apenas em sua ação primária; a partir desse ponto, as forças decaem em sua ação secundária. Com substâncias amargas e condimentos quentes ele tenta fortalecer e aquecer o estômago cronicamente fraco e frio, mas em sua ação secundária desses paliativos, estimulantes apenas em sua ação primária, o estômago se torna ainda mais inativo. A demorada deficiência de calor vital e sensação de frio certamente cederiam à prescrição de banhos mornos, mas os pacientes se tornariam ainda mais enfraquecidos, e sentiriam mais frio, posteriormente. Partes do corpo que tenham sido queimadas encontram alívio imediato com a aplicação de água fria, mas ficariam ainda mais sensíveis mais tarde, e a inflamação subiria a um grau ainda mais elevado (\*). Mediante remédios esternutatórios que provocam a secreção das mucosas, tende-se a curar a coriza acompanhada de entupimento das fossas nasais, mas não se atenta para o fato de que essa doença é ainda mais agravada por esses remédios antagônicos (em sua ação secundária), tornando-se o nariz ainda mais entupido. Por meio da eletricidade e do galvanismo, que em sua ação primária estimulam grandemente a atividade muscular, excitaram-se membros cronicamente fracos e quase paráliticos, a ponto de se tornarem ainda mais ativos, mas a consequência (a ação secundária) foi o amortecimento completo de toda a irritabilidade muscular e paralisia total. Mediante sangrias, tentou-se remover o fluxo de sangue excessivo à cabeça e a outras partes do corpo, por exemplo, nas palpitações, mas seguia-se sempre um maior congestionamento de sangue nesses órgãos, palpitações mais fortes e mais frequentes. Os clínicos comuns





SAMUEL HAHNEMANN

nada melhor conheciam para tratar o torpor paralítico dos órgãos corporais e mentais, juntamente com a inconsciência, que se observa em muitas formas de tifo, do que com grandes doses de valeriana, por ser ela um dos agentes medicinais reanimadores mais poderosos e para aumentar a faculdade motora; em sua ignorância, contudo, não sabiam que esta é somente uma ação *primária*, e que o organismo, após haver ela passado, com toda a certeza, na ação secundária (antagônica), cai em torpor e imobilidade ainda maiores, isto é, em paralisia dos órgãos mentais e corpóreos (e morte); eles não viram que justamente aqueles doentes a que deram grandes doses de valeriana, que, no caso, é um remédio antipático de ação oposta, terminaram, infalivelmente, de modo fatal. O médico da velha escola vangloria-se de poder reduzir durante diversas horas a velocidade do pulso, fraco e acelerado, de pacientes caquéticos com a primeira dose simples de *Digitalis purpurea* (que em sua ação primária diminui a velocidade da pulsação); contudo, retorna com velocidade redobrada; doses repetidas, agora mais fortes, causam cada vez menos e finalmente nenhuma diminuição de sua velocidade. Ela torna-se sim, em seu efeito secundário; caem o sono, apetite e forças, e uma morte rápida é *invariavelmente* o resultado, ou então segue-se a loucura. Em suma, quantas vezes é a moléstia agravada, ou algo ainda pior sucede, em virtude da ação secundária de tais remédios antagônicos (antipáticos), e a velha escola não percebe com suas falsas teorias, mas a experiência no-lo ensina de modo terrível.

(\*) Vide Hufeland, em seu panfleto, die Homöopathie pág. 20.

## § 60

Se esses efeitos desastrosos se produzem, como se deve naturalmente esperar do emprego antipático de medicamentos, o médico comum imagina que pode vencer o mal, administrando, a cada piora da moléstia, uma dose mais forte do remédio, pelo que se realiza uma





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

amenização igualmente passageira (\*); e como há, então, necessidade ainda maior de dar quantidades sempre maiores do paliativo, segue-se ou outra moléstia mais grave, ou frequentemente incurável, com perigo de vida, mesmo, e a própria morte, mas *jamais uma cura* do mal que já tenha tido duração considerável.

(\*) Os paliativos usuais, em sua totalidade, dados para o sofrimento dos doentes (como se vê) têm efeitos posteriores na forma de aumento do mesmo sofrimento, e os médicos mais antigos tinham de repeti-los em doses cada vez mais fortes a fim de obter uma diminuição semelhante, que, contudo, jamais foi permanente ou suficiente para diminuir a possibilidade de uma recaída mais forte do mal.

Mas Broussais, que há vinte e cinco anos combateu a mistura desenfreada de drogas diferentes em receitas, e assim terminou seu reinado na França (pelo que a humanidade lhe é grata), introduziu seu chamado sistema fisiológico (sem atentar para o método homeopático então já estabelecido), método eficiente de tratamento, diminuindo e permanentemente impedindo o retorno de todos os sofrimentos, o qual se aplicava a todas as moléstias da humanidade; coisa que os paliativos então em uso não eram capazes de fazer. Sendo incapaz de curar moléstias com remédios suaves e inocentes e assim restabelecer a saúde, Broussais descobriu a *maneira mais fácil* de acalmar os sofrimentos dos pacientes, pouco a pouco à custa de suas vidas, e finalmente extinguir a vida inteiramente – método de tratamento esse que, infelizmente, pareceu suficiente para seus contemporâneos de vista curta. Quanto mais o paciente ainda tem forças, tanto mais serão aparentes suas queixas, tanto mais vivas ele sente suas dores. Choraminga, geme, grita e pede socorro cada vez mais forte, de modo que as pessoas que o cercam não podem tão rapidamente buscar o médico para dar-lhe alívio. A Broussais bastou deprimir a força vital, diminuí-la mais e mais, quanto mais se sangrasse o paciente, mais sanguessugas e vidros de sangria tiravam o fluido vital (pois o sangue inocente e insubstituível era, de acordo com ele, responsável por quase todos os males). Na mesma proporção o paciente perdia as forças para poder sentir dores ou exprimir sua agravação por meio de violentas queixas e gestos. O paciente aparenta maior calma à medida que enfraquece, os assistentes rejubilam-se com sua melhora aparente, e à medida que os espasmos,





## SAMUEL HAHNEMANN

o sufocamento, os acessos de angústia ou as dores querem recomeçar novamente, eles correm em busca dos remédios que já haviam acalmado tão bem e prometiam novamente tranquilizá-lo. Em males de longa duração e quando o paciente tinha ainda alguma força, tiravam-lhe a alimentação, pondo-o em “dieta de fome”, a fim de deprimir-lhe a vida, com maior sucesso e fazer desaparecer o estado de inquietação. O paciente debilitado sente-se incapaz de protestar contra outras medidas semelhantes de sangria, sanguessugas, banhos quentes etc., recusando seu emprego. Que a morte deverá seguir-se a estas reduções e exaustão *frequentemente repetidas*, é um fato que não percebe o paciente, já destituído de toda a consciência, nem os parentes que são enganados por uma melhora também dos últimos sofrimentos do paciente, através da retirada de sangue e banhos mornos, e ficam admirados como o doente de repente pode morrer embaixo de suas mãos.

“Mas Deus sabe que o paciente em seu leito não foi tratado com violência, pois a picada de uma pequena lanceta não chega a ser dolorosa e a solução de goma-arábica (Eau de Gomme, praticamente o único remédio que Broussais permitia), era de gosto suave e sem efeito aparente – a sucção de sanguessugas e a sangria realizadas pelo médico eram suaves, ao passo que os banhos mornos só podiam acalmar, razão pela qual a moléstia desde o começo deveria ter sido fatal, de modo que o paciente, não obstante todos os esforços do médico, teve de deixar este mundo”. Assim consolavam-se os parentes e especialmente os herdeiros.

Os médicos na Europa e em outros lugares aceitavam *esse método conveniente de tratamento de todas as moléstias*, de acordo com uma única regra, pois poupava-lhes o trabalho de pensar (o trabalho mais laborioso sob o sol). Eles só tinham de preocupar-se em acalmar as lembranças da consciência e consolar-se que não eram os iniciadores do sistema e deste método de tratamento, que todos os outros milhares de seguidores de Broussais faziam a mesma coisa e que possivelmente tudo terminaria com a morte de qualquer modo, como lhes ensinou o seu mestre. Assim milhares de médicos foram miseravelmente induzidos (esquecendo-se das palavras trovejantes do mais antigo de nossos legisladores: “Não verterás sangue, pois a vida está no sangue”) e fazer jorrar do coração frio o sangue quente de seus doentes *incuráveis* e assim (conforme o método de Broussais) roubar *gradativamente* mais







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

vidas, do que os milhões de pessoas que tomaram impiedosamente nas batalhas de Napoleão. Será que foi necessário, por determinação de Deus, que o sistema de Broussais, que destruiu medicamente a vida de pacientes curáveis, precedesse a Homeopatia a fim de abrir os olhos do mundo para a única e verdadeira ciência e arte de curar, a Homeopatia, em que todos os pacientes curáveis encontram a saúde e nova vida, quando esta mais difícil das artes é praticada pelo médico incansável e perspicaz, de forma pura e conscienciosa?

### § 61

*Se os médicos pudessem meditar sobre os tristes resultados do método antagônico de empregar medicamentos, teriam, há muito, descoberto a grande verdade: que a verdadeira e radical arte de curar deve ser encontrada no oposto exato de tal tratamento anti-pático dos sintomas da moléstia.* Eles se convenceriam que, assim como um efeito medicamentoso contrário aos sintomas mórbidos (medicamento empregado antipaticamente), só apresenta alívio de curta duração e tem sempre, após este ter passado, uma consequente agravação, assim necessariamente o método contrário, o emprego *homeopático de medicamentos*, de acordo com sua semelhança de sintomas, deve conseguir uma cura total e duradoura, quando no caso são ministrados o oposto de suas doses grandes, as mais diminutas. Mas, nem por este motivo, nem pelo fato de nenhum médico jamais ter conseguido uma cura duradoura, em males *mais antigos*, se em sua receita não se encontrasse casualmente um medicamento de ação preponderantemente homeopática, também não pelo fato de todas as curas rápidas e totais que a natureza possa ter efetuado em alguma ocasião (§ 46), as quais *sempre* foram causadas por uma moléstia *semelhante*, que tenha sobrevindo à antiga, eles descobririam durante um tão grande número de séculos esta verdade que unicamente é capaz de trazer a cura.





## § 62

As causas de que depende esse resultado pernicioso do tratamento paliativo, antipático, bem como a eficácia do *oposto*, o tratamento homeopático, são esclarecidas pelos fatos seguintes, conclusões de diversas observações, que ninguém antes de mim havia percebido, embora sejam tão evidentes e palpáveis, e de importância infinita para a arte de curar.

## § 63

Cada potência que atua sobre a vitalidade, cada medicamento, afeta mais ou menos a força vital, e causa certa alteração na saúde do indivíduo, por período mais longo ou mais curto. Isto chama-se *ação primária*. Embora sendo conjuntamente um produto das forças vital e medicinal, pertence principalmente à segunda. À sua ação a nossa força vital procura opor sua própria energia. Essa ação resistente é uma propriedade, é, de fato uma ação automática de nosso poder de preservar a vida, chamada *ação secundária* ou *reação*.

## § 64

Na ação primária das potências morbíficas artificiais (medicamentos) sobre nosso corpo parece que (como podemos verificar nos exemplos seguintes) nossa força vital se comporta apenas passivamente (receptiva, como que sofrendo), e assim como que obrigada a isto, permite que a potência artificial externa atue sobre ela e mude seu comportamento, para logo em seguida se reerguer e reagir a esta influência (ação primária):

a) produzindo no mesmo grau o estado exatamente oposto (*ação contrária, secundária*) à *ação primária* produzida sobre ela, *se tal estado existir*, e isto na proporção de sua própria energia; ou,

b) se não houver na natureza um estado que seja exatamente o oposto da ação primária, ela parece querer fazer valer seu poder supe-





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

rior extinguindo a mudança nela produzida pelo agente externo (pelo medicamento), colocando em seu lugar seu próprio estado normal (*ação secundária, ação curativa*).

### § 65

Exemplos de (a) são conhecidos de todos. Uma mão banhada em água quente fica primeiro muito mais quente que a outra mão que não o foi (*ação primária*); mas, após retirada da água quente, e sendo completamente enxuta, esfria em pouco tempo, ficando, depois, muito mais fria que a outra (*ação secundária*). Uma pessoa aquecida por violento exercício (*ação primária*) torna-se, ainda mais tarde, tomada de frio e tremores (*ação secundária*). Alguém que ontem tenha-se aquecido tomando muito vinho (*ação primária*), hoje sente que cada lufada de ar está muito fria (*ação contrária do organismo, secundária*). Um braço que tenha sido conservado demoradamente em água muito fria fica primeiro muito mais pálido e frio (*ação primária*) que o outro; retirado, porém, da água fria e enxuto, torna-se posteriormente não apenas mais quente que o outro, mas também vermelho, quente e inflamado (*ação secundária, reação da força vital*). Uma excitação excessiva segue-se à ingestão de café forte (*ação primária*), porém, mais tarde, sobrevêm certa indolência e sonolência, que permanece por algum tempo (*reação, ação secundária*), se não for sempre removida outra vez, por pouco tempo, bebendo-se mais café (*paliativo*). Após um sono muito profundo causado pelo ópio (*ação primária*), a noite seguinte será tanto mais sem sono (*reação, ação secundária*). Após a constipação produzida pelo ópio (*ação primária*), segue-se uma diarreia (*ação secundária*); após a purgação mediante medicamentos que irritam os intestinos, sobrevêm uma constipação de diversos dias de duração (*ação secundária*). Acontece sempre igualmente: após a ação primária de um medicamento que produz em grandes doses grande modificação na saúde de uma pessoa sadia, produz-se o oposto exato





(se é que existe de fato tal coisa, como já se observou), como ação secundária da nossa força vital.

## § 66

Contudo, uma ação contrária secundária certa, como se conclui facilmente, não se deverá notar na ação de doses homeopáticas mínimas dos agentes perturbadores, no corpo são. Uma pequena dose de cada uma delas produz, certamente, uma ação primária que é perceptível ao observador suficientemente atento; mas o organismo vivo emprega contra ela somente a reação (ação secundária) que for necessária para o restabelecimento do estado normal.

## § 67

Essas verdades incontestáveis, que espontaneamente se oferecem à nossa observação na natureza e na experiência, explicam-nos a ação benéfica que ocorre com o tratamento homeopático, assim como, por outro lado, demonstram o absurdo do tratamento antipático e paliativo de moléstias com o medicamento de ação antagonica (\*).

(\*) Só nos casos de maior urgência, em que perigo de vida e a morte iminente não dão tempo para ação de um medicamento homeopático – não horas, às vezes nem quartos de hora, ou apenas minutos – em acidentes repentinos com indivíduos até então são – por exemplo, em casos de asfixia e morte aparente em vítimas de raios, de sufocação, congelamento, afogamento etc. – é admissível, e aconselhável, nestes casos, como medida preliminar, estimular a irritabilidade e sensibilidade (a vida física) com um paliativo, como por exemplo com choques elétricos fracos, com clisteres de café forte, com um odor estimulante, aplicação progressiva de calor etc. Quando esse estímulo for efetuado, os órgãos vitais retomam suas funções normais sadias, pois não há, nesses casos, nenhuma moléstia a (e) ser removida, mas apenas uma obstrução e supressão de força vital sadia. A esta categoria pertencem vários antídotos de envenenamentos súbitos: álcalis para ácidos minerais, *Hepar sulphuris* para venenos metálicos, café e cânfora (e *Ipecacuanha*) para envenenamento por ópio etc.





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

Não se deve concluir que se escolheu mal um medicamento homeopático para um caso de doença, porque alguns dos sintomas medicinais são somente antipáticos a alguns sintomas menores e menos importantes da doença; se somente os outros, os sintomas da doença, mais fortes, bem definidos (característicos) e peculiares, são atingidos e contrabalançados pelo mesmo medicamento com semelhança de sintomas (homeopático), isto é, vencidos, destruídos e extintos; os poucos sintomas opostos também desaparecem por si após o término do período de ação do medicamento, sem de modo nenhum retardarem a cura.

(<sup>e</sup>) E ainda a nova seita que confunde os dois sistemas apela (embora em vão) para esta observação, a fim de ter uma desculpa para achar por toda a parte tais exceções à regra geral das doenças, e justificar seu uso de paliativos alopáticos, bem como de outras drogas alopáticas, somente para poupar-se o trabalho de procurar um remédio homeopático adequado para cada caso de doença – e assim figurarem comodamente como médicos homeopatas sem o serem. Mas seus atos combinam com o sistema que seguem – são perniciosos.

### § 68

Em *curas homeopáticas*, a experiência nos ensina que, das doses extraordinariamente pequenas de medicamentos (§§ 275-287), necessárias nesse método de tratamento, que, pela semelhança de seus sintomas, são apenas suficientes para vencer e remover da sensação do princípio vital a moléstia natural semelhante, certamente resta, às vezes, após a destruição desta última, a princípio certa quantidade de doença medicinal só no organismo, mas, em virtude da extraordinária pequenez da dose, é tão passageira, tão pequena, que desaparece rapidamente por si, que a força vital não precisa empregar, contra esse distúrbio artificial da saúde, reação que seja mais forte que o necessário, para elevar seu estado atual de saúde ao ponto saudável (isto é, para realizar uma cura completa); para o que, após a extinção da antiga perturbação mórbida, apenas se requer um esforço muito pequeno (§ 64, b).





## § 69

No método antipático (paliativo) de tratamento, contudo, acontece exatamente o oposto. O sintoma medicinal com que o médico combate o sintoma patológico (por exemplo, a insensibilidade e estupefação causada pelo ópio em sua ação primária contra dores agudas) não é certamente estranho, não inteiramente alopático, a esse último; há uma relação evidente do sintoma medicinal com o sintoma da doença, mas é o *oposto* do que deveria ser; aí se pretende que a eliminação do sintoma da doença seja efetuada por um sintoma medicinal *oposto*, o que, contudo, é impossível. Sem dúvida, o medicamento antipático escolhido atinge exatamente o mesmo ponto afetado no organismo, tão seguramente como o medicamento morbífico semelhante homeopaticamente escolhido; o primeiro, porém, atinge apenas ligeiramente o sintoma oposto da doença, somente como um oposto, deixando de ser notado pelo nosso princípio vital, apenas por tempo muito breve, de modo que no primeiro momento da ação do paliativo antagônico, a força vital não percebe nada de desagradável em qualquer um dos dois (nem do sintoma morbífico, nem do sintoma medicamentoso contrário), por parecerem ambos removidos e dinamicamente neutralizados, por assim dizer (isto é, por exemplo, o efeito produzido na dor, pelo poder estupefaciente do ópio). Nos primeiros minutos a força vital permanece normal, sem perceber nem a estupefação do ópio, nem a dor da doença. Mas, como o sintoma medicinal antagônico *não* pode (como no tratamento homeopático) ocupar o lugar da perturbação mórbida presente no organismo (na sensação do princípio vital) como moléstia *semelhante, mais forte* (artificial), e não pode, portanto, como um medicamento homeopático, afetar a força vital com um mal muito semelhante artificial, a fim de poder substituir o mal natural mórbido, o medicamento paliativo precisa, como coisa *totalmente diferente* e oposta do distúrbio patológico, deixar esse mal não eliminado; ele o deixa, como já foi dito, por uma semelhança da neutralização dinâmi-





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

ca (\*), primeiro sem ser notado pela força vital, mas, como todo mal medicinal, logo desaparece espontaneamente, não só deixando que a moléstia continue, exatamente como estava, porém obrigando a força vital (uma vez que ela, como todos os paliativos teve que ser ministrada em grandes doses, a fim de conseguir um alívio aparente) a produzir uma condição oposta (§§ 63-65), a esse medicamento paliativo, o inverso da ação medicinal, conseqüentemente análoga ao mal natural mórbido, intacto, ainda presente, que foi necessariamente revigorado e aumentado (\*\*) por esse acréscimo (reação contra o paliativo) produzido pela força vital. O *sintoma do mal* (esta parte isolada do mal) *conseqüentemente piora após terminar a ação do paliativo; piora em relação à magnitude da dose do paliativo*. Assim (para nos atermos ao mesmo exemplo), quanto maior a dose de ópio dada para aliviar a dor, tanto mais aumenta esta além de sua intensidade original, assim que o ópio termina sua ação (\*\*\*) .

(\*) No ser humano vivo não podem ocorrer neutralizações permanentes de sensações antagônicas, ao contrário do que ocorre com substâncias de qualidades opostas no laboratório químico onde, por exemplo, o ácido sulfúrico e a potassa se unem, formando uma substância inteiramente diferente, um sal neutro, que já não é nem ácido nem alcalino, nem é decomposto pelo calor. Tais fusões e combinações, formando algo permanentemente neutro e indiferente, como dito acima, nunca ocorrem com relação a impressões dinâmicas de natureza antagônicas em nosso aparelho sensitivo. Somente uma semelhança de neutralização e remoção mútua ocorre em tais casos, primeiramente, mas as sensações antagônicas não se removem mutuamente de maneira permanente. As lágrimas do sofredor enxugar-se-ão por tempo muito breve, por um espetáculo engraçado; contudo, logo se esquecem as graças, e suas lágrimas correrão, então, ainda mais abundantes que antes.

(\*\*) Por mais clara que seja esta proposição, tem sido mal interpretada, e contra ela alguns têm afirmado “que o paliativo, em sua ação secundária, que seria então semelhante ao mal presente, deve ser capaz de curar, tão bem quanto o medicamento homeopático por sua ação primária”. Mas não refletiam que a ação secundária





## SAMUEL HAHNEMANN

**nunca** é um produto do medicamento, mas sempre da força vital do organismo, agindo de forma contrária; que, portanto, esta ação secundária produzida pela força vital, através do emprego de um paliativo, seja um estado semelhante ao do sintoma mórbido que o paliativo deixou intacta, e que a reação da força vital contra o paliativo, conseqüentemente, ainda mais aumentou.

(\*\*\*) Como num cárcere escuro, em que o prisioneiro só pode reconhecer pouco a pouco com dificuldade os objetos em seu redor, quando se acende repentinamente uma luz, tudo se ilumina instantaneamente de forma deveras consoladora para o infeliz recluso; mas quando se extingue, quanto mais brilhante era antes a chama, tanto mais escura é a noite que agora o envolve, e torna tudo ao seu redor ainda mais difícil de divisar que antes.

### § 70

Do acima exposto, não podemos deixar de tirar as seguintes conclusões:

Que tudo o que há de caráter realmente mórbido, e que deve ser curado, que o médico pode descobrir em doenças, consiste apenas nos sofrimentos do paciente, e nas alterações sensíveis em sua saúde, em uma palavra, na totalidade dos sintomas, por meio dos quais a moléstia exige o medicamento apropriado para o seu alívio; enquanto, por outro lado, cada causa interna a ela atribuída, cada qualidade oculta ou princípio morbífico material imaginário, não é mais que vã ilusão.

Que esta perturbação do estado de saúde, a que chamamos moléstia, somente pode ser convertida em saúde mediante outra revolução efetuada no estado de saúde por meio de medicamentos, cujo único poder curativo, conseqüentemente, só pode consistir em alterar o estado de saúde do homem; isto é, em uma produção peculiar de sintomas mórbidos, que são percebidos de maneira mais clara e pura, quando experimentados no organismo são.

Que, de acordo com toda a experiência, um mal natural nunca pode ser curado por medicamentos que possuem o poder de produzir







#### ORGANON DA ARTE DE CURAR

no indivíduo são um estado mórbido estranho (sintomas mórbidos dessemelhantes) que *diferem* do da doença a ser curada (nunca, portanto, por método alopático de tratamento); e que mesmo na natureza jamais ocorre cura em que se remove uma doença inerente, ou é esta eliminada e curada pelo acréscimo de outra doença dessemelhante, por mais forte que a mais nova seja.

Que, além disso, toda a experiência prova que, mediante medicamentos que tenham tendência a produzir no indivíduo sadio sintoma mórbido artificial *antagônico* ao simples sintoma da doença que se procura curar, a cura de uma afecção antiga jamais será efetuada, resultando apenas alívio muito passageiro, sempre seguido de sua agravação; e que, em uma palavra, esse tratamento antipático e meramente paliativo, em casos de doenças antigas de caráter grave, é absolutamente ineficaz.

Que, não obstante, o terceiro e único método possível de tratamento (o homeopático), em que se emprega *contra a totalidade dos sintomas* de uma doença natural um medicamento capaz de produzir os sintomas mais semelhantes possíveis no indivíduo são, dado em dose conveniente, é o único método eficaz pelo qual as moléstias, que nada mais são que irritações perturbadoras dinâmicas da força vital, são vencidas, sendo assim fácil, perfeita e permanentemente extintas, deixando, portanto, de existir. Isto é produzido mediante as irritações perturbadoras semelhantes e mais fortes do medicamento homeopático na sensação do princípio vital. Para este método, temos um exemplo da própria natureza, quando a uma doença acrescenta-se outra semelhante à primeira, pela qual a nova é aniquilada e curada rápida e permanentemente.

### § 71

Já que não há mais dúvida de que as doenças do gênero humano consistem apenas de grupos de certos sintomas, que podem ser elimi-





## SAMUEL HAHNEMANN

nados e transformados em saúde por substâncias medicinais, somente, porém, pelas capazes de artificialmente produzirem sintomas mórbidos semelhantes (e este é o processo em todas as curas genuínas), então a operação da cura restringe-se aos três pontos seguintes:

I – Como deve o médico determinar o que é necessário saber a fim de curar a moléstia?

II – Como ele pesquisa os instrumentos necessários para a cura das doenças naturais, a potência patogênica dos medicamentos?

III – Qual o método mais conveniente de emprego destes agentes morbíficos artificiais (medicamentos) para a cura do mal natural?

### § 72

Quanto ao primeiro ponto, o que se segue servirá de base geral e preliminar. As moléstias a que está sujeito o homem são ou processos mórbidos rápidos da força vital anormalmente perturbada, que têm a tendência de completar seu curso de modo mais ou menos rápido, mas sempre em um tempo moderado, as chamadas doenças *agudas*, ou são doenças de caráter tal que, com um início pequeno, muitas vezes imperceptível, afetam dinamicamente o organismo vivo, cada uma de seu modo peculiar, fazendo-o desviar, pouco a pouco, do estado normal de saúde, de forma que a energia vital automática, chamada força vital (princípio vital), cuja função é preservar a saúde, só lhes opõe no começo e no decorrer de seu curso, uma resistência imperfeita, inadequada e inútil, sendo por si incapaz de extingui-las, devendo sofrer impotentemente o seu alastramento, a ponto de ser cada vez mais perturbada até que, por fim, o organismo seja destruído. Estas doenças se chamam *crônicas*. São causadas pelo contágio dinâmico por um miasma crônico.





§ 73

Quanto às moléstias agudas, podem ser de tal natureza que atacam os homens individualmente, sendo a *causa excitante influências prejudiciais* a que estavam especialmente expostas. Excessos ou insuficiências alimentares, impressões físicas intensas, frio ou calor excessivos, desgaste, esforços etc., ou irritações físicas, emoções ou algo semelhante, são causas excitantes de tais afecções febris; em realidade, contudo, são geralmente apenas uma explosão passageira de Psora latente, que retorna espontaneamente a seu estado latente se as moléstias não foram de caráter demasiado violento e foram logo dissipadas.

Podem, também, ser de espécie tal que atacam diversas pessoas ao mesmo tempo, aqui e ali (esporadicamente), mediante influências meteóricas ou telúricas e agentes maléficos, sendo a suscetibilidade de ser morbidamente afetado por elas, possuída por apenas poucas pessoas ao mesmo tempo.

Juntamente com essas estão as doenças em que diversas pessoas são atacadas por sofrimentos muito semelhantes, provenientes da mesma causa epidêmica; essas doenças, geralmente, se tornam infecciosas (contagiosas) quando assolam diversos grupos humanos densos.

Daí surgem febres (\*), em cada caso de natureza peculiar e, porque os casos de doença têm origem idêntica, determinam a todas elas um processo mórbido idêntico, que, se deixado à própria sorte, sem tratamento, em pouco tempo termina ou em morte ou no restabelecimento.

As calamidades da guerra, inundações e fome, muitas vezes são as suas causas – às vezes são *miasmas agudos* peculiares que retornam da mesma maneira (daí serem conhecidos por algum nome tradicional), que ou atacam as pessoas apenas uma vez na vida, como a varíola, sarampo, coqueluche, a antiga febre escarlate lisa, vermelho claro (\*\*\*) de Sydenham, a caxumba etc., ou as que reaparecem frequentemente de modo muito semelhante, a peste do Levante, a febre amarela do litoral, a cólera da Índia Oriental.





## SAMUEL HAHNEMANN

(\*) O médico homeopata, que não leva em conta os preconceitos da escola comum de medicina (que fixou alguns poucos nomes de tais febres, além das quais a poderosa natureza, por assim dizer, não ousou produzir quaisquer outras, de modo a admitir seu tratamento de acordo com algum método fixo), não reconhece os nomes febre dos cárceres, febre biliar, febre tifoide, febre de putrefação, febre nervosa ou catarral, tratando cada uma delas sem lhes dar um nome específico, de acordo com suas diversas peculiaridades.

(\*\*) Depois do ano de 1801, uma “*purpura miliaris*” (Roodvonk) proveniente do Ocidente, foi confundida pelos médicos com a febre escarlate, não obstante aquela apresentar sintomas inteiramente diferentes desta, havendo aquela encontrado seu remédio curativo e profilático na *Belladonna*, ao passo que esta o encontrou no *Aconitum*, sendo a última, geralmente, apenas esporádica, e a primeira sempre apenas epidêmica. Ultimamente parece que as duas uniam-se ocasionalmente formando uma febre eruptiva de tipo peculiar, para a qual nenhum dos dois remédios citados, empregados separadamente, será considerado exatamente homeopático.

## § 74

Entre as doenças crônicas, infelizmente, ainda devemos incluir as tão comumente encontradas, produzidas artificialmente pelo tratamento alopático, como também pelo uso prolongado de medicamentos heroicos violentos em doses fortes e progressivas, pelo abuso de calomelano, sublimado corrosivo, unguento de mercúrio, nitrato de prata, iodo e seu unguento, ópio, valeriana, casca de cinchona e quinino, digital, ácido prússico, enxofre e ácido sulfúrico, purgantes, repetidas sangrias (\*), vertendo rios de sangue, cautérios, sanguessugas, sedenhos etc., pelo que a energia vital é, às vezes, impiedosamente enfraquecida, quando não sucumbe, sendo anormalmente afetada (por cada substância de maneira peculiar) de modo tal que, a fim de conservar a vida, a despeito desses ataques atrozos e destrutivos, deve produzir uma revolução no organismo, ou privando alguma de suas partes de sua irritabilidade e sensibilidade, ou exaltando-as de modo excessivo,





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

causando dilatação ou contração, relaxamento ou endurecimento, ou mesmo destruição total de certas partes, e desenvolvendo alterações orgânicas falhas, aqui e ali, no interior e exterior do organismo (\*\*) (estropiando o corpo interna ou externamente), a fim de preservar o organismo de completa destruição da vida pelos ataques hostis e sempre renovados, por parte dessas forças destrutivas.

(\*) Entre todos os métodos imagináveis de alívio da doença, nenhum método mais alopático, irracional ou inadequado pode ser imaginado que o de Broussais, tratamento debilitante mediante sangrias e dieta de fome que, por muitos anos, difundiu-se em grande parte do mundo. Nenhum homem inteligente pode ver nele qualquer coisa de valor médico ou medicinal, ao passo que os remédios verdadeiros, mesmo se escolhidos às cegas, e administrados ao paciente, podem, às vezes, ser valiosos em determinado caso de doença, porque podem ser, acidentalmente, homeopáticos por acaso. Mas da sangria o bom senso nada mais pode esperar, do que a diminuição e encurtamento da vida. É um engano triste e inteiramente infundado pensar que a maioria, e mesmo a totalidade das doenças dependam de inflamações locais. É geralmente inadequado, até homicida, tirar diversas libras de sangue das veias em febres inflamatórias, quando alguns remédios adequados acabariam com esse estado de irritação arterial, eliminando o sangue até então parado, juntamente com a moléstia, em algumas horas, sem a menor perda de fluidos ou de força. Tal perda de sangue é evidentemente insubstituível para o prosseguimento do restante da vida, pois os órgãos destinados pelo Criador para a produção de sangue tornaram-se assim enfraquecidos e, embora ainda possam produzir sangue na mesma quantidade, não o podem na mesma qualidade. E como é possível que essa pletora imaginada tenha sido produzida com tão notável rapidez e assim retirada por frequentes sangrias quando ainda uma hora antes o pulso desse paciente (antes do período da febre e dos tremores) estava tão tranquilo? Nenhum homem, nenhum doente teve jamais sangue em demasia <sup>(a)</sup> ou força demasiada. Ao contrário, cada doente carece de forças, ou então seu princípio vital teria impedido o desenvolvimento do mal. Assim é tão irracional como cruel acrescentar aos sofrimentos desse paciente tão debilitado uma fonte de debilidade ainda maior, na verdade a mais séria de todas as fontes





## SAMUEL HAHNEMANN

de fraqueza que se possam imaginar. É uma prática errônea, assassina, irracional e cruel, baseada numa teoria inteiramente infundada e absurda, em vez de remover a doença que é sempre dinâmica e só pode ser eliminada por potências dinâmicas.

(<sup>e</sup>) O único caso possível de plethora apresenta-se na mulher sadia, alguns dias antes da menstruação, com uma sensação de certa plenitude no útero e nos seios, sem inflamação, porém.

(\*\*) Se o paciente por fim sucumbe, o médico que administra esse tratamento habitualmente aponta aos chorosos parentes, no exame *post-mortem*, estes males orgânicos internos, que se devem à sua pseudo arte, mas que ele afirma espertamente, serem a doença original incurável (vide minha obra *Die Allöopathie, ein Wort der Warnung an Kranke jeder Art. Leipzig, bei Baumgärtner* (<sup>oo</sup>)). Esses registros enganosos, trabalhos ilustrados sobre anatomia patológica, apresentam os produtos desses estragos. *Os mortos do campo e os pobres das cidades que tenham falecido sem esses estragos por meio de medidas prejudiciais não são, via de regra, abertos para fins de estudos anatomopatológicos.* Tal corrupção e tais deformidades não seriam encontradas em seus cadáveres. Desse fato se pode julgar o valor da evidência tirada dessas belas ilustrações, bem como a honestidade dos senhores escritores de livros.

(<sup>oo</sup>) N.T. (A alopatia, uma palavra de alerta a doentes de toda espécie). Escritos Menores.

## § 75

Estes estragos na saúde humana realizados pela arte não-curativa alopática (principalmente nestes últimos tempos) são, de todas as doenças crônicas, as mais deploráveis, as mais incuráveis; e lamento acrescentar que é aparentemente impossível descobrir ou imaginar remédios para a sua cura, quando essas doenças já alcançaram um estágio consideravelmente adiantado.

## § 76

Somente para as doenças naturais a Providência benéfica nos concedeu, na homeopatia, os meios de alcançar alívio; bem como as





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

devastações e mutilações do organismo, tanto externa como internamente, realizadas muitas vezes durante anos de exercício impiedoso de uma falsa arte, com suas drogas e tratamentos nocivos, deveriam ser *remediadas pela própria força vital* (dando-se ajuda adequada para a erradicação de qualquer miasma crônico que possa permanecer oculto), se já não tivesse sido enfraquecido em demasia por tais atos maléficis, e pudesse dedicar-se por anos a fio a esta enorme operação sem ser afetada. Não há, nem pode haver, uma arte humana de curar, para a restauração ao estado normal destas inúmeras condições anormais, tão frequentemente produzidas pela arte não-curativa alopática.

### § 77

Os males impropriamente chamados crônicos são os contraídos pelas pessoas que se expõem continuamente à influências nocivas evitáveis, que se habitam a abusar de líquidos ou alimentos nocivos, que se entregam a dissipações de muitos tipos, as quais prejudicam a saúde, que se privam por muito tempo de coisas necessárias para o sustento da vida, que residem em locais insalubres, principalmente em lugares pantanosos, que habitam em oficinas úmidas, porões ou outras moradias fechadas, que se privam de exercícios ou de ar puro, que arruinam a saúde, forçando o corpo ou a mente, que vivem em constantes preocupações etc. Esses estados de falta de saúde, que as próprias pessoas contraem, desaparecem espontaneamente (desde que não haja, latente no corpo, nenhum miasma crônico), com um método de vida mais sadio, não podendo ser chamados doenças crônicas.

### § 78

As verdadeiras doenças *crônicas naturais* são as oriundas de um miasma crônico, que, quando entregues à própria sorte, e não combatidas pelo emprego de remédios específicos para elas, continuam sempre aumentando e piorando, não obstante os melhores regimes





## SAMUEL HAHNEMANN

mentais e físicos, e atormentam o paciente até o fim de sua vida, com sofrimentos sempre crescentes. Esses, exceto os produzidos mediante tratamento médico errôneo (§ 74), são os mais numerosos e maiores flagelos da raça humana; mesmo uma constituição física muito robusta, o modo de vida mais normal e a energia mais vigorosa da força vital são insuficientes para a sua erradicação (\*).

(\*) Durante os anos florescentes da juventude, e com o início da menstruação regular combinada a um modo de vida benéfico à alma, ao coração e ao corpo, elas permanecem despercebidas durante anos. (Os doentes aparentam perfeita saúde aos seus parentes e conhecidos e a doença que havia sido tomada por infecção ou doença herdada, parece ter desaparecido de todo. Mas, em anos subsequentes, após acontecimentos e condições adversas da vida, reaparecem com toda a certeza, progridem com grande rapidez e assumem maior gravidade à medida que o princípio vital é afetado por paixões, sofrimentos e cuidados debilitantes, mas especialmente quando perturbados por tratamento medicinal inadequado.).

### § 79

Até agora só a Syphillis tem sido conhecida, até certo ponto, como doença crônica miasmática, que, quando não curada, cessa somente com o término da vida. A Sycosis (o mal condilomatoso), não curada, igualmente inerradicável pela força vital, não foi reconhecida como doença crônica miasmática de caráter peculiar, o que, sem sombra de dúvida, o é, e os médicos imaginaram que a tinham curado quando haviam destruído as excrescências na pele, embora a discrasia persistente por ela ocasionada escapasse à sua observação.

### § 80

Incalculavelmente maior e mais importante que os dois miasmas crônicos que acabamos de mencionar, há o miasma crônico da Psora, que (conquanto aqueles dois revelem sua discrasia interna específica, um pelo cancro venéreo, o outro pelas excrescências em forma de







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

couve-flor) também se revela, após o término da infecção interna de todo o organismo, por uma erupção cutânea peculiar, consistindo, às vezes, apenas de pequenas vesículas acompanhadas de prurido forte e voluptuoso (e de odor característico), o miasma interno crônico monstruoso — a Psora, a única *causa fundamental* real, produtora de todas as demais numerosas outras, direi mesmo incontáveis, formas de moléstia (\*), que, com os nomes de debilidade nervosa, histeria, hipocondria, mania, melancolia, demência, furor, epilepsia e convulsões de toda a sorte, amolecimento dos ossos (raquitismo), escrofulose, escoliose e cifose, cárie, câncer, “fungus haematodes”, neoplasmas, gota, hemorroidas, icterícia, cianose, hidropisia, amenorréia, hemorragia gástrica, nasal, pulmonar, vesicular e uterina; asma e úlcera pulmonar, impotência e esterilidade, enxaqueca, surdez, catarata, amaurose, cálculos nos rins, paralisia, defeitos dos sentidos e dores de milhares de espécies etc., figuram nas obras sistemáticas de patologia como doenças peculiares e independentes.

(\*) Passei doze anos investigando a fonte deste número incrivelmente alto de afecções crônicas, verificando e coligindo certas provas desta grande verdade que permaneceu desconhecida de todos os observadores, quer os antigos, quer os contemporâneos, e descobrindo, ao mesmo tempo, os principais remédios (antipsóricos) que, em conjunto, combatem este monstro de mil cabeças, esta doença, em todas as suas formas e estágios.

Publiquei minhas observações sobre este assunto no livro intitulado “As Doenças Crônicas” (4 partes Dresd. b. Arnold 1828. 1830 e, segunda edição em 5 volumes, por Schaub); antes de ter obtido este conhecimento eu só pude ensinar a tratar toda a série de doenças crônicas como males individuais, isolados, com as substâncias medicinais cujos efeitos puros até então haviam sido experimentados em indivíduos sãos, de maneira que cada caso de doença crônica era tratado por meus discípulos de acordo com o grupo de sintomas que apresentava, do mesmo modo que um mal idiopático, e frequentemente curava de tal jeito que a humanidade doente se regozijava com o extenso tesouro medicinal já coligido pela nova arte de curar. E como a humanidade





## SAMUEL HAHNEMANN

pode estar agora mais satisfeita, sendo que ela agora chega tanto mais perto do fim almejado, uma vez que lhe foram dados a conhecer os remédios homeopáticos adicionalmente achados, muito mais específicos, para os males crônicos resultantes da Psora, e os ensinamentos especiais para prepará-los e usá-los, entre os quais apenas o verdadeiro médico escolhe aqueles, cujos sintomas medicinais estejam mais de acordo com a doença crônica a ser curada, e que conseguem assim realizar quase invariavelmente curas completas.

### § 81

O fato de que este agente infeccioso muito antigo tem passado gradativamente, por centenas de gerações, através de milhões de organismos humanos, havendo atingido, assim, desenvolvimento incrível, permite, de certa forma, conceber-se como pode agora apresentar tantas formas mórbidas na grande família humana, principalmente quando consideramos o número de circunstâncias (\*) que contribuem para a produção dessa grande variedade de males crônicos (sintomas secundários da Psora) além da diversidade indescritível de homens em relação a suas constituições físicas congênitas, de modo que não é de admirar que tal variedade de agentes nocivos em ação no organismo, de fora e de dentro, e, às vezes, continuamente, em tal variedade de organismo impregnados de miasma psórico, devesse produzir variedade incontável de defeitos, afecções, perturbações, que até agora têm sido tratados nas antigas obras sobre patologia (\*\*), sob diversos *nomes* especiais, como males independentes.

(\*) Algumas das causas que exercem influência modificadora na transformação da Psora em males crônicos manifestamente dependem, aparentemente, do clima, e do caráter peculiar físico do lugar onde mora o paciente, às vezes, das grandes variedades de treinamento físico e mental dos jovens, os quais podem ter sido negligenciados, atrasados ou realizados em excesso, ou de seu abuso no trabalho ou condições de vida, em questão de dieta e regime, paixões, maneiras, hábitos e costumes de várias espécies.





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

(\*\*) Quantos nomes impróprios e ambíguos não contém estas obras, sob uma das quais incluem-se condições mórbidas excessivamente diferentes, que muitas vezes se assemelham em apenas um sintoma isolado, como *malária, icterícia, hidropisia, tuberculose, leucorréia, hemorroidas, reumatismo, apoplexia, convulsões, histeria, hipocondria, melancolia, mania, anginas, paralisia* etc. que são descritas como males de caráter fixo e invariável, sendo tratadas, por causa de seu nome, de acordo com um molde determinado! E como pode o simples fato de se dar um nome justificar tratamento médico *idêntico*?

E se o tratamento não for sempre o mesmo, por que usar o mesmo nome sempre, por que usar um nome idêntico que postula uma identidade de tratamento? “*Nihil sane in artem medicam pestiferum magis unquam irrepsit malum, quam generalia quaedam nomina morbis imponere iisque aptare velle generalem quandam medicinam,*” <sup>[3]</sup> diz Huxham, homem de tanta visão e digno de veneração por sua consciência delicada. (Op. Phys. Med., tom.I). E da mesma forma queixa-se Fritze (Annalen I. pág. 80) “que males essencialmente diferentes são designados pelo mesmo nome”. Mesmo os males epidêmicos, que sem dúvida podem ser propagados *em cada epidemia separada* por um princípio contagioso peculiar que permanece desconhecido por nós, são designados na velha escola de medicina por nomes peculiares, como se fossem doenças fixas conhecidas que retornavam invariavelmente da mesma maneira, como *tifo, febre de hospital, febre de cárcere, febre de acampamento, febre de putrefação, febre nervosa, febre catarral*, embora cada epidemia de tais febres se apresentasse em cada caso de modo diferente, como *doença nova*, como se jamais tivesse surgido antes de modo exatamente igual, diferindo muito, em cada caso, em seu curso, bem como em seus sintomas mais marcantes e em sua aparência. Cada uma delas é tão diferente das epidemias anteriores — não importa que nomes tenham — que seria inteiramente irracional dar a estas doenças, que diferem tanto entre si, um dos nomes que encontramos nos escritos sobre patologia, e tratá-las medicamente de acordo com esse nome mal empregado. Isto apenas o honesto Sydenham percebeu (Oper. cap.2, de morb. epid. F pág. 43), de modo que ele insistiu na necessidade de não considerar qualquer moléstia epidêmica como havendo ocorrido antes e de tratá-la da mesma maneira





## SAMUEL HAHNEMANN

que outra, visto que todas as que ocorrem em sucessão, por mais numerosas que sejam, diferem entre si: “animum admiratione percellit, quam discolor et sui plane dissimilis morborum epidemicorum facies; quae tam aperta horum morborum diversitas tum propriis ac sibi peculiaribus symptomatis, tum etiam medendi ratione, quam hi ab illis disparem sibi vindicant, satis illucescit. Ex quibus constat, morbos epidemicos, utut externa quantatenus specie et symptomatis aliquot utriusque pariter convenire paullo incautioribus videantur, re tamen ipsa, si bene adverteris animum, alienae esse admodum indolis et distare ut aera lupinis”.<sup>[4]</sup>

Do acima exposto, vê-se que esses nomes de doenças, inúteis e mal empregados, não devem influenciar no tratamento a ser dado pelo verdadeiro médico, que sabe que tem de julgar e curar doenças, não de acordo com a semelhança de nomes de um de seus sintomas, mas de acordo com a totalidade de sinais do estado individual de cada paciente, cuja afecção é de seu dever investigar cuidadosamente, sem jamais fazer conjecturas hipotéticas a seu respeito.

Se, contudo, julgar-se necessário, às vezes, empregar-se o nome das doenças, a fim de nos fazermos compreender em poucas palavras, quando estivermos falando de determinado paciente a outras pessoas, devemos somente referir-nos a elas pelos seus nomes coletivos, e dizer-lhes, por exemplo, que o paciente tem uma *espécie* de doença de São Vito, uma *espécie* de hidropisia, uma *espécie* de tifo, uma *espécie* de malária; *mas* (para evitar de uma vez por todas as noções errôneas que tais nomes possam dar) *jamais* devemos dizer que ele tem a doença de São Vito, que ele tem tifo, hidropisia, malária, visto não existirem doenças desse nome ou semelhantes de caráter fixo invariável.

## § 82

Embora, pela descoberta dessa grande fonte de males crônicos, bem como pelo achado dos remédios homeopáticos específicos para a Psora, a medicina tenha avançado alguns passos mais próximo ao conhecimento da natureza da maioria dos males que tem de curar, ainda assim, para estabelecer a indicação de cada caso de mal crônico (psórico) que o médico tem de curar, o dever de identificar os sintomas discerníveis





#### ORGANON DA ARTE DE CURAR

e as suas características é tão indispensável para o médico homeopata quanto o era antes daquela descoberta, pois não pode ocorrer uma cura real dessa ou de outras doenças sem um tratamento particular estrito (individualização) de cada caso de doença — só que nesta investigação deve-se fazer alguma distinção quando a doença for aguda ou de progresso rápido; visto que, na doença aguda, os sintomas principais nos surpreendem e tornam-se cada vez mais rapidamente evidentes aos nossos sentidos, daí necessitar-se de muito menos tempo para determinar a moléstia e de muito menos perguntas (\*) (por ser quase tudo evidente por si), do que nos casos de males crônicos que vêm progredindo durante anos, em que os sintomas são muito mais difíceis de ser reconhecidos.

(\*) Portanto, as instruções seguintes para a investigação dos sintomas são apenas parcialmente aplicáveis a males agudos.

### § 83

Este *exame individualizador de caso de moléstia*, para o qual só darei aqui instruções gerais, e do qual o médico só terá em mente o que for aplicável para cada caso individual, apenas requer do médico ausência de preconceitos e sentidos perfeitos, atenção na observação e fidelidade no traçar o quadro da doença.

### § 84

O paciente detalha a marcha de seus sofrimentos; seus parentes relatam as suas queixas, como se comportou e o que nele notaram; o médico vê, ouve, e observa com seus outros sentidos o que há de alterado ou fora do comum nele. Escreve com precisão o que o paciente e seus amigos lhe relataram, nas próprias expressões empregadas por eles. Mantêm-se calado, deixando que lhe indiquem o que têm a dizer, evitando interrompê-los (\*) a não ser que divaguem. O médico, no início do exame, avisa que falem devagar, de modo que possa escrever as partes importantes do que têm a dizer.





(\*) Cada interrupção corta a ordem de ideias dos narradores e não lhes ocorre de novo exatamente o que teriam dito a princípio, sem a interrupção.

### § 85

Ele abre uma linha nova a cada circunstância diferente mencionada pelo paciente ou seus amigos, de modo que os sintomas estarão anotados separadamente, uns debaixo dos outros. Pode assim acrescentar outras coisas a qualquer deles que tenha sido primeiro relatado de modo vago e depois exposto de modo mais explícito.

### § 86

Quando os narradores tiverem terminado o que tinham a dizer, o médico retorna, então a cada sintoma em particular, e obtém informações mais precisas sobre o sintoma, da forma seguinte: lê os sintomas na ordem em que lhe foram relatados, e, quanto a cada um, procura obter mais detalhes; por exemplo, quando ocorreu este incidente? Foi antes de tomar o medicamento que estava usando? Durante o período em que estava tomando o medicamento? Ou somente alguns dias depois de parar de usá-lo? Que espécie de dor, que sensação experimentou, exatamente, neste lugar? Qual foi o lugar exato? A dor veio repentina, em acessos, e por si só, várias vezes? Ou era contínua, sem interrupção? Quanto tempo durou? A que hora do dia ou da noite, e em que posição do corpo foi pior, ou cessou inteiramente? Qual foi a natureza exata deste ou daquele incidente – descrita em linguagem clara – ou circunstância mencionada?

### § 87

E assim o médico obtém informações mais precisas sobre cada detalhe em particular, sem jamais, contudo, formular as perguntas de modo que sugira ao paciente a resposta (\*), de modo que só obtenha a resposta sim ou não, pois do contrário o paciente será levado a res-





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

ponder na afirmativa ou na negativa a algo que não seja verdadeiro, ou uma meia-verdade, ou não inteiramente correto, ou por indolência, ou a fim de agradar o interlocutor, do que resultará um quadro falso da moléstia, e, portanto, tratamento inadequado.

(\*) Por exemplo, o médico não deve perguntar – Não havia esta ou aquela circunstância? Ele não deve jamais fazer tais sugestões, que tendem a induzir o paciente a dar uma resposta errônea, e um relato falso de seu sintoma.

### § 88

Se nesses detalhes espontaneamente fornecidos nada se mencionou sobre diversos fatos ou funções do corpo ou de seu estado mental, o médico pergunta o que mais pode ele dizer quanto a estas partes ou funções, ou seu estado de espírito (\*); mas, assim fazendo, só emprega expressões gerais, a fim de que seus informantes sejam obrigados a entrar em detalhes específicos a seu respeito.

(\*) Por exemplo, como funcionam os intestinos? Como tem urinado? Como tem dormido de dia ou de noite? Qual o estado de seu ânimo, humor, memória? Como está seu apetite e sua sede? Que gosto tem na boca? Que alimentos e líquidos tem apreciado mais? Quais os que mais o repugnam? Tem eles seu gosto natural, ou algum outro gosto incomum? Como se sente após ingerir alimento ou líquido? Tem algo a relatar sobre sua cabeça, membros, ou abdômen?

### § 89

Quando o paciente – pois é principalmente nele que devemos acreditar para a descrição das sensações que experimenta (a não ser no caso de males fingidos) – com estes detalhes, tiver dado de sua livre e espontânea vontade, e em resposta às perguntas, as informações necessárias e permitido um quadro suficientemente esclarecido de suas doenças, o médico pode e deve (se achar que ainda não obteve todas as informações necessárias) fazer perguntas mais precisas e especiais (\*).





## SAMUEL HAHNEMANN

(\*) Por exemplo, qual a frequência de suas evacuações? Qual o tipo exato de fezes? As fezes esbranquiçadas consistem de catarro ou excrementos? Experimentou a sensação de dor durante a evacuação? Que tipo de dor, e onde se localizava exatamente? O que vomitou o paciente? O mau gosto na boca é pútrido, amargo, azedo, ou algum outro? Durante ou depois das refeições? Em que parte do dia foi pior? Qual o gosto do que eructou? A urina só se turva algum tempo após descarregada, ou logo que descarregada? Qual a sua coloração quando emitida pela primeira vez? Qual a cor do sedimento? Como se comporta o paciente enquanto dorme? Choramanga, geme, fala ou grita dormindo? Assusta-se dormindo? Ronca ao inspirar ou ao expirar? Dorme só de costas, ou de que lado? Cobre-se todo, ou não suporta as cobertas? Acorda com facilidade, ou dorme profundamente? Como se sente logo após acordar? Com que frequência ocorre esta ou aquela queixa? Qual a causa que o produz cada vez que ocorre? Surge quando está sentado, deitado, em pé ou em movimento? Só quando está em jejum, ou de manhã, ou só à tarde, ou após uma refeição, quando costuma aparecer? Quando veio o calafrio? Foi simplesmente uma sensação de tremor, ou estava realmente com a temperatura baixa, ao mesmo tempo? Em caso afirmativo, em que partes? Ou, ao sentir o calafrio, estava realmente quente ao toque? Era apenas uma sensação de frio sem tremores? Sentia calor sem estar com as faces afogueadas? Que partes suas eram quentes ao toque? Queixou-se de calor sem estar quente ao toque? Quanto durou o calafrio? E o período de calor? Quando veio a sede – durante a fase de frio? Durante a de calor? Ou antes? Ou depois? Qual a intensidade da sede, e qual a bebida desejada? Quando veio o suor, no começo ou no fim da sensação de calor? Ou quantas horas após esta sensação? Durante o sono, ou enquanto em vigília? Qual a abundância do suor? Era quente ou frio? Em que partes? Que cheiro tinha? De que se queixa antes ou durante o calafrio? Durante a fase de calor? Que sente após? Que sente durante ou após a fase de transpiração?

Nas mulheres, como é o caráter da menstruação ou outros corrimentos etc.







## § 90

Quando o médico terminar de anotar esses detalhes, escreve, então, o que ele próprio observa no paciente (\*), e se informa o quanto disto era peculiar ao paciente em seu estado normal.

(\*) Por exemplo, como o paciente se comportou durante a visita – se estava mal humorado, briguento, choroso, ansioso, desesperado ou triste, esperançoso, calmo etc. Se estava em estado de torpor, ou de qualquer modo entorpecido de ideias; se falava com voz rouca, ou baixo, ou imprópriamente, ou de que outro modo falou? Qual era a cor de sua face e seu olhos e de sua pele em geral? Que grau de vivacidade e força havia na sua expressão e olhar? Qual o estado de sua língua, sua respiração, seu hálito e sua audição? Estavam as suas pupilas dilatadas ou contraídas? Com que rapidez e até que ponto se alternavam no escuro e no claro? Qual o seu pulso? Qual a condição de seu abdômen? Estava a pele ou outra parte qualquer úmida, ou quente, fria, ou seca ao toque? Ou como estava ele, ao toque, de um modo geral? Estava deitado com a cabeça bem virada para trás, de boca semi ou inteiramente aberta, com os braços acima da cabeça, de costas, ou em que posição? Que esforço fez para levantar-se? Deve anotar-se qualquer outra coisa que possa ser observada pelo médico.

## § 91

Os incidentes e sensações do paciente durante uma série de medicamentos não permitem um quadro puro da doença; mas, por outro lado, os sintomas e distúrbios sofridos *antes do emprego dos medicamentos, ou após terem sido suspensos durante muitos dias*, dão a ideia fundamental verdadeira da forma *original* da doença, e são especialmente esses os que o médico deve anotar. Quando a doença for de caráter crônico, e o paciente estiver tomando medicamentos até a época em que for visitado, o médico pode muito bem deixá-lo alguns dias totalmente sem medicação, ou no intervalo administrar-lhe algo de natureza não-medicinal e adiar para mais tarde o exame mais completo dos sintomas mórbidos, a fim de poder apreender em





sua pureza os sintomas permanentes não contaminados da afecção antiga e formar um quadro fiel da doença.

## § 92

Mas, em se tratando de moléstia de curso rápido, e se sua gravidade não permitir demora, o médico deve contentar-se em observar a condição mórbida, embora alterada por medicamentos, se não puder discernir quais os sintomas que estiveram presentes antes de seu emprego, a fim de poder, ao menos, formar um quadro completo do mal atual, isto é, da doença medicamentosa unida à doença original, que pelo emprego de drogas inapropriadas geralmente é mais considerável e mais perigosa que a original, e por este motivo pede muitas vezes urgentemente uma ajuda adequada, para que o doente não morra pelo medicamento pernicioso que ingeriu, e possa vencê-la com um remédio homeopático adequado.

## § 93

Se a doença tiver sido contraída recentemente, ou no caso de uma afecção crônica, há algum tempo atrás, por alguma causa evidente, então o paciente – ou pelo menos os seus amigos e parentes interrogados em segredo –, mencioná-la-ão espontaneamente por impulso próprio, ou após cuidadoso interrogatório(\*).

(\*) Quaisquer causas de caráter desagradável, que o paciente ou seus parentes não queiram confessar, pelo menos voluntariamente, o médico deve procurar deduzir guiando sabiamente suas perguntas, ou tomando informações particularmente. A esta categoria pertencem o envenenamento, tentativa de suicídio, onanismo, excesso de libidinagens ordinárias ou anormais, excessos no vinho ou licores, ponche e outras bebidas alcoólicas, chá ou café; excessos alimentares em geral, infecções causadas por males venéreos ou sarna, amores infelizes, ciume, infelicidade doméstica, preocupação, tristeza causada por infortúnio de família, abuso sofrido, vingança frustrada, orgulho ferido, problemas financeiros, medo supersticioso, fome, ou imperfeição dos órgãos ou partes pudendas, hérnia, prolapso etc.





## § 94

Durante o exame do estado de males crônicos, as circunstâncias peculiares do paciente, quanto a suas ocupações habituais, seu modo de vida, sua dieta, sua situação doméstica etc., devem ser considerados e examinados, a fim de se saber o que há neles que possa tender a produzir ou manter o mal, para que se possa promover o seu restabelecimento (\*).

(\*) Nos males crônicos femininos, é de máxima importância atentar para a gravidez, esterilidade, desejo sexual, partos, abortos, lactação, corrimentos vaginais e o estado de sua menstruação. Quanto a este último detalhe, principalmente, não devemos deixar de verificar se ocorre em intervalos curtos, ou se se atrasa além de seu devido tempo, quantos dias dura, se seu fluxo é contínuo ou interrompido, em que quantidade, o matiz de sua coloração, se há leucorréia antes de seu aparecimento ou após o seu término, mas especialmente que incômodos físicos ou mentais, que sensações e dores a precedem, acompanham ou seguem; ocorrendo leucorréia, qual é sua natureza, que sensação acompanha seu fluxo, qual a sua quantidade, e quais as condições e ocasiões nas quais ocorre?

## § 95

Nas afecções crônicas, a investigação dos sinais da doença acima referida, e de todas as outras, deve ser conduzida tão cuidadosa e circunstancialmente quanto possível, e os menores detalhes devem ser observados, em parte porque nestas afecções são os mais característicos e os que menos se assemelham ao de moléstias agudas, e se se desejar realizar uma cura, não podem ser observados com precisão, em parte porque os paciente se tornam tão habituados a seu longo sofrimento, que prestam pouca ou nenhuma atenção aos sintomas de menor importância, muito decisivos, que muitas vezes são bastante significativos (característicos) na busca do remédio, e que eles consideram quase como parte de seu estado natural, quase como saúde,





cuja verdadeira sensação eles esqueceram bastante, na duração, em muitas vezes, de cinco, dez ou vinte anos de sofrimento, e mal podem crer que esses sintomas tenham alguma relação com seu mal principal.

## § 96

Além disso, os pacientes diferem, eles próprios, de tal maneira em seu gênio, que alguns, especialmente os chamados hipocondríacos e outros indivíduos de grande sensibilidade e impacientes em seu sofrimento, retratam suas queixas em cores excessivamente vivas, e, a fim de induzir o médico a lhes receitar remédios, descrevem os seus sofrimentos com expressões exageradas (\*).

(\*) Uma pura invenção de acidentes e sofrimentos jamais será feita pelos hipocondríacos, mesmo os mais impacientes entre eles – este fato é comprovado por comparação dos sofrimentos de que se queixam repetidas vezes quando o médico nada lhes receita, ou lhes receita algo sem valor medicinal – mas devemos deduzir alguma coisa de seu exagero, e em todos os casos atribuir o caráter forte de suas expressões à sua excessiva sensibilidade, caso em que este próprio exagero de suas expressões, ao falarem de seus sofrimentos, se torna por si um sintoma importante na lista de características de que se compõe a sua doença. O mesmo não ocorre com dementes ou com os que cinicamente fingem ter a doença.

## § 97

Outros indivíduos de caráter oposto, contudo, em parte por indolência, em parte por timidez, ou por uma certa disposição suave ou fraqueza de mente, deixam de mencionar alguns de seus sintomas, descrevendo-os em termos vagos, ou alegando que não são de importância.

## § 98

Assim, tanto é certo que devemos escutar, principalmente, a descrição feita pelo paciente de seus sofrimentos e sensações, e levarmos em





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

conta especialmente as expressões com que ele tenta nos comunicar seus sofrimentos – pois as versões de seus amigos e acompanhantes são usualmente alteradas e erroneamente descritas; igualmente é certo, por outro lado, que em todas as doenças, mas especialmente nas crônicas, a investigação do quadro, completo e preciso, bem como de suas peculiaridades, requer cuidado, tato, conhecimento da natureza humana e prudência especial na investigação, e paciência em alto grau.

### § 99

De modo geral, a investigação de moléstias agudas ou das que existem por tempo limitado, é a mais fácil para o médico, porque todos os fenômenos e perturbações do estado da saúde que se perdeu a pouco, estão ainda frescas na memória do paciente e de seus familiares, sendo ainda novas e bem definidas. O médico certamente tem de saber também tudo nestas doenças; mas ele tem menos para investigar; são em sua maior parte espontaneamente detalhadas para ele.

### § 100

Na investigação da totalidade dos sintomas das doenças epidêmicas e esporádicas, é de somenos importância saber se alguma coisa semelhante já surgiu no mundo sob o mesmo nome ou outro qualquer. A novidade ou peculiaridade de uma doença dessa espécie não faz diferença, quer no seu modo de exame ou no de tratamento, visto que o médico deve de qualquer modo encarar o quadro puro, de cada doença dominante, como se fosse algo novo e desconhecido, e investigá-la toda, por si, se for sua intenção praticar medicina de maneira real e radical, sem jamais conjecturar em vez de observar realmente, ou considerar como certo que o caso de doença que lhe foi confiado para tratamento já se acha total ou parcialmente conhecido, mas sempre examinando-o cuidadosamente em todas as suas manifestações; e este modo de proceder é de máxima necessidade em tais casos, visto





SAMUEL HAHNEMANN

que um exame cuidadoso demonstrará que cada doença é, em muitos aspectos, um fenômeno de caráter exclusivo, diferindo grandemente de todas as epidemias anteriores, a que, erroneamente, se aplicaram certas designações, com a exceção das epidemias resultantes do princípio contagioso que permanece o mesmo, como a varíola, o sarampo etc.

### § 101

Pode ocorrer facilmente que no primeiro caso de um mal epidêmico que seja notado pelo médico, este não tenha imediatamente um quadro completo de sua natureza, visto ser somente mediante criteriosa observação de cada um desses males coletivos que ele pode se familiarizar com a totalidade de seus sinais e sintomas. O médico que observa cuidadosamente pode, contudo, pelo exame de seu primeiro ou segundo paciente, aproximar-se muitas vezes tanto do conhecimento do verdadeiro estado do mal, de modo a ter na sua mente um quadro característico dele, e obter êxito em achar um remédio conveniente, homeopaticamente adaptado.

### § 102

À medida que são anotados os sintomas de diversos casos desta espécie, esboça-se cada vez de modo mais completo o quadro da doença, não maior e de mais rico vocabulário, porém mais preciso (mais característico), abrangendo a peculiaridade desta doença coletiva, os sintomas gerais (por exemplo, falta de apetite, falta de sono etc.) e, por outro lado, os sintomas mais especiais e marcados, peculiares a apenas algumas doenças e de ocorrência mais rara, pelo menos na mesma combinação, sobressaem e constituem o que há de característico na doença(\*). As vítimas da epidemia certamente contraíram a doença da mesma fonte, e sofreram, portanto, da *mesma doença*; mas toda a extensão de tal epidemia, e a totalidade de seus sintomas (o seu conhecimento, essencial para permitir-nos a escolha do remédio homeopático mais conveniente para esta série de sintomas, é obtido





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

mediante um exame completo do quadro da doença), não pode ser conhecida por meio de somente um único paciente, só podendo ser perfeitamente deduzida (abstraída) e verificada pelos sofrimentos de diversos pacientes de constituições diferentes.

(\*) O médico que, nos primeiros casos, já tenha podido escolher um remédio que se aproxime do específico homeopático, poderá, nos casos subsequentes, verificar a segurança do remédio escolhido, ou então, descobrir um mais apropriado, aliás, o *mais apropriado*.

### § 103

Da mesma forma como se disse aqui com relação às doenças epidêmicas, que são geralmente de caráter agudo, os males crônicos miasmáticos, que, como demonstrei, permanecem os mesmos em sua natureza essencial, especialmente a Psora, tiveram que ser por mim investigados, muito mais precisamente do que até agora, pois também neles um paciente apresenta apenas uma parte de seus sintomas, um segundo paciente, ou terceiro, e assim por diante, apresenta outros sintomas, que também são apenas uma parte, dividida, por assim dizer, da totalidade dos sintomas que constitui toda a extensão dessa doença, de modo que toda a gama de sintomas que pertencem a essa doença crônica miasmática, especialmente a Psora, só pode ser verificada pela observação de um *grande número* de pacientes atingidos por esse mal crônico, e sem um levantamento completo, e observação coletiva desses sintomas, os remédios capazes de curar o mal homeopaticamente (a saber, os antipsóricos) não puderam ser descobertos; e esses remédios são, ao mesmo tempo, os remédios verdadeiros dos muitos pacientes que sofrem de tais afecções crônicas.

### § 104

Quando a totalidade dos sintomas que, de modo especial, marcam e distinguem o caso da doença, em outras palavras, quando o quadro do mal estiver bem definido(\*), qualquer que seja a sua espécie, ter-se-á





## SAMUEL HAHNEMANN

completada a parte mais difícil do trabalho. O médico tem, então, um quadro da moléstia, principalmente se for mal crônico, sempre diante de si, a fim de guiá-lo no tratamento; pode investigá-lo em todas as suas partes e tirar seus sintomas característicos, a fim de a eles opor, isto é, a toda a própria doença, uma força morbífica artificial semelhante, na forma de uma substância medicinal homeopaticamente escolhida na relação de sintomas de todos os medicamentos cujos efeitos puros tenham sido determinados. E quando, durante a cura, ele desejar saber qual foi o efeito do medicamento, e que mudança ocorreu no estado do paciente, neste novo exame do paciente ele só precisa riscar da relação dos sintomas anotados por ocasião da primeira visita os que apresentam melhora, marcando os que permanecem e acrescentando os novos sintomas que possam haver surgido.

(\*) Os médicos da velha escola pouca importância davam a isto em seu método de tratamento. Não davam atenção a qualquer detalhe pequeno das circunstâncias do caso de que tratavam; aliás, muitas vezes interrompiam o paciente quando este lhe relatava os seus sofrimentos, a fim de não demorarem em suas notas ligeiras, suas receitas, composta de uma variedade de ingredientes cujos verdadeiros efeitos lhe eram desconhecidos. Nenhum médico alopata, como já se tem dito, procurou aprender as circunstâncias detalhadas do caso do paciente, e *muito menos fez dele anotações por escrito*. Ao ver o paciente outra vez diversos dias mais tarde, de nada se lembrava com referência aos poucos detalhes que havia ouvido na primeira visita (acrescendo o fato de que neste ínterim havia visitado diversos outros pacientes sofrendo de afecções diversas); deixava que tudo entrasse por um ouvido e saísse por outro. Em visitas subsequentes, só fazia algumas perguntas de caráter geral, fazia de conta de tomar o pulso do paciente, observar-lhe a língua, e ao mesmo tempo escrevia outra receita, baseado em princípios igualmente irracionais, ou prescrevia que se continuasse com a primeira medicação (em doses consideráveis, e diversas vezes ao dia), e com uma saudação cortês, apressava-se em sair para o quinquagésimo ou sexagésimo paciente da jornada, em sua maneira despreocupada e impensada, naquela manhã. A profissão que, de todas, realmente requer mais reflexão, um exame cuidadoso e consciencioso do estado de cada pa-







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

ciente, e um tratamento especial nele baseado, era assim praticada por pessoas que se chamavam médicos, *clínicos racionais*. O resultado, como era de se esperar, era invariavelmente mau, sem exceção; e, ainda, os pacientes tinham de recorrer a eles para obterem conselhos, ou porque nada havia de melhor, ou para seguir “a etiqueta”.

### § 105

*O segundo ponto do trabalho de um verdadeiro médico é adquirir o conhecimento dos instrumentos destinados à cura das doenças naturais, investigando o poder patogenético dos medicamentos, a fim de, quando precisar curar, poder escolher dentre eles um da relação de cujos sintomas se pode formar uma moléstia artificial, tão semelhante quanto possível à totalidade dos sintomas principais das doenças naturais que se procura curar.*

### § 106

Devem-se conhecer todos os efeitos patogenéticos dos diversos medicamentos; isto é, todos os sintomas e alterações mórbidas na saúde que cada um deles é, de maneira especial, capaz de criar no indivíduo são, devem, primeiramente, ser observados, tanto quanto possível, antes de podermos esperar encontrar entre eles, e poder escolher remédios homeopáticos convenientes para a maioria dos males naturais.

### §107

Se, a fim de isso determinar, administrarem-se medicamentos somente a pessoas *doentes*, mesmo administrados um a um, então pouco ou nada preciso se notará de seus efeitos puros, visto que as alterações peculiares nos estados de saúde, a serem esperadas dos medicamentos, misturam-se com os sintomas da moléstia e raramente podem ser observadas destacadamente.





## § 108

Não há, portanto, nenhum outro meio pelo qual seja possível determinar com precisão os efeitos peculiares dos medicamentos na saúde dos indivíduos – não há maneira certa, mais natural de atingir este objetivo, que administrar experimentalmente os diversos medicamentos, em doses moderadas, a pessoas *sãs*, a fim de determinar as mudanças, sintomas e sinais de sua influência que cada um, individualmente, produz na saúde física e mental; isto é, que elementos de doença podem produzir e tendem a produzir (\*), visto que, como demonstramos (§§ 24-27), todo o poder curativo dos medicamentos jaz neste poder que possuem de alterar o estado de saúde do homem, sendo revelado mediante a observação desse estado.

(\*) Nenhum médico, que eu saiba, durante os últimos dois mil e quinhentos anos, pensou nesse modo tão natural, tão absolutamente necessário e o único meio genuíno de experimentar medicamentos para determinar seus efeitos puros e peculiares, perturbando a saúde do homem, a fim de aprender o estado mórbido que cada medicamento é capaz de curar, exceto o grande imortal Albrecht von Haller. Só ele, apesar de não ser médico praticante, além de mim, viu a necessidade disso (vide o Prefácio da *Pharmacopeia Helvet.*, Basil, 1771, fol., pág. 12): “Nempe primum in corpore *sano* medela tentanda est, *sine peregrina ulla miscela*; odoreque et sapore ejus exploratis, exigua illius dosis ingerenda et ad omnes, quae inde contingunt, affectiones, quis pulsus, quis calor, quae respiratio, quae nam excretiones, attendendum. Inde ad ductum phaenomenorum, in sano obviatorum, transeas ad experimenta in corpore aegroto <sup>[5]</sup> etc.” Mas *ninguém, nem um só médico*, atentou para essa valiosa sugestão, ou seguiu-a.

## § 109

Fui o primeiro a descobrir este caminho, que tenho seguido com uma perseverança que só pode ser devida, e mantida, por uma perfeita convicção da grande verdade, cheia de tantas bênçãos para a humanidade, a de que é somente pelo emprego homeopático dos medicamentos (\*) que a cura segura dos males humanos se torna possível (\*\*).

(\*) É impossível que possa haver outro método melhor, verdadeiro, de curar





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

doenças dinâmicas (isto é, todas as doenças não estritamente cirúrgicas) além da homeopatia pura, bem como é impossível traçar mais de uma linha reta entre dois pontos. Os que imaginam haver outros modos de curar, além deste, não puderam apreciar os fundamentos da homeopatia, nem praticá-la com o cuidado suficiente, nem puderam ler ou ver casos de curas homeopáticas corretamente realizadas; nem, por outro lado, puderam discernir a falta de base de todos os meios de tratamento alopático, ou seus maus, ou mesmo horríveis efeitos, se, com tal indiferença consideravam a verdadeira arte de curar como igual àqueles meios danosos de tratamento, ou alegarem que os últimos são irmãos da homeopatia, que não podem dispensar! Os meus verdadeiros seguidores, conscienciosos, os homeopatas puros, com seus tratamentos vitoriosos, e quase sempre infalíveis, poderiam esclarecer essas pessoas.

(\*\*) O primeiro fruto desse trabalho, tão perfeito quanto então podia ser, registrei-o no *Fragmenta de viribus medicamentorum positivis, sive in sano corpore humano observatis*<sup>[6]</sup>, vol. I e II, Leipzig, 1805. O fruto mais maduro, na *Matéria Médica Pura*, 1ª parte, 3ª ed., 2ª parte, 3ª ed., 1833. 2ª parte, 2ª ed., 1825. 4ª parte, 2ª ed., 1825. 5ª parte, 2ª ed., 1826. 6ª parte, 2ª ed., 1827 e nas 2ª, 3ª e 4ª partes das *Doenças Crônicas* 1828, 1830. Dresden junto de Arnold e uma 2ª ed. das *Doenças Crônicas*, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª partes, 1835, 1837, 1838, 1839. Düsseldorf, junto de Schaub.

### § 110

Vi, além disso, que as lesões mórbidas observadas pelos autores anteriores como resultantes de substâncias medicinais quando ingeridas por pessoas sadias, em grandes doses por engano, ou a fim de produzir a morte, nelas ou em outras pessoas, ou sob quaisquer outras circunstâncias, aproximavam-se muito de minhas observações ao experimentar as mesmas substâncias em mim próprio ou em outros indivíduos sãos. Esses autores dão detalhes do que tem ocorrido, com histórias de envenenamento e como prova dos efeitos perniciosos destas substâncias poderosas, principalmente para precaver os outros contra seu uso, e em parte, também, para exaltar a sua própria habilidade, quando, com o uso dos meios que empregaram para combater estes perigosos incidentes, retornou a saúde gradativamente;





## SAMUEL HAHNEMANN

mas, também, em parte, quando as pessoas assim afetadas morreram sob o seu tratamento, a fim de procurar uma justificativa para si na natureza perigosa dessas substâncias, que chamaram venenos. Nenhum desses observadores jamais sonhou que os sintomas que registraram apenas como provas do caráter nocivo e tóxico dessas substâncias, fossem revelações seguras do poder dessas drogas de extinguir pela cura, sintomas semelhantes que ocorreram em moléstias naturais, que estes seus poderes patogênicos fossem indícios de seus efeitos curativos homeopáticos, e que apenas na observação destes estados de saúde, que os medicamentos produzem em organismos sãos, consista no único meio possível de pesquisar seus poderes medicinais, sendo que nem através de especulações engenhosas *a priori*, nem pelo cheiro, gosto ou aspecto dos medicamentos, nem pelo tratamento químico, nem pelo uso de um ou mais deles numa mistura (receitas) em doenças, são reconhecíveis os puros poderes peculiares das doenças para o fim de cura; não suspeitava-se que estas histórias das doenças medicamentosas um dia seriam a base inicial para a Matéria Médica pura e verdadeira (ensinamento das substâncias medicinais), que desde os primeiros tempos, até hoje, consistiam apenas de falsas conjecturas e ficções da imaginação – isto é, absolutamente não existiam (\*).

(\*) Vide o que relatei sobre o assunto no “Exame das Fontes da Matéria Médica Ordinária”, como prefácio da terceira parte da minha Matéria Médica Pura.

### § 111

O fato de concordarem as minhas observações sobre os efeitos puros dos medicamentos, com estas mais antigas – embora registradas sem referência a seu fim terapêutico – e a concordância desses relatos com outros da mesma espécie, feitos por autores diversos, facilmente nos convencem de que as substâncias medicinais agem nas alterações mórbidas que produzem no organismo humano são, *de acordo com as leis fixas e eternas da natureza*, e em virtude delas, podem produzir *sintomas de doenças positivos e dignos de confiança, cada um de acordo com seu caráter peculiar*.





## § 112

Nessas descrições mais antigas, dos efeitos frequentemente perigosos para a vida, de medicamentos ingeridos em doses excessivamente grandes, notamos certos estados produzidos, não no início, mas próximo do fim, desses tristes acontecimentos, e que foram de natureza exatamente oposta aos que surgiram inicialmente. Estes sintomas, o oposto exato da *ação primária* (§ 63), ou a ação própria dos medicamentos na força vital, são a reação da força vital do organismo, ou seja, sua *ação secundária* (§§ 62-67), dos quais, contudo, raramente, ou quase nunca, há o menor traço nas experiências feitas com doses moderadas em organismos sãos, e das doses pequenas, absolutamente não há nenhum. No processo curativo homeopático o organismo vivo reage tão somente o necessário para estabelecer o estado natural de saúde.

## § 113

As únicas exceções são os medicamentos narcóticos. Aos quais, em sua ação primária, removem, em parte, a sensibilidade e sensação, em parte a irritabilidade, e que frequentemente em sua *ação secundária*, mesmo com doses moderadas experimentais, deles se obtém uma sensibilidade maior (e uma maior irritabilidade).

## § 114

Com exceção dessas substâncias narcóticas, em experiências feitas com doses moderadas de medicamentos, em organismos sãos, observamos somente sua ação primária, isto é, os sintomas com os quais o medicamento perturba a saúde do ser humano e desenvolve nele um estado mórbido de duração maior ou menor.

## § 115

Entre esses sintomas, ocorrem não poucos, no caso de certos medicamentos, que parcialmente, ou sob certas condições, são di-





retamente opostos aos outros sintomas que apareceram anterior ou posteriormente, mas que não devem, portanto, ser considerados como *ação secundária* verdadeira, ou simples reação da força vital, mas que somente representam o estado alternante dos diversos paroxismos da ação primária; as chamadas *ações alternantes*.

### §116

Alguns sintomas são produzidos pelos medicamentos, com maior frequência; isto é, em muitos organismos, outros mais raramente, ou em poucas pessoas, alguns somente em pouquíssimos organismos sãos.

### § 117

A esta última categoria pertencem as chamadas *idiosincrasias*, que significam constituições corpóreas peculiares que, embora sãs sob outros aspectos, possuem uma tendência a serem levadas a um estado mais ou menos mórbido por certas coisas que *parecem* não produzir impressão alguma, nem nenhuma mudança em muitos outros indivíduos (\*).

Mas esta incapacidade de produzir uma impressão em todos é apenas aparente. Pois, como são necessárias duas coisas para produzirem essas, bem como todas as outras alterações mórbidas na saúde do homem – a saber, o poder inerente da substância influenciadora, como a capacidade da dinâmica vivificante de natureza espiritual (princípio vital), que anima o organismo, a ser por ela influenciada – as perturbações óbvias da saúde nas assim chamadas idiosincrasias não podem ser deixadas por conta apenas dessas constituições peculiares, devendo, também, ser atribuídas às coisas que as produzem, em que deve estar o poder de deixar as mesmas impressões em todos os organismos humanos, embora somente um pequeno número de constituições sadias tenham uma tendência a se deixarem levar por elas a um estado mórbido tão óbvio. Que estas potências causam re-





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

almente esta impressão em cada corpo, está demonstrada no fato de que elas prestam auxílio homeopático como remédio (\*\*), em todas as pessoas com sintomas mórbidos semelhantes aos que elas próprias são capazes de produzir (mesmo que aparentemente apenas nas assim chamadas pessoas idiossincrásicas).

(\*) Algumas pessoas tendem a desmaiar com o cheiro de rosas e a cair em estados mórbidos, às vezes perigosos, ao provarem mexilhões, caranguejos ou barbo; ao tocarem as folhas de algumas espécies de sumagre etc.

(\*\*) Assim a Princesa Maria Porphyrogeneta restabeleceu a saúde de seu irmão, o imperador Alexius, que sofria de desmaios, borrifando-o com água de rosas, (το των ροδωνσταλα) na presença de sua tia Eudoxia (Hist. byz. Alexias lib. 15 pág. 503 ed. Posser) Horácio ( Oper., III, pág. 59) viu grande vantagem no vinagre de rosas em casos de desmaios.

### § 118

Cada medicamento apresenta ações peculiares no organismo humano, que não são produzidas exatamente da mesma maneira por qualquer outra substância medicamentosa de espécie diferente (\*).

(\*) Este fato foi também percebido pelo estimável A. von Haller, que diz (Prefácio de sua *Hist. sirp. helv.*): “Latet immensa virium diversitas in iis ipsis plantis, quarum facies externas dudum novimus, animus quasi et quodcunque coelestius habent, nondum perspeximus”.<sup>[7]</sup>

### § 119

Da mesma forma que cada espécie de planta difere em sua forma externa, modo de vida e crescimento, em gosto e cheiro, de qualquer outra espécie e gênero vegetal, é tão certo quanto o fato de que cada mineral e cada sal difere de todos os outros, em suas propriedades externas, bem como nas internas físicas e químicas (circunstância que por si só seria suficiente para impedir qualquer confusão), e do mesmo modo é certo que todos diferem e divergem entre si em seus efeitos patogênicos e, conseqüentemente, nos terapêuticos (\*). Cada uma





## SAMUEL HAHNEMANN

dessas substâncias produz alterações nos estados de saúde e de ser dos indivíduos de forma peculiar, diferente, contudo determinada, de modo que impeça a possibilidade de confundir uma com a outra (\*\*).

(\*) Qualquer pessoa que conheça exatamente e possa avaliar a diferença notável dos efeitos na saúde humana de cada substância isolada dos de todas as outras, perceberá imediatamente que entre elas não pode haver, do ponto de vista medicamentoso, quaisquer medicamentos equivalentes, não pode haver sucedâneos. Somente os que não conhecem os efeitos puros, positivos dos diferentes medicamentos, podem ser tão tolos a ponto de quererem nos persuadir que um pode servir em lugar do outro, podendo ser tão eficaz, para a mesma doença, que o outro. Assim, as crianças ignorantes confundem as coisas mais essencialmente diferentes, porque mal as conhecem pela sua aparência externa, e menos ainda pelo seu valor real, pela sua verdadeira importância e suas propriedades inerentes dessemelhantes.

(\*\*) Se isto for a pura verdade, o que o é sem dúvida, então nenhum médico que não quer ser visto destituído da razão, e que não quer agir de modo contrário aos ditames de sua consciência, o único árbitro de real valor, pode usar no tratamento de doenças, qualquer substância medicinal a não ser uma, cujo significado verdadeiro conheça perfeitamente, isto é, cujo efeito virtual sobre a saúde de pessoas sãs ele experimentou sobejamente, para saber com exatidão que ela seja capaz de, por si mesma, produzir um estado mórbido mais semelhante do que qualquer outro medicamento do qual ele houver tido conhecimento; pois, como demonstramos acima, nem o homem, nem a própria natureza poderosa podem efetuar uma cura rápida, perfeita e permanente, a não ser através de um meio homeopático. Daí por diante, nenhum verdadeiro médico pode abster-se de fazer tal experiência, de preferência em si mesmo a fim de obter esse conhecimento essencial e único dos medicamentos que são indispensáveis para a cura, conhecimento esse até agora indignamente descuidado pelos médicos, em todos os tempos. Em todas as épocas anteriores – a posteridade mal poderá acreditar – até agora, os médicos têm se contentado em receitar às cegas medicamentos cujo valor é desconhecido, e que *jamaís foram experimentados propositadamente* em relação à sua ação dinâmica pura, muito variada e altamente importante, na saúde do homem; e, além disso, misturaram diversas dessas forças desconhecidas que diferiam tanto







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

entre si, em uma única receita, deixando que o acaso determinasse que efeito seria produzido no paciente. É como se um louco forçasse entrada na oficina de um artesão, pegasse *diversas ferramentas inteiramente diferentes, cujas finalidades desconhecesse por completo*, a fim de fazer o que ele imagina ser trabalhar nas obras de arte que visse ao seu redor. Nem será preciso dizer que estas seriam destruídas, ou melhor, completamente destruídas, por seus atos insensatos.

### § 120

Portanto, os medicamentos de que dependem a vida e a morte do homem, sua saúde e doença, devem ser radical e cuidadosamente distinguidos uns dos outros e, para este fim, testados por meio de experiências puras e cuidadosas no organismo são, para que seus poderes e efeitos reais sejam determinados, a fim de se obter um conhecimento exato deles, e podermos evitar qualquer erro em seu emprego em doenças, pois é somente pela sua seleção correta que a maior das graças terrenas, a saúde do corpo e da alma, pode ser rápida e permanentemente restabelecida.

### § 121

Ao experimentar medicamentos para determinar sua ação no corpo são, devemos ter em mente que as substâncias fortes, heroicas, como são chamadas, podem, mesmo em pequenas doses, produzir alterações na saúde até em pessoas robustas. Os de menor poder devem ser dados para estas experiências em quantidades consideravelmente maiores; a fim de observar a ação dos mais fracos, contudo, as pessoas em que se fazem as experiências devem ser livres de doenças, e além disso delicadas, irritáveis e sensíveis.

### § 122

Nesses experimentos, de que depende a exatidão de toda a arte médica – assim como o bem-estar de todas as gerações futuras da hu-





manidade – não se devem empregar outros medicamentos senão os que se conhecem perfeitamente, e os de cuja pureza, legitimidade e energia estamos inteiramente certos.

### § 123

Cada um desses medicamentos deve ser tomado em estado perfeitamente simples, e isento de artificios; as plantas nativas, na forma de um sumo recentemente extraído, misturado com um pouco de álcool para evitar que se estraguem; substâncias vegetais exóticas, devem ser tomadas em pó ou em tintura preparadas com álcool quando frescas e mais tarde misturadas com um pouco de água; sais e gomas, no entanto, devem ser dissolvidos em água imediatamente antes de serem tomados. Se a planta só puder ser obtida seca, e se seus poderes forem naturalmente fracos, nesse caso para o experimento, deve-se usar uma infusão dela, cortando a erva em pequenos pedaços e derramando sobre estes água fervente, de modo que se extraiam suas partes medicinais; imediatamente após o seu preparo, deve ser ingerida enquanto ainda estiver quente, visto que todos os sucos vegetais espremidos e todas as infusões aquosas de ervas, sem o acréscimo de álcool, fermentam muito rapidamente e decompõem-se, perdendo, desse modo, toda a sua força medicamentosa.

### § 124

Para estes experimentos cada substância medicamentosa deve ser empregada completamente isolada e perfeitamente pura, sem misturar-se com qualquer outra substância estranha, e sem se ingerir nada mais de natureza medicamentosa no mesmo dia, nem nos dias subsequentes, nem durante todo o tempo em que quisermos observar os efeitos do medicamento.

### § 125

Durante este tempo de experiências, a dieta também deve ser adequada bem moderadamente, o quanto possível sem temperos, de





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

modo simples, apenas nutritivo, de maneira que todos os legumes verdes(\*) e raízes (que em sua totalidade contém sempre uma força medicamentosa, inconveniente, mesmo com todo preparo) sejam evitados. As bebidas devem ser as mais usualmente tomadas, as menos estimulantes quanto possível(\*\*).

(\*) Ervilhas tortas (em vagem), vagens, batatas cozidas ao vapor, quando muito, cenouras são permitidas, sendo os menos medicinais dos vegetais.

(\*\*) A pessoa que está sendo submetida ao experimento não deve estar habituada a tomar vinho, aguardente, café ou chá, ou deve ter se abstinido durante um período considerável antes da experiência do uso dessas bebidas em parte estimulantes, em parte medicamentosamente nocivas.

### § 126

A pessoa que está provando o medicamento deve *primeiramente ser conhecida como digna de toda a confiança e conscienciosa*, e durante todo o tempo da experiência deve evitar trabalho físico ou mental excessivo, qualquer forma de dissipação ou paixões perturbadoras; não deverá ter afazeres urgentes para distrair-lhe a atenção; deve devotar-se à devida auto-observação cuidadosa e não se perturbar enquanto estiver assim ocupada; seu organismo deve estar, no que é para si, em um bom estado de saúde; e deve possuir a inteligência necessária para exprimir e descrever suas sensações em termos precisos.

### § 127

Os medicamentos devem ser experimentados tanto em pessoas do sexo masculino como nas de sexo feminino, a fim de revelarem as alterações peculiares ao sexo.

### § 128

As observações mais recentes têm demonstrado que as substâncias medicinais, quando tomadas em estado bruto pelo experimentador,





## SAMUEL HAHNEMANN

com o fito de experimentar seus efeitos peculiares, não apresentam a plenitude de seus poderes que jazem ocultos, o que não ocorre quando são tomadas, com o mesmo objetivo, grandemente diluídas, soluções essas que são potencializadas mediante trituração e agitação adequadas; por meio dessas simples manipulações, os poderes que, em seu estado bruto, jaziam ocultos e, por assim dizer, adormecidos, desenvolvem-se e são trazidos à atividade em grau elevado até o inacreditável. Desse modo, agora consideramos que é melhor investigar os poderes medicinais mesmo das substâncias julgadas fracas, e o plano que adotamos consiste em dar-se ao experimentador, em jejum, de quatro a seis glóbulos por dia, da trigésima potência de tal substância, umedecidas com um pouco de água ou dissolvidas em uma quantidade maior ou menor de água e bem misturadas, prosseguindo-se assim durante vários dias.

### § 129

Se os efeitos resultantes de tal dose forem apenas fracos, devem se tomar mais uns glóbulos todos os dias, até que as alterações de saúde se tornem mais visíveis; pois nem todas as pessoas são afetadas no mesmo grau por um mesmo medicamento; ao contrário, há uma grande diversidade nisso, de maneira que, às vezes, um indivíduo aparentemente débil pode ser pouco ou nada afetado por doses moderadas de um medicamento que se sabe de grande poder, ao passo que é fortemente afetado por vários outros muito mais fracos. E, por outro lado, há pessoas muito robustas que experimentam sintomas mórbidos de grande intensidade em consequência de um medicamento aparentemente fraco, e apenas sintomas ligeiros em resultado de medicamentos mais fortes etc. Assim, como isto não se pode saber com antecedência, é aconselhável Iniciar sempre com uma dose muito pequena da droga e, quando convier e for necessário, aumentar a dose de dia para dia.





### § 130

Se, bem no início, a primeira dose administrada tiver sido suficientemente forte, ganha-se esta vantagem, a de que o experimentador aprenda a ordem de sucessão dos sintomas e possa anotar com precisão o período em que cada um ocorreu, o que é de grande valia para se ter um conhecimento do caráter do medicamento, pois então a ordem das ações primárias, bem como a das ações alternantes, é observada de forma mais indubitável. Mesmo uma dose assaz moderada, muitas vezes, é suficiente para o experimento, desde que o experimentador seja dotado de sensibilidade bastante delicada, e preste a devida atenção a suas sensações. A duração da ação de uma droga só pode ser determinada comparando-se diversos experimentos.

### § 131

Se, contudo, a fim de se averiguar algo, seja necessário dar o medicamento à mesma pessoa, para experiência, durante vários dias seguidos em doses crescentes, aprendemos com isto os diversos estados mórbidos que este medicamento é capaz de produzir de modo geral, mas não descobrimos sua ordem de sucessão; e a dose subsequente, muitas vezes, elimina um ou outro dos sintomas causados pela dose anterior, ou desenvolve, em seu lugar, um estado curativo secundário oposto – tais sintomas devem ser registrados entre parênteses, para ressaltar sua ambiguidade, até que experiências subsequentes, mais puras, mostrem se são uma ação contrária, uma ação secundária do organismo, ou uma ação alternante desse medicamento.

### §132

Mas quando o objetivo for, sem relação à ordem de sequência dos fenômenos ou à ação da droga, apenas pesquisar os sintomas propriamente ditos, especialmente as de uma substância medicinal fraca, então o melhor é dá-la durante diversos dias seguidos, aumentando-





## SAMUEL HAHNEMANN

-se a dose dia-a-dia. Desse modo, a ação de um medicamento ainda desconhecido, mesmo que seja de natureza muito fraca, será revelada, principalmente se se experimenta em pessoas sensíveis.

### § 133

Ao experimentar qualquer sensação particular em virtude do medicamento, é útil, e mesmo necessário, a fim de determinar o caráter exato do sintoma, assumir diversas posições enquanto ela perdurar, e observar se, movendo a parte afetada, caminhando pelo quarto ou ao ar livre, levantando-se, sentando-se ou deitando-se, o sintoma aumenta, diminui ou desaparece, e se retorna ao tomar outra vez a posição em que o primeiro se observou; se é alterado ao comer, ou beber, ou ao fazer-se outra coisa, ou ao falar, tossir, espirrar, ou mediante outra ação do organismo, bem como observar a que hora do dia ou da noite ocorre geralmente, de forma mais aguda, pelo que se tornará mais patente o que for mais peculiar e característico em cada sintoma.

### § 134

Todas as influências externas, e principalmente os medicamentos, possuem a propriedade de produzir na saúde do organismo vivo uma determinada espécie de alteração peculiar; porém, nem todos os sintomas peculiares a um medicamento aparecem já em uma só pessoa, nem de uma vez, nem no mesmo experimento, mas numa pessoa, desta vez, estes; numa segunda ou terceira experiências, outros; numa outra pessoa estes ou aqueles sintomas se evidenciam; porém, de maneira que, talvez na quarta, oitava, décima pessoa etc., novamente alguns ou mais fenômenos apareçam, que já haviam se evidenciado na segunda, sexta, nona pessoa etc.; eles também não aparecem todos, às vezes, à mesma hora.

### § 135

A totalidade dos elementos de moléstia que um medicamento é capaz de produzir só pode ser completamente entendida mediante nu-





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

meras observações em muitas pessoas adequadas de ambos os sexos e diferentes constituições. Só então podemos ter certeza de que um medicamento foi inteiramente experimentado em relação aos estados mórbidos que pode produzir – isto é, em relação a seus poderes puros de alterar a saúde do homem – quando experimentadores posteriores pouco podem notar de novo em sua ação, e quase sempre os mesmos sintomas já observados pelos outros em si.

### § 136

Embora, como já foi dito, um medicamento, ao ser experimentado em pessoas sãs, não pode manifestar em uma pessoa todas as alterações da saúde que é capaz de causar, só podendo fazer isso quando administrado a diversos indivíduos diferentes, que variam em constituição de corpo e alma, ainda assim existe nele a tendência de excitar esses sintomas em todos os seres humanos (§ 110), de acordo com a lei eterna e imutável da natureza, em virtude da qual todos os seus efeitos, mesmo os que só raramente se manifestam na pessoa sã, são postos em atividade, no caso de todos os indivíduos, se lhes for administrado ao tempo em que estiverem com um estado mórbido que apresente os mesmos sintomas semelhantes; ele, então, mesmo em dose muito pequena, sendo homeopaticamente escolhido, silenciosamente produz no paciente um estado artificial muito semelhante à doença natural, que rápida e permanentemente (homeopaticamente) o liberta e cura de seu mal original.

### § 137

Quanto mais moderadas forem as doses de medicamento, dentro de certos limites, empregadas para tais experimentos – desde que procuremos facilitar a observação pela escolha de uma pessoa amante da verdade, moderada, de sentimentos delicados e que possa dispensar o máximo de





## SAMUEL HAHNEMANN

atenção às sensações que experimenta, mais distintamente se desenvolvem os efeitos primários, e somente os que valem a pena serem conhecidos ocorrem sem qualquer mistura de efeitos secundários, ou reações da força vital. Contudo, quando doses excessivamente grandes são empregadas, ocorrem, ao mesmo tempo, não somente diversos efeitos secundários entre os sintomas, mas também os efeitos primários vêm em tal rapidez e confusão e com tal violência, que nada pode ser observado com precisão; sem ter em conta o perigo que os acompanha, o que ninguém que tenha consideração por seus semelhantes e que olhe para o mais miserável dos indivíduos como a um irmão, julgará de maneira diferente.

### § 138

Todos os sofrimentos, acidentes e mudanças de saúde do experimentador, durante a ação de um medicamento (desde que satisfeitas as condições acima (§§ 124-127), essenciais para uma experiência satisfatória e pura) derivam somente do medicamento, e devem ser considerados e anotados como pertencendo peculiarmente a ele, como sintomas desse medicamento, no caso que *com grande antecedência* o experimentador haja observado a ocorrência de fenômenos semelhantes em si próprio. Seu reaparecimento durante a experiência com o medicamento só vem demonstrar que esse indivíduo é, em virtude de sua constituição física peculiar, especialmente predisposto a ter os sintomas nele despertados.

Nesse caso, são o efeito do medicamento; os sintomas não surgem espontaneamente enquanto o medicamento que tomou está exercendo influência na saúde de todo o organismo, sendo, porém, produzidos pelo medicamento.

### § 139

Quando o médico não realiza em si próprio o experimento do medicamento, mas em outra pessoa, esta última deve anotar com precisão as sensações, sofrimentos, acidentes e mudanças de saúde







#### ORGANON DA ARTE DE CURAR

que experimenta no momento de sua ocorrência, mencionando, após a ingestão da droga, o tempo em que cada sintoma surgiu e, se perdurar por um tempo considerável, o período de sua duração. O médico revê o relatório na presença do experimentador imediatamente após o término do experimento ou, se o experimento durar muitos dias, ele o faz todos os dias, enquanto estiver tudo fresco em sua memória, a fim de inquiri-lo a respeito da natureza exata de cada uma das circunstâncias, e de anotar os detalhes mais precisos assim obtidos, ou de efetuar as alterações que o experimentador sugerir (\*).

(\*) Aquele que revela ao mundo médico os resultados de tais experimentos torna-se assim responsável pela confiabilidade do experimentador e pelas suas declarações, o que é justo, pois o bem estar da humanidade sofredora acha-se aqui em jogo.

### § 140

Se a pessoa não puder escrever, o médico deverá ser por ela informado, cada dia, do que lhe ocorreu, e como ocorreu. Não obstante, é anotado como informação autêntica a esse respeito. Contudo, deve, principalmente, ser a narração voluntária da pessoa que faz o experimento; não deverá admitir-se nada conjectural e o menos possível respostas sugeridas pelas perguntas; tudo deve ser estabelecido com o cuidado que aconselhei acima (§§ 84-99), para a investigação dos fenômenos e para traçar o quadro das doenças naturais.

### § 141

Mas os melhores experimentos dos efeitos puros dos medicamentos simples, na alteração da saúde humana, e das moléstias e sintomas artificiais capazes de desenvolver no indivíduo são, são os que o *médico* sadio, com isenção de ânimo e sensível *realiza em si mesmo*, com toda a cautela e cuidados primorosos aqui determinados. Ele sabe com a maior segurança as coisas que experimentou em si mesmo (\*).

(\*) Os experimentos feitos pelo médico em si tem para ele outras vantagens inestimáveis. Em primeiro lugar, a grande verdade de que a virtude medicinal de todas





## SAMUEL HAHNEMANN

---

as drogas, de que depende seu poder curativo, está nas mudanças de estado de saúde que ele próprio sofreu, em virtude dos medicamentos que experimentou, e pelo estado mórbido experimentado devido aos mesmos, torna-se para ele um fato indiscutível. Além disso, mediante tais observações em si mesmo, que são dignas de nota, ele poderá compreender suas próprias sensações, seu modo de pensar, e sua disposição (o fundamento da verdadeira sabedoria) e será também treinado a ser o que todo médico deve ser, um bom observador. As observações que fazemos em terceiros não são absolutamente tão interessantes quanto as que fazemos em nós próprios. Aqueles que observam terceiros devem sempre temer que o experimentador não sentiu exatamente o que disse, ou que não descreveu suas sensações com as expressões apropriadas. Fica sempre em dúvida se foi ou não enganado, pelo menos até certo ponto. Esses obstáculos ao conhecimento da verdade, que não podem ser jamais inteiramente vencidos em nossas investigações dos sintomas artificiais mórbidos que ocorrem em terceiros pela ingestão de medicamentos, cessam inteiramente quando fazemos os experimentos em nós mesmos. Aquele que realiza esses experimentos em si próprio sabe com certeza o que sentiu, e cada experimento é um novo incentivo para que investigue os poderes de outros remédios. Torna-se assim, mais e mais prático na arte de observar, de tal importância para o médico, continuando a observar-se a si mesmo, em quem mais pode confiar e que jamais o enganará; e isto ele fará com tanto mais cuidado quanto esses experimentos em si próprio prometem dar-lhe um conhecimento preciso do verdadeiro valor e significado dos instrumentos de cura, que ainda são de certo modo desconhecidos à nossa arte. Não se imagine que essas ligeiras indisposições causadas pela ingestão de medicamentos com o fim de experimentá-los podem em si prejudicar a saúde. A experiência tem demonstrado o contrário, que o organismo do experimentador torna-se, em virtude desses frequentes ataques à sua saúde, ainda mais apto a repelir todas as influências externas danosas à sua constituição física e todos os agentes morbíficos nocivos naturais e artificiais, tornando-se mais rijo para resistir a tudo o que seja de caráter nocivo, por meio desses experimentos moderados realizados em sua pessoa com medicamentos. Sua saúde torna-se mais difícil de ser abalada; ele se torna mais robusto, como a experiência o tem mostrado.





## § 142

Para distinguir alguns sintomas (\*) do medicamento simples empregado com fim terapêutico, dentre os da doença primitiva, especialmente nas de caráter crônico que permanecem com frequência inalteradas, é assunto que pertence à mais elevada arte do julgamento, e deve ser deixado exclusivamente para os mestres da observação.

(\*) Sintomas esses que, durante todo o curso da moléstia, tenham sido observados somente muito antes, ou nunca antes, conseqüentemente sintomas novos, pertencentes ao medicamento.

## § 143

Se tivermos, assim, experimentado, no indivíduo são, um número considerável de medicamentos simples, e cuidadosa e fielmente registrado todos os elementos de doença e sintomas que são capazes de desenvolver como produtores de doenças artificiais, então, somente, teremos uma *verdadeira Matéria Médica* – uma coleção de modos de ação real, pura, digna de confiança (\*) de substâncias medicinais simples, um volume do livro da natureza, em que se acha registrada uma série considerável de mudanças peculiares da saúde e sintomas que se determinam como pertencentes a cada um dos poderosos medicamentos, como foram revelados à atenção do observador, em que a semelhança de elementos (homeopáticos) morbíficos de muitas doenças naturais a serem daqui por diante curadas por eles acham-se presentes, os quais, em suma, contém estados mórbidos artificiais que fornecem para os estados mórbidos naturais semelhantes os únicos meios terapêuticos verdadeiros, isto é, homeopáticos, para se realizar sua cura certa e permanente.

(\*) Ultimamente, têm-se adotado a prática de confiar a experimentação de medicamentos a pessoas desconhecidas e distantes, que são pagas pelo seu trabalho, sendo impressas as informações assim obtidas. Dessa maneira, o trabalho, que é de todos o mais importante, o qual deverá formar a base da única e verdadeira arte





## SAMUEL HAHNEMANN

de curar, e o qual requer a maior certeza e confiabilidade, infelizmente, parece-me que se torna dúbio e incerto em seus resultados, assim perdendo todo o seu valor. Os pronunciamentos falsos que daí são esperados, e que foram tomados por verdadeiros pelos médicos homeopatas, devem, em sua aplicação, redundar em grande prejuízo para o doente.

### § 144

Deve-se excluir, de modo rigoroso, de tal Matéria Médica tudo quanto for conjectura, mera afirmativa ou imaginação; tudo deve ser a linguagem pura da natureza, cuidadosa e honestamente interrogada.

### § 145

De fato, é somente mediante uma grande coleção de medicamentos conhecidos com precisão, em relação a esses seus modos puros de ação na alteração da saúde do homem, que podemos descobrir um remédio homeopático, um análogo morbífico adequado (curativo) para *cada um* dos estados mórbidos infinitamente numerosos existentes na natureza, para *cada* moléstia que aflige o mundo (\*). Entretanto, e mesmo agora, graças ao caráter verdadeiro dos sintomas e à abundância dos elementos mórbidos que cada uma das poderosas substâncias medicinais já demonstrou em sua ação no corpo são, restam apenas algumas doenças, para as quais não se pôde encontrar, entre os até agora experimentados quanto à sua ação pura (\*\*), um remédio homeopático bastante adequado, o qual sem muito distúrbio restabeleça a saúde de modo suave, certo e permanente – *infinitamente* mais certa e seguramente do que se pode conseguir mediante todas as terapêuticas gerais e especiais da velha arte médica alopática, com seus medicamentos compostos desconhecidos, que apenas alteram e agravam, sem curar, os males crônicos, e antes retardam, em vez de curar, as doenças agudas, frequentemente até levam ao perigo de vida.

(\*) No começo (há cerca de quarenta anos), eu era o único que havia tornado a experimentação dos poderes puros de medicamentos a mais importante de





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

minhas ocupações. Desde então, eu havia sido auxiliado nisso por alguns jovens observadores, que realizaram experimentos em si próprios, e em cujas observações fiz revisões de caráter crítico. Após isto, alguns poucos outros realizaram certos trabalhos puros dessa espécie. Mas o que não poderemos realizar, relativamente à cura de toda a série do infinitamente vasto domínio das doenças, quando muitíssimos observadores *precisos e dignos de confiança* tiverem prestado os seus serviços, assim enriquecendo esta, a única e verdadeira matéria médica, mediante cuidadosas *experiências em si mesmos!* – A arte de curar aproximar-se-á, então, em certeza das ciências matemáticas.

(\*\*) Vide a segunda nota do § 109.

### § 146

O *terceiro ponto* do trabalho de um verdadeiro médico é o *emprego criterioso* de agentes morbíficos artificiais (medicamentos) que foram experimentados em indivíduos sãos, para determinar-se sua ação pura, *a fim de efetuar a cura homeopática dos males naturais.*

### § 147

Em que medicamentos entre estes que foram pesquisados quanto à sua força de mudar a saúde do homem, se encontre a maior semelhança na totalidade dos sintomas de uma determinada doença; este medicamento será, e tem que ser, o mais adequado, o mais seguro remédio homeopático para a mesma; nele encontramos o remédio específico para este caso de doença.

### § 148

A doença natural nunca deve ser considerada como *matéria* nociva situada em algum ponto interno ou externo do homem (§§ 11-13), mas como algo produzido por um agente inimigo de natureza espiritual que, como uma espécie de infecção (nota do § 11), produz perturbações em sua existência instintiva do princípio de vida de natureza espiritual den-





## SAMUEL HAHNEMANN

tro do organismo, torturando-o como um espírito mau e compelindo-o a produzir certos sofrimentos e desarranjos no seu curso vital normal, que são chamados de doença (sintomas). Mas se for retirada do princípio vital a sensação da ação deste agente nocivo, que este distúrbio procurava causar e continua causando, isto é, se ao contrário, o médico permitir que uma potência artificial capaz de alterar o princípio vital da maneira mais semelhante possível (medicamento homeopático) que sobrepuja em energia a doença natural, mesmo na dose mais diminuta, atue sobre o doente (§ 33-279), então a sensação do agente morbífico original se perde para o princípio vital durante a influência desta doença artificial semelhante mais forte; daí em diante o mal não existe mais para o princípio vital, ele foi aniquilado.

Um mal mais antigo, mais crônico, cederá um pouco mais tarde, com todos os sinais de desconforto (mediante o uso de diversas doses do mesmo medicamento, mais potencializado, ou após a seleção cuidadosa<sup>(\*)</sup> de um outro medicamento homeopático mais semelhante). A saúde e o restabelecimento, seguem-se em transições imperceptíveis, e frequentemente rápidas. O princípio vital sente-se outra vez libertado e capaz de continuar a vida do organismo, em pleno gozo da saúde, tal como antes, retornando o vigor.

(\*) Mas esta busca laboriosa, às vezes muito laboriosa, a seleção do remédio homeopático mais conveniente, em todos os aspectos, para cada estado mórbido, é uma operação que, não obstante todos os admiráveis livros que a facilitam, ainda requer o estudo das próprias fontes originais e ao mesmo tempo, uma grande dose de critério e força de vontade, que encontram sua melhor recompensa no fato de se saber que se cumpriu fielmente esse dever. Como poderia esta tarefa laboriosa e cuidadosa, pela qual somente se torna possível a melhor maneira de curar moléstias, agradar os cavalheiros da nova seita mestiça que assumem o honrado nome de homeopatas, e chegam a parecer empregar medicamentos de forma e aparência homeopáticas, embora sejam decididos por eles de qualquer maneira (quidquid in buccam venit), e que, quando o meio inadequado não propicia alívio imediato, em





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

vez de porem a culpa em sua indomável falta de empenho e leviandade no desempenho da função humana de maior relevo e seriedade, atribuem-na à homeopatia, acusando-a de grande imperfeição (se se disser a verdade, sua imperfeição consiste no fato de que o remédio homeopático mais conveniente para cada estado mórbido não voa espontaneamente para dentro de suas bocas, quais pombos assados, sem qualquer trabalho de sua parte!). Eles sabem, contudo, como pessoas hábeis que são, consolar logo a ineficiência de seus meios homeopáticos que mal chegam a ser semi-homeopático, através do emprego do charlatanismo alopático que lhes é habitual, entre os quais uma ou mais dúzias de sanguessugas aplicadas a partes afetadas, ou pequenas e inócuas sangrias de oito onças etc., desempenham um papel importante; e caso o paciente, a despeito de tudo isto, se restabeleça, eles exaltam as virtudes das sangrias, sanguessugas etc., alegando que, não tivesse sido isso, o paciente não teria se restabelecido; e dão-nos a entender de modo a não deixar dúvidas, que estas operações, que derivam, sem grande uso da inteligência, do relaxamento pernicioso da velha escola, foi a que mais contribuiu para a cura. Mas, se o paciente morrer, como sói acontecer, procuram acalmar os familiares desconsolados dizendo que “eles próprios são testemunhas de que todos os meios concebíveis haviam sido empregados para tentar a cura do falecido”. Quem chamaria a esta gente frívola e perniciosa, em homenagem ao nome da mui laboriosa, porém salutar arte, de *médicos homeopatas*? Que os aguarde a justa recompensa; que quando adoeçam, sejam tratados da mesma maneira!

### § 149

As doenças de longa duração (e principalmente as complicadas) requerem, para sua cura, um tempo proporcionalmente maior. De modo especial, a discrasia medicinal crônica tantas vezes causada pela não arte alopática, juntamente com a moléstia natural não curada por este meio, requer um tempo muito maior para sua cura; muitas vezes, ainda, são incuráveis, em consequência de roubo vergonhoso do vigor e sucos do paciente (sangrias, purgativos etc.), em virtude do uso prolongado de grandes doses de medicamentos de ação violenta administrados com





## SAMUEL HAHNEMANN

base em teorias vazias e errôneas de sua pseudo-utilidade em casos de moléstias de aparência *semelhante*, também na prescrição de banhos minerais inadequados etc., “o principal feito heroico realizado pela alopatia nos seus assim chamados métodos de tratamento”.

### § 150

Se um paciente se queixa de um ou mais acidentes, insignificantes, que só tenham sido observados um pouco antes, o médico não deve considerar isto como uma doença plenamente desenvolvida que necessite assistência médica séria. Uma ligeira alteração na dieta e regime são geralmente suficientes para terminar tal indisposição.

### § 151

Mas se o paciente se queixar de alguns sofrimentos violentos, o médico, geralmente, ao investigar, encontrará diversos outros acidentes que, embora mais ligeiros, darão um quadro completo da enfermidade.

### § 152

Quanto pior for uma doença aguda, tanto mais numerosos e mais fortes serão os sintomas de que se compõe, de uma maneira geral, mas com tão maior certeza pode-se encontrar um remédio adequado para ela, se houver um número suficiente de medicamentos conhecidos a escolher em relação à sua ação positiva. Entre a relação de sintomas de muitos medicamentos não será difícil encontrar *um* de cujos elementos morbíficos isolados, contrapondo à totalidade dos sintomas da moléstia natural, possa ser formado um quadro muito semelhante de doença artificial curativa, e este medicamento é o remédio desejado.

### § 153

Nessa busca de um remédio específico homeopático, isto é, nesta comparação do conjunto de sintomas do mal natural com a relação







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

de sintomas de medicamentos existentes, cuja finalidade é encontrar entre estes um agente morbífico artificial correspondente, por semelhança, à doença a ser curada, devem-se ter em mente, precípua e exclusivamente, os sinais e sintomas (\*) do caso de doença que forem *mais fortes, singulares, incomuns e peculiares* (característicos); *pois é principalmente e quase que só a estes que, na relação dos sintomas do medicamento escolhido, devem corresponder os que são muito semelhantes*, a fim de constituir o mais conveniente para efetuar a cura. Os sintomas mais gerais e indefinidos: perda de apetite, dor de cabeça, debilidade, sono inquieto, sensação de desconforto etc., requerem pouca atenção, quando são de caráter vago e indefinido, se não podem ser descritos com mais detalhes, pois sintomas de natureza assim geral, são observados em quase todas as doenças, e em quase todos os medicamentos.

(\*) O Dr. Von Bönninghausen, pela publicação dos sintomas característicos de medicamentos homeopáticos, em seu Repertório, prestou um grande serviço à Homeopatia, bem como o Dr. G.H.G. Jahr, em seu manual dos principais sintomas, agora editado pela terceira vez sob o título: “Grand Manuel”.

### § 154

Se o antitipo formado com a relação de sintomas dos medicamentos mais adequados contiver estes sintomas peculiares, incomuns, singulares e notáveis (característicos), encontrados na doença a ser curada em maior número e semelhança, *este* medicamento é o remédio específico homeopático mais apropriado para *este* estado mórbido; a doença, se não for de duração muito longa, será geralmente removida e extinta com a primeira dose, sem qualquer perturbação considerável.

### § 155

E eu digo: *sem qualquer perturbação considerável*. Pois no emprego deste medicamento homeopático mais apropriado, somente os sintomas





#### SAMUEL HAHNEMANN

medicamentosos do remédio que correspondem aos sintomas da doença, são chamados a agir, os primeiros ocupando o lugar dos segundos (mais fracos) no organismo, isto é, nas sensações do princípio vital, e assim aniquilando-os por os sobrepujarem; mas os outros sintomas do medicamento homeopático, que amiude são muito numerosos, não sendo de forma alguma aplicáveis ao caso da doença em questão, não desempenham qualquer papel. O paciente, melhorando de hora em hora, não os sente, porque a dose pequeníssima necessária para o uso homeopático é demasiadamente fraca para produzir os outros sintomas do medicamento que não são homeopáticos ao caso, nas partes do corpo que se acham livres de doença e, conseqüentemente, só os sintomas homeopáticos podem agir nas partes do organismo que já se acham muito irritadas e excitadas, pelos sintomas semelhantes do mal, de modo que o princípio vital doente possa sentir somente a doença medicinal semelhante, embora mais forte, pelo que se extingue a doença original.

### § 156

Não há, contudo, quase nenhum medicamento homeopático, por mais adequadamente escolhido que seja, que, principalmente se administrado em dose insuficientemente pequena, não produza em pacientes muito irritáveis e sensíveis, pelo menos *um* distúrbio pequeno inabitual, algum sintoma novo e ligeiro, enquanto perdurar o seu efeito; pois é quase impossível que o medicamento e a doença cubram um ao outro, sintomaticamente, tão exatamente como dois triângulos de lado e ângulos iguais. Mas (em circunstâncias normais) esta diferença sem importância será facilmente eliminada pela própria atividade potencial (autocracia) do organismo vivo, e não é perceptível por pacientes que não são excessivamente delicados; o restabelecimento prossegue, apesar disso, em direção ao fim almejado da cura perfeita, se não for disso impedido pela ação de influências medicinais heterogêneas sobre o paciente por erros de hábitos de vida ou pela excitação das paixões.





### § 157

Embora seja certo que um remédio homeopaticamente selecionado, pode ser apropriado e em vista da pequenez da dose, suavemente remove e aniquila a doença *aguda* que lhe é análoga, sem manifestar seus outros sintomas não homeopáticos, isto é, sem produzir novos e sérios distúrbios, embora, de modo geral, imediatamente após a sua ingestão, durante a primeira ou primeiras horas, costuma causar uma espécie de ligeiro agravamento quando a dose não tiver sido suficientemente pequena e (nos casos em que a dose tenha sido um tanto excessiva, durante muitas horas) tem tanta semelhança com a moléstia original que parece ao doente ser uma agravação de sua própria doença. Nada mais é, na realidade, que uma *doença medicinal* extremamente semelhante, que excede um pouco, em intensidade, a afecção original.

### § 158

Esta ligeira *agravação homeopática* durante as primeiras horas – um excelente prognóstico de que a doença *aguda* com toda a probabilidade cederá à primeira dose – é bem como devia ser, como a doença medicinal deve ser, naturalmente, um tanto mais forte que a moléstia a ser curada, se se desejar vencer e extinguir esta última, assim como uma doença natural pode remover e aniquilar uma outra semelhante a ela, somente quando for mais forte que a última (§§ 43-48).

### § 159

Quanto menor for a dose do medicamento homeopático no tratamento de moléstias *agudas*, tanto menor e mais curto é o incremento aparente da moléstia durante as primeiras horas.

### § 160

Mas como a dose de um medicamento homeopático raramente pode ser tão pequena a ponto de não poder aliviar, vencer e mesmo





## SAMUEL HAHNEMANN

completamente curar e eliminar a doença natural, que não tenha sofrido complicação, e que não tenha tido uma duração longa, que lhe é semelhante (§ 249, notas), é fácil compreender porque uma dose de um medicamento homeopático apropriado, não a menor possível, sempre, durante a primeira hora após a sua ingestão, produz uma agravação homeopática perceptível desta espécie (\*).

(\*) Esta exaltação dos sintomas medicinais sobre os sintomas da doença que lhe são análogos, o que parece uma agravação, foi também observado por outros médicos quando, acidentalmente, empregaram um remédio homeopático. Quando um paciente que sofre de sarna se queixa de um aumento da erupção após a aplicação de enxofre, seu médico, que desconhece a causa disso, consola-o com a certeza de que a sarna deve sair adequadamente antes de poder ser curada; ele não sabe, contudo, que isto é uma erupção causada pelo enxofre, que apenas toma a aparência de uma exasperação da sarna.

“A erupção facial que foi curada pela *Viola tricolor* foi por ela agravada no começo de sua ação” segundo nos relata Leroy (Heilk für Mütter, pág. 406), mas ele não sabia que a agravação aparente era devida a uma dose um tanto excessiva do medicamento, que neste caso era de certo modo homeopático. Segundo Lysons (Med. Transact. Vol. II, Londres, 1772), “a casca do olmeiro cura com toda a certeza as doenças de pele as quais pioram no começo de sua ação”. Não tivesse ele dado essa casca nas doses monstruosas (habitualmente empregadas na medicina alopática), mas nas doses pequeninas necessárias quando o remédio apresenta semelhança de sintomas, isto é, quando empregado homeopaticamente, teria realizado uma cura sem verificar, ou quase sem verificar este aumento aparente do mal (agravação homeopática).

### § 161

Quando aqui eu limito a assim chamada agravação homeopática, ou melhor, os sintomas da doença original com uma aparentemente aumentada ação primária do medicamento homeopático, para a primeira ou primeiras horas, isto é certamente verdade no que se refere a moléstias de caráter mais agudo e de origem recente; mas nos casos em que os medicamentos de ação





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

demorada tenham que combater *uma moléstia de duração considerável, ou muito longa*, em que não deve aparecer tal aumento do mal original durante o tratamento, e não aparece se o medicamento cuidadosamente escolhido foi dado na dose adequada, pequena e gradativamente maior, cada uma modificada (\*) com renovada dinamização (§ 247), tal aumento dos sintomas originais de uma doença crônica pode aparecer somente ao término do tratamento, quando a cura tiver sido feita ou por se fazer.

(\*) Se as doses do medicamento melhor dinamizado (§ 270) forem bastante pequenas, e se a dose a cada vez for modificada por meio de vascojeos, então, podem-se repetir medicamentos mesmo de efeitos demorados, em breves intervalos também em doenças crônicas.

### § 162

Acontece, às vezes, *devido ao número ainda moderado de medicamentos já conhecidos, no que respeita a sua ação verdadeira e pura*, que apenas *uma parte* dos sintomas da moléstia sob tratamento será encontrada na relação de sintomas do medicamento mais apropriado, pelo que deve-se empregar este agente medicinal morbífico imperfeito, à falta de um mais perfeito.

### § 163

Neste caso não podemos mesmo esperar desse medicamento uma cura completa e normal; pois, durante o seu emprego, surgem alguns acidentes que não podiam ser antes observados na moléstia, sintomas esses que são acessórios do medicamento não perfeitamente adequado. Isto de modo algum impede que uma parte considerável da moléstia (os sintomas da doença que lembram os do medicamento) seja erradicada por esse medicamento, assim estabelecendo um começo satisfatório da cura, mas, ainda assim, isto não sucede sem esses sintomas acessórios que são, contudo, sempre moderados quando a dose do medicamento for suficientemente pequena.





### § 164

O pequeno número de sintomas homeopáticos presente nos medicamentos mais bem escolhidos não constitui obstáculo para a cura em casos *em que esses outros poucos sintomas medicinais são na maior parte das vezes de caráter incomum, e são singularmente distintivos (característicos) da doença*; em tais circunstâncias, ocorre a cura sem quaisquer distúrbios particulares.

### §165

Contudo, se entre os sintomas do medicamento escolhido, não houver nenhum que se assemelhe com precisão aos sintomas incomuns, peculiares, distintos (característicos) do caso da doença, e se o medicamento corresponde à doença apenas nos estados gerais, vagamente descritos, indefinidos (náuseas, debilidade, dor de cabeça, e assim por diante), e se não houver entre os medicamentos conhecidos nenhum mais homeopaticamente apropriado, nesse caso o médico não pode se comprometer a obter qualquer resultado favorável imediato com o emprego deste medicamento não homeopático.

### § 166

Tal caso é, contudo, *muito raro*, porque o número de medicamentos cujos efeitos puros já são conhecidos, têm aumentado nestes últimos tempos, e os efeitos danosos deles resultantes, quando ocorrem, diminuem sempre que um medicamento posterior, de semelhança maior, pode ser escolhido.

### § 167

Assim, se ocorrerem, durante o emprego desse medicamento não totalmente homeopático primeiramente empregado, sintomas acessórios de certa importância, então, no caso de moléstias agudas,





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

não permitimos que essa primeira dose se esgote a sua ação, nem expomos o paciente a toda a duração da ação do medicamento mas, investigamos outra vez o estado mórbido em sua condição já alterada, e acrescentamos o restante dos sintomas originais aos novamente desenvolvidos, traçando um novo quadro da moléstia.

### § 168

Poderemos, então, muito mais facilmente descobrir, entre os medicamentos conhecidos, um análogo ao estado mórbido que se nos apresenta, que usado uma única vez, se não aniquilarmos inteiramente a doença, fã-la-emos progredir consideravelmente no caminho da cura. E assim prosseguiremos, se nem este medicamento for inteiramente suficiente para realizar o restabelecimento do estado de saúde, examinando novamente o estado mórbido que ainda restar e escolhendo um medicamento homeopático que lhe seja tão adequado quanto possível, até atingirmos o nosso objetivo que consiste em devolvermos ao paciente sua perfeita saúde.

### § 169

Se, no primeiro exame de uma doença e na primeira seleção de um medicamento, descobrirmos que a totalidade dos sintomas da doença não seria eficazmente atingidos pelos elementos morbíficos de um só medicamento – devido ao número insuficiente de medicamentos conhecidos –, mas que dois deles competem pela preferência no aspecto de serem os adequados, um dos quais é mais homeopaticamente adequado para uma parte, o outro para outra parte dos sintomas, não é aconselhável, após o emprego do mais adequado dos dois remédios, administrar o outro sem novo exame (\*), pois o medicamento que parecia ser o segundo em preferência não seria, por haver ocorrido certas alterações, naquele ínterim, adequado para o restante dos sintomas que ainda permaneceram; neste caso, conseqüentemente, um medicamento homeopático mais ade-





quando deve ser escolhido em lugar do segundo, para a segunda série de sintomas, à medida que surgirem em novo exame.

(\*) E muito menos dar ambos ao mesmo tempo (§ 273)°.

° Nota do tradutor: no original § 272.

## § 170

Por isso, nesse, como em todos os casos em que ocorra uma alteração do estado mórbido, a série restante de sintomas então presente deve ser investigada, e (sem se prestar atenção ao medicamento que primeiro pareceu ser a segunda escolha no que se refere à adequação) deve se escolher outro medicamento homeopático, tão apropriado quanto possível ao novo estado atual. Se acontecer, o que é muito raro, que o medicamento que primeiro parecia ser o segundo em escolha pareça ainda adaptar-se bem para o estado mórbido restante, tanto mais será digno de confiança, e merecerá ser empregado de preferência a outro.

## § 171

Nas doenças crônicas não venéreas, portanto as que mais comumente se originam da Psora, frequentemente precisamos, para efetuar a cura, dar diversos remédios antipsóricos seguidamente, porém de maneira que cada um que venha depois seja homeopaticamente escolhido em consonância com o grupo de sintomas restante após o término da ação do remédio anterior.

## § 172

Uma *dificuldade* semelhante resulta do número de sintomas pequeno demais de uma doença a ser curada, circunstância essa que merece cuidadosa atenção, pois por sua remoção quase todas as dificuldades que se acham no caminho desse modo mais perfeito de todos os métodos de tratamento possíveis (exceto que o seu arsenal de medicamentos homeopáticos conhecidos é ainda incompleto) são removidas.







### § 173

As únicas doenças que parecem ter apenas alguns sintomas e assim, menos suscetíveis de cura, são as que se podem chamar *parciais*, porque apresentam apenas um ou dois sintomas principais que ocultam todos os outros. Pertencem, principalmente, à classe das doenças crônicas.

### § 174

O seu sintoma principal pode ser tanto uma queixa interna (por exemplo, uma dor de cabeça de muitos anos, uma diarréia de muitos anos, uma cardialgia antiga etc.), ou uma afecção mais de natureza externa. Doenças desse último tipo distinguem-se, geralmente, pelo nome de *doenças locais*.

### § 175

Nas doenças parciais da primeira espécie, frequentemente se atribui à falta de discernimento do observador médico o fato de não haver este descoberto totalmente os sintomas realmente presentes, os quais possibilitar-lhe-iam completar o quadro da enfermidade.

### § 176

Há, contudo, ainda algumas poucas doenças que, após uma pesquisa inicial (§§ 84-98), apresentam apenas um ou dois sintomas sérios e violentos, ao passo que os outros mal estão perceptíveis.

### § 177

A fim de se resolver com sucesso um caso *assim*, o qual ocorre *muito raramente*, devemos primeiro, escolher, guiados por estes poucos sintomas, o medicamento que, a nosso ver, é o mais homeopaticamente indicado.





### § 178

Algumas vezes sucederá, na verdade, que este medicamento, escolhido rigorosamente de acordo com a lei homeopática, proporcione a doença artificial semelhante adequada para a aniquilação do mal; e isto acontecerá com muito maior probabilidade quando estes poucos sintomas mórbidos são muito pronunciados, determinados, incomuns e particularmente distintos (característicos).

### § 179

Contudo, com maior frequência, o medicamento que foi escolhido em primeiro lugar, em tal caso, só será parcialmente, isto é, não exatamente adequado, visto não ter havido um número considerável de sintomas para orientar uma escolha precisa.

### § 180

Neste caso, o medicamento, que foi escolhido tão bem quanto possível, mas que, pelo motivo referido acima, só é imperfeitamente homeopático, irá, em sua ação na doença que é somente em parte análoga a ele, como no caso referido acima (§ 162), em que o número limitado de remédios homeopáticos torna a seleção imperfeita, produzir sintomas acessórios, e diversos fenômenos de sua própria série de sintomas que se misturam com o estado de saúde do paciente, *os quais são, contudo ao mesmo tempo, sintomas da própria doença, embora não tenham, até então, jamais ou raramente sido percebidos*, alguns sintomas que o paciente não havia anteriormente experimentado, aparecem; ou outros que havia percebido apenas vagamente, tornam-se mais pronunciados.

### § 181

Que não se objete que os fenômenos acessórios e novos sintomas dessa doença, que surgiu agora, devem ser consequentes aos medi-





#### ORGANON DA ARTE DE CURAR

camentos que se acabou de empregar. Devem a sua origem a eles(\*), com toda a certeza, mas são sempre apenas sintomas de natureza tal que *essa* doença foi, em si, capaz de produzir *neste* organismo, e que foram desenvolvidos e levados a aparecer pelo medicamento empregado, em virtude de seu poder de causar sintomas semelhantes. Em uma palavra, temos que considerar toda a coleção de sintomas agora perceptíveis como pertencentes à própria doença, como o estado atual existente, e dirigir o nosso tratamento subsequente de acordo com ele.

(\*)Quando não foram causados por um erro importante no modo de vida, uma emoção violenta, ou uma desordem tumultuosa no organismo, a ocorrência ou cessação de regras, concepção, parto etc.

### § 182

Assim, a seleção imperfeita do medicamento, que nesse caso foi quase inevitável, devido ao número muito limitado de sintomas presentes, serve para completar a série de sintomas da moléstia, e assim facilita a descoberta de um segundo medicamento homeopático mais precisamente adequado.

### § 183

Portanto, sempre que a dose do primeiro medicamento cessar seu efeito benéfico (se os sintomas recentemente desenvolvidos, em virtude de sua intensidade, não pedem auxílio mais rápido, o que, contudo, por causa da pequenez da dose do medicamento homeopático e nas doenças mais crônicas, é excessivamente raro), deve se realizar um novo exame do mal, o *status morbi* como tal se apresenta, deve ser anotado, devendo-se escolher um segundo medicamento homeopático de acordo com ele, e que deverá servir exatamente ao estado atual, podendo-se encontrar, então, um que seja ainda mais apropriado, pois o grupo de sintomas tornou-se maior e mais completo(\*).

(\*)Nos casos em que o paciente (o que, contudo, ocorre com raríssima frequência





## SAMUEL HAHNEMANN

em males crônicos, porém acontece nas doenças agudas) se sente muito doente, embora os seus sintomas sejam muito vagos, de modo que este estado pode ser atribuído mais ao estado de amortecimento dos nervos, que não permite que as dores e sofrimentos do paciente sejam claramente percebidos, este torpor da sensibilidade interna é removido pelo suco de papoula, e em sua ação secundária os sintomas do mal tornam-se claros.

### § 184

Da mesma forma, após cada nova dose de medicamento haver esgotado a sua ação, quando não mais for adequada e útil, o estado da doença que ainda permanece deve ser anotado outra vez quanto aos sintomas remanescentes, devendo-se procurar outro medicamento homeopático, tão conveniente quanto possível para o grupo de sintomas agora observado, e assim por diante, até se haver completado a cura.

### § 185

Entre as doenças parciais, as chamadas *doenças locais* ocupam lugar de destaque, termo este que significa as mudanças e sofrimentos que ocorrem nas partes externas do corpo. Até agora, a ideia predominante nas escolas foi a de que somente essas partes eram afetadas, e que o resto do corpo não participava da doença, doutrina esta que é absurda e teórica, e que tem conduzido a tratamento médico deveras desastroso.

### § 186

As chamadas *doenças locais* que tenham aparecido há pouco tempo, apresentando apenas uma lesão externa, à primeira vista ainda parecem merecer o nome de *doenças locais*. Assim, se a lesão for muito pequena, não deve ser de grande importância. No entanto, no caso de doenças de causa externa, se forem graves, todo o organismo sofre, ocorrendo





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

febre etc. O tratamento de tais doenças é relegado à cirurgia; mas isto só é correto desde que as partes afetadas requeiram ajuda mecânica, pelo que os obstáculos externos que impedem a cura, que só se pode esperar venha a ocorrer por meio da força vital, podem ser removidos por meios mecânicos, por exemplo, pela redução das luxações, por meio de agulhas e ataduras que unem lábios de feridas, mediante pressão mecânica para estancar o fluxo de sangue de artérias abertas, pela extração de matéria estranha que penetrou nas partes vivas, fazendo-se uma abertura em uma cavidade do organismo para remover alguma substância irritante ou para obter a evacuação de fluxo de líquidos que saíram de algum lugar ou se juntaram, trazendo em aposição as extremidades partidas de um osso fraturado e retendo-as em contato correto mediante uma ligadura apropriada etc. Mas quando em tais ferimentos o organismo vivo requer, *como sempre ocorre*, ação *dinâmica* ativa para lhe possibilitar a tarefa de sarar, como por exemplo, quando a febre violenta resultante de grandes contusões, músculos lacerados, tendões e vasos sanguíneos necessita ser removida mediante medicamentos internos, ou quando a dor externa de áreas escaldadas ou queimadas precisa ser homeopaticamente vencida, então os serviços do médico dinâmico e sua valiosa homeopatia se fazem necessários.

### § 187

Mas essas afecções, alterações e sofrimentos que surgem nas partes externas que não resultam de qualquer lesão externa ou que tenham apenas uma pequena ferida externa como sua causa imediata, são produzidos de maneira inteiramente diferentes; sua fonte situa-se em algum mal interno. Considerá-los como meras afecções locais, e, ao mesmo tempo, tratá-las somente, ou quase somente, por assim dizer, cirurgicamente, com aplicações tópicas ou outros remédios semelhantes, como tem feito a velha escola desde as eras mais remotas, é tão absurdo quanto pernicioso em seus resultados.





## § 188

Estas afecções foram consideradas meramente tópicas, e portanto foram chamadas *doenças locais*, como se fossem males exclusivamente limitados às partes em que o organismo pouco ou nada participou, ou afecções destas determinadas partes visíveis de que o restante do organismo vivo, por assim dizer, nada sabia(\*).

(\* Um dos muitos perniciosos disparates da velha escola.

## § 189

E contudo é fácil perceber-se que nenhuma doença externa (não ocasionada por alguma lesão externa séria) pode surgir, persistir ou mesmo piorar sem alguma causa interna, sem a cooperação de todo o organismo (que conseqüentemente acha-se atacado). Não pode, absolutamente, aparecer sem o consentimento de todo o resto da saúde e sem a participação de todo remanescente vivo (da força vital que governa todas as outras partes sensíveis e irritáveis do organismo); o fato é, que é impossível imaginar seu aparecimento sem ter sido levado a isto pela vida adoecida em sua totalidade; tão intimamente acham-se estas partes do organismo ligadas para formar um todo indivisível em sensações e funções. Não pode ocorrer erupção nos lábios, ou panarício, sem que tenha havido, anteriormente, simultaneamente, uma perturbação interna.

## § 190

Todo o verdadeiro tratamento médico de uma doença, nas partes externas do organismo, que seja proveniente de quase nenhuma lesão externa, deve, portanto, ser dirigido contra o todo, e realizar a aniquilação e cura da doença geral mediante medicamentos internos, se desejar que o tratamento seja sabiamente administrado, certo, eficiente e radical.





## § 191

Isto é confirmado de forma mais indubitável pela experiência, que mostra, em todos os casos, que todo medicamento interno poderoso, imediatamente após a sua ingestão, causa alterações importantes na saúde geral de tal paciente, e particularmente nas partes exteriores afetadas (que a velha escola considera como inteiramente isoladas), mesmo numa assim chamada *doença local*, que afeta as partes mais externas do corpo, e a alteração que acarreta é deveras salutar, sendo esta o restabelecimento da saúde do homem como um todo, com o desaparecimento do mal externo (sem a ajuda de qualquer meio externo) desde que o medicamento interno dirigido ao estado geral tenha sido adequadamente escolhido, no sentido homeopático.

## § 192

Isto se consegue da melhor forma quando, na investigação do caso de doença, juntamente com o caráter exato da afecção local, todas as alterações, sofrimentos e sintomas observáveis na saúde do paciente, e que tenham sido notados antes, quando não se haviam empregado medicamentos, são tomados em conjunto para se ter um quadro completo da doença, antes de se procurar entre os medicamentos cujos efeitos patogenéticos peculiares são conhecidos, um que corresponda à totalidade dos sintomas, de modo que a seleção seja verdadeiramente homeopática.

## § 193

Mediante esse medicamento, empregado apenas internamente (e quando o mal for de origem recente, frequentemente uma só dose basta) remove-se o estado geral mórbido do organismo, bem como a afecção local, curando-se esta última juntamente com o primeiro, o que vem provar que a afecção local dependia apenas de uma doença do resto do





organismo, e só deveria ser considerada como parte inseparável do todo como um dos sintomas mais consideráveis e marcantes de toda a doença.

### § 194

Não é de qualquer utilidade, quer nas doenças locais agudas que se originam rapidamente, quer nas afecções locais que já existam há muito tempo, esfregar ou aplicar externamente no local, um medicamento, muito embora seja o específico e, quando empregado internamente, salutar, em virtude de sua homeopaticidade, não obstante, seja, ao mesmo tempo, administrado internamente; pois as afecções tóxicas agudas (por exemplo, inflamações de determinadas partes, erisipelas etc.) que não tenham sido causadas por lesão externa de violência proporcional, mas por causas internas ou dinâmicas, cedem, com toda a certeza, aos meios internos homeopaticamente adaptados ao estado de saúde perceptível no exterior e no interior, escolhidos do estoque geral de medicamentos experimentados, e geralmente sem qualquer outro auxílio; mas se estas doenças não cedem completamente a eles, e se ainda resta, na parte afetada e no estado geral, não obstante um regime adequando de vida, um resquício de doença que a força vital não consegue vencer, então o mal agudo foi (como ocorre com certa frequência) um produto da Psora que até então jazia latente no interior, mas que agora irrompeu, e acha-se a ponto de desenvolver-se em doença crônica visível.

### § 195

A fim de realizar uma cura radical em tais casos, que não são de modo nenhum raros, após remoção suportável do estado agudo, deve-se, então, dirigir um tratamento antipsórico adequado (como foi ensinado no livro das *Doenças Crônicas*), contra os sintomas que ainda restam e contra o estado mórbido a que o paciente se achava sujeito. Nas doenças crônicas locais que não são de caráter evidentemente venéreo, o tratamento interno antipsórico é, além disso, essencial (\*).

(\*). Conforme indiquei no meu livro sobre Doenças Crônicas.







## § 196

Poderia, de fato, parecer que a cura de tais males seria apressada mediante o emprego da substância medicinal que se sabe ser verdadeiramente homeopática para a totalidade dos sintomas, não só internamente, mas também externamente, pois a ação de um medicamento aplicado no lugar da afecção local pode efetuar nela uma mudança mais rápida.

## § 197

Contudo, este tratamento é inadmissível, não apenas pelos sintomas locais que provêm do miasma da Psora, mas também e especialmente, pelos que se originam no miasma da Syphillis ou da Sycosis, porque a *aplicação local simultânea, juntamente com o emprego interno do remédio em doenças cujo sintoma principal é uma afecção local constante*, apresenta esta grande desvantagem, a de que, mediante tal aplicação tópica, seu sintoma principal (afecção local) (\*) desaparece geralmente mais cedo, diante dos olhos, antes do mal interno ser aniquilado, e nós seremos enganados então, pela aparência de uma cura perfeita; ou, ao menos, será difícil, e, em certos casos, impossível determinar, pelo desaparecimento prematuro do sintoma local, se também a doença geral foi destruída pelo emprego simultâneo do medicamento interno.

(\*) Erupção recente de sarna, cancro e verruga do figo.

## § 198

O *mero emprego tópico* de medicamentos, que são poderosos para a cura, quando administrados internamente, nos sintomas locais de males crônicos miasmáticos, pela mesma razão, é inadmissível; pois se a afecção local da doença crônica só foi removida localmente, e de forma parcial, o tratamento interno indispensável para o restabelecimento completo da saúde continua a ser uma dúvida incerteza; o sintoma principal (a afecção local) desapareceu, restando, apenas,





os outros sintomas, imperceptíveis, que são menos constantes e persistentes que a afecção local, e frequentemente não suficientemente peculiares e insuficientemente característicos para mostrar, após isto, um quadro claro e completo da doença.

### § 199

Se o remédio perfeitamente homeopático para a doença não tiver ainda sido descoberto (\*), ao tempo em que os sintomas locais foram destruídos por meio corrosivo ou secante externo, ou pela lanceta, então o caso torna-se muito mais difícil, em vista do aparecimento por demais indefinido (não característico) e inconstante dos sintomas restantes; pois o que poderia ter contribuído em maior proporção para determinar a escolha do remédio mais adequado e seu emprego interno, a fim de que a doença fosse inteiramente aniquilada, ou seja, o sintoma externo principal, foi removido de nossa observação.

(\* ) Como ocorreu antes de meu tempo com os remédios para a moléstia condilomatosa (e os medicamentos antipsóricos).

### § 200

Se o sintoma ainda estivesse presente para orientar o tratamento interno, o remédio homeopático para toda a doença poderia ter sido descoberto, e se o fosse, a persistência da afecção local durante o seu emprego interno teria mostrado que a cura não se havia completado; mas, se curada no seu lugar, e não atingida por qualquer meio externo de ação supressiva, isto constituiria prova convincente de que a doença foi inteiramente erradicada, produzindo-se plenamente a desejada cura de toda a doença, o que é uma vantagem inestimável, e indispensável para se obter uma cura perfeita.

### § 201

É evidente que a força vital do homem, quando sobrecarregada por doença crônica que não pode ser vencida por sua própria força





#### ORGANON DA ARTE DE CURAR

(instintivamente), adota o plano de desenvolver um mal local em alguma parte externa, somente com o objetivo de causar e manter em estado de doença essa parte que não é indispensável para a vida humana; ela pode assim, silenciar o mal interno que, de outro modo, ameaça aniquilar os órgãos vitais, causando o falecimento do paciente, e podendo, desse modo, por assim dizer, transferir o mal interno à afecção local, mantendo-o lá. Dessa maneira, a presença da afecção silencia, por certo tempo, o mal interno, embora sem poder curá-lo ou diminuí-lo grandemente (\*). Contudo, a afecção local nunca é mais que uma parte da doença geral, mas uma parte dela aumentada em uma só direção pela força vital orgânica, e transferida para uma parte do organismo menos perigosa (externa), a fim de suavizar o mal interno. Entretanto, como já foi dito, por este sintoma local que silencia o mal interno, longe de se ganhar, pela força vital, alguma vantagem, diminuindo-se ou curando-se toda a doença, o mal interno, ao contrário, prossegue, apesar dela, aumentando gradativamente, e a natureza se vê obrigada a aumentar e agravar cada vez mais o sintoma local, a fim de que possa bastar como substituto para o mal interno que aumentou, podendo ainda mantê-lo sob controle. Úlceras antigas nas coxas pioram quando a Psora interna não se cura, o cancro aumenta enquanto a Syphillis interna permanece sem cura, os condilomas aumentam e crescem enquanto a Sycosis não for curada, tornando-se assim cada vez mais difícil de curar, à medida que a doença geral interna cresce por si só com o passar do tempo.

(\*) Os exutórios dos clínicos da velha escola fazem algo semelhante; como úlceras artificiais nas partes externas, silenciam alguns males crônicos internos, por muito pouco tempo (enquanto causam uma irritação dolorosa à qual o organismo doente não está acostumado) sem poder curá-las; mas, por outro lado, enfraquecem ou destroem a saúde geral, em grau muito maior que a maioria das metástases realizadas pela força vital instintiva.





## § 202

Se o médico da escola antiga destruir o sintoma local mediante a aplicação tópica de remédios externos, na suposição de assim curar toda a doença, a natureza compensará a sua perda, despertando o mal interno, e os outros sintomas, que já existiam em estado latente, juntamente com a afecção local; isto é, ela aumenta o mal interno. Costuma-se dizer, embora *incorretamente*, quando isso ocorre, que a afecção local foi *recolhida* para o organismo ou para os nervos, pelos meios externos.

## § 203

Todo tratamento externo de tais sintomas, cuja finalidade é removê-los da superfície do organismo enquanto o mal interno miasmático permanece incurado, como por exemplo, removendo da pele uma erupção da sarna, mediante diversos tipos de unguentos, queimando o cancro externamente com cáusticos e destruindo os condilomas pela lanceta, ligadura ou cauterização <sup>(e)</sup>; o modo pernicioso de tratamento, até agora tão universalmente praticado, tem sido a fonte mais prolífica de todas as doenças crônicas já designadas ou ainda por designar de que se queixa a humanidade; é uma das práticas mais criminosas de que se pode culpar o mundo médico e, contudo, tem sido a geralmente adotada e ensinada nas cátedras como a única <sup>(\*)</sup>.

<sup>(e)</sup> N.T. No alemão original: ferro em brasa.

<sup>(\*)</sup> Pois quaisquer medicamentos que deveriam ter sido dados internamente, ao mesmo tempo, serviriam apenas para agravar o mal, já que esses meios não tinham poderes específicos de curar toda a doença, porém atacariam o organismo, enfraqueceriam-no e, além disso, infligiriam nele outros males crônicos medicinais.

## § 204

Se deduzirmos todas as afecções, sofrimentos e doenças duradouras que dependem de um modo de vida prolongadamente pouco saudável





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

(§ 77), bem como as inúmeras moléstias medicinais (v. § 74) causadas pelo tratamento irracional, persistente, agressivo e pernicioso de moléstias que, muitas vezes, são de caráter apenas trivial, por parte de médicos da velha escola, a maior parte do restante dos males crônicos resulta do desenvolvimento destes três miasmas crônicos, Syphillis interna, Sycosis interna, mas principalmente e em proporção infinitamente maior, Psora interna. Cada um destes miasmas já estava de posse de todo o organismo, havendo penetrado em todas as suas partes antes do aparecimento do sintoma primário, local, vicário de cada um deles (no caso da Psora, a erupção da sarna, no da Syphillis o cancro ou a bouba e no da Sycosis, o condiloma), que impede sua eclosão. Se a estes miasmas são roubados os seus citados sintomas locais substitutos, que suavizam o mal geral por meios externos, é inevitável que as doenças peculiares destinadas a cada um pelo Criador da natureza, mais cedo ou mais tarde se desenvolvam e eclodam e assim espalham toda esta miséria inominável, a quantidade inacreditável de doenças crônicas, que torturam a humanidade há séculos e milênios, dos quais nenhuma teria chegado a existir com tanta frequência, se os médicos, sem tocar em seus sintomas externos por meios tópicos, tivessem se empenhado conscientemente em erradicar e curar completamente o organismo, apenas através dos medicamentos internos homeopáticos pertencentes a cada uma delas (vide nota do § 282).

### § 205

O médico homeopata jamais trata um desses sintomas externos dos miasmas crônicos, nem sequer uma de seus afecções secundárias que resulte de seu desenvolvimento, mediante meios locais (nem por meio de agentes externos que agem dinamicamente (\*), nem dos que agem mecanicamente), mas ele cura, nos casos em que aparece ou um ou outro, somente o grande miasma de que dependem, em virtude do que desaparecem espontaneamente seus sintomas primários e secundários





## SAMUEL HAHNEMANN

(salvo em alguns casos de Sycosis antiga). Mas tal não era o método seguido pelos médicos da velha escola que o precederam no tratamento do caso; o médico homeopata, geralmente, descobre, o que é de lamentar, que os sintomas primários (\*\*) já foram por eles destruídos mediante remédios externos, e que ele agora tem que tratar mais dos secundários, isto é, dos males resultantes das irrupções e desenvolvimento dos miasmas que lhe são peculiares, porém, principalmente dos males crônicos que evoluíram da Psora interna, cujo tratamento interno pessoalmente empenhei-me em expor, como melhor podia fazê-lo um só médico, após muitos anos de reflexão, observação e experiência, em meu livro sobre Doenças Crônicas, ao qual remeto o leitor.

(\*) Não posso aconselhar, por exemplo, a extirpação local do chamado câncer dos lábios e face (o produto da Psora desenvolvida em alto grau, muitas vezes em conjunção com a Syphillis, mediante a pomada arsenical do Irmão Cosme), não somente por ser excessivamente doloroso, e muitas vezes falho, porém mais pela razão de que, mesmo que esse remédio livre a parte do corpo localmente da úlcera maligna, a moléstia básica não é por isso o mínimo diminuída de forma alguma, sendo necessário que a força vital transfira o campo de operação da grande moléstia interna para alguma parte mais nobre (como ocorre em todos os casos de metástase), e a consequência é a cegueira, surdez, loucura, asma sufocante, hidropisia, apoplexia etc. Mas esta liberação local ambígua da parte afetada, da úlcera maligna, pelo remédio arsenical tópico, só encontra êxito, além disso, nos casos em que a úlcera não tenha ainda atingido um tamanho grande e não seja de origem venérea, e quando a força vital ainda é bastante enérgica; mas é justamente assim, nessas circunstâncias, que a cura completa interna de toda a doença original é ainda praticável.

O resultado é o mesmo sem a cura prévia do miasma interno, quando o câncer da face ou seio é removido apenas pela lanceta, e quando tumores enquistados são removidos; algo pior sobrevêm, ou, de qualquer modo, acelera-se a morte. Isto tem acontecido vezes sem conta, mas a velha escola prossegue em sua cegueira, do mesmo modo, em cada caso que se repete, com os mesmos resultados desastrosos.

(\*\*) Erupção de sarna, cancro (bouba), condilomas.





## § 206

Antes de iniciar o tratamento de moléstia crônica, é necessário investigar com o maior cuidado (\*) se o paciente teve alguma infecção venérea (ou infecção com gonorréia condilomatosa); pois então o tratamento deve ser orientado apenas em *sua direção* e exclusivamente quando apenas existem os sinais da Syphillis (ou da doença condilomatosa, que é mais rara) acham-se presentes, mas esta moléstia hoje em dia é, muito raramente, encontrada em separado. Se tal infecção tiver ocorrido antes, isso deve também ser tomado em consideração no tratamento dos casos em que a Psora está presente, porque então esta última moléstia acha-se complicada com a primeira, como sempre ocorre quando os sintomas daquela não são puros, pois quando o médico crê que se depara com um caso de antiga moléstia venérea, sempre ou quase sempre, ele tem que tratar uma afecção sifilítica, acompanhada geralmente (complicada) com Psora, pois a discrasia interna da sarna (a Psora) é a *mais frequente causa fundamental de doenças crônicas*. O médico terá, às vezes, também que combater estes dois miasmas ainda complicados com Sycosis em organismos cronicamente doentes, quando confessadamente os dois contágios ocorreram um dia ou, ele achar, o que acontece com muito mais frequência, a Psora ser a única causa fundamental de todos os demais males crônicos (sejam quais forem os nomes que tenham), que pela falta de competência alopática costumam ainda por cima ser estragados, aumentados monstruosamente e desfigurados.

(\*) Em investigações desta natureza, não devemos deixar nos enganar pelo que dizem os pacientes ou os seus familiares, que frequentemente atribuem a causa de males maiores e crônicos, mesmo os mais graves, a um resfriado (por haverem se molhado, bebido água fria com o corpo quente) há alguns anos, ou a um susto, luxação ou aborrecimentos (às vezes mesmo a feitiços) etc. Essas causas são por demais insignificantes para desenvolver uma moléstia crônica em um *corpo são*, de forma a mantê-la durante anos, e a agravá-la de ano para ano, como sucede





## SAMUEL HAHNEMANN

com todas as doenças crônicas resultantes da Psora em grau desenvolvido. Causas de caráter muito mais importante que aquelas influências nocivas relembáveis, encontram a sua raiz no início e avanço de uma doença séria de longa duração; as causas indicadas só poderiam despertar o miasma crônico latente.

### § 207

Havendo obtido a informação acima, resta ainda ao médico homeopata descobrir quais as espécies de tratamento alopático que tinham, até então, sido adotados para o doente crônico, que medicamentos perturbadores tinham sido principalmente, e com maior frequência, empregados, bem como que banhos minerais haviam sido usados, e que efeitos haviam produzido, a fim de compreender, até certo ponto, a degeneração do mal desde o seu estado original, e, quando possível, corrigir em parte estas alterações artificiais perniciosas, ou permitir-lhe evitar o emprego de medicamentos que já haviam sido impropriamente empregados.

### § 208

A idade do paciente, seu modo de vida, sua dieta, situação doméstica, relações sociais, e assim por diante, devem, em seguida, ser levados em consideração, a fim de verificar se tais coisas contribuíram para aumentar seu mal ou até que ponto podem favorecer ou retardar o tratamento. Da mesma forma sua disposição física e seu modo de pensar devem ser observados, a fim de saber se isto representa qualquer obstáculo ao tratamento, ou se requer que seja dirigido, estimulado ou modificado.

### § 209

Só então o médico procura, em diversas conversas com o paciente, obter um quadro tão completo quanto possível de seu mal, de acordo com as instruções acima, a fim de poder elucidar os sintomas mais marcantes e peculiares (característicos), de acordo com os quais ele







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

escolhe o primeiro meio medicinal (antipsórico etc.), que guarde a maior semelhança sintomática para iniciar o tratamento, e assim por diante.

### § 210

À Psora se referem quase todas as moléstias que chamei acima de parciais, as quais parecem ser mais difíceis de curar em virtude desta parcialidade (já que todos os seus outros sintomas mórbidos desaparecem, por assim dizer, ante o grande, único e proeminente sintoma). Deste tipo são as chamadas *doenças da mente*. Contudo, não chegam a constituir uma classe de doença marcadamente separada de todas as outras, já que em todas as demais, assim chamadas moléstias físicas, a disposição da alma e da mente (\*) altera-se *sempre* (\*\*); e em todos os casos de moléstias que devemos curar, o estado de espírito do paciente deve receber atenção especial, como um dos principais dentro da totalidade dos sintomas, a fim de podermos obter o quadro preciso da doença para, a partir dele, podermos tratá-la homeopaticamente com sucesso.

(\*) N.T. No original alemão *Gemüths*, traduzido por *da alma*; e *Geistes*, traduzido por *da mente*.

(\*\*) Por exemplo, quantas vezes não nos encontramos diante de pacientes que estão de humor dócil e pacífico, embora tenham sofrido durante anos doenças dolorosíssimas, tanto que o médico vê-se forçado a estimar e condoer-se do doente! Porém, se ele vence o mal, restabelecendo a saúde do paciente, como frequentemente ocorre na clínica homeopática, muitas vezes se espanta e horroriza à vista da terrível alteração de seu estado de ânimo. Frequentemente testemunha caso de ingratidão, crueldade, refinada maldade, bem como as piores tendências, e mais degradantes para a humanidade, que constituíam, exatamente, características do paciente antes de adoecer.

Os que eram pacientes quando são, tornam-se às vezes obstinados, violentos, apressados ou mesmo intolerantes e caprichosos, ou impacientes e prepotentes quando adoecem; os que eram castos e pudicos, tornam-se agora luxuriosos e despudorados. Uma pessoa de mente clara frequentemente fica com o intelecto





## SAMUEL HAHNEMANN

embotado, enquanto que uma que em circunstâncias normais tem a mente fraca, torna-se mais prudente e pensativa; e uma pessoa lenta em tomar decisões, às vezes, adquire grande presença de espírito e rapidez de decisão etc.

### § 211

Tanto é isto verdade, que o estado de espírito do paciente muitas vezes determina a escolha do remédio homeopático, em virtude de ser um sintoma decididamente característico, que não pode, de maneira nenhuma, permanecer oculto ao médico que seja um observador preciso.

### § 212

O Criador das potências medicinais também deu importância especial a esta característica principal de todas as doenças, os estados de disposição da alma e da mente <sup>(e)</sup> alterados, pois não há no mundo substância medicinal enérgica que não altere de modo bastante evidente esses estados da alma e da mente <sup>(e)</sup> no indivíduo são que a experimente, sendo que cada medicamento o faz de modo diverso.

<sup>(e)</sup> N.T. No original alemão: *Gemüths* – traduzido por disposição *da alma*; e *Geistes* – traduzido por *da mente*.

### § 213

Por conseguinte, jamais poderemos curar de acordo com a natureza, isto é, homeopaticamente, se não observarmos, em cada caso de doença, mesmo nas agudas, juntamente com os outros sintomas, os relativos às mudanças no estado da mente e da alma, e se não escolhermos, para o alívio do paciente, dentre os medicamentos, uma potência patogenética que, além da semelhança de seus outros sintomas aos da moléstia, seja também capaz de produzir *por si só*, um estado semelhante da alma e da mente(\*).

(\*). Assim, o *Aconitum* raramente ou nunca produzirá uma cura rápida ou permanente em um paciente de espírito calmo, quieto e uniforme, e tampouco servirá





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

a *Nux vomica* nos casos em que seu caráter for suave e fleugmático; *Pulsatilla*, quando for alegre, vivo e obstinado, ou *Ignatia*, quando for imperturbável ou pouco suscetível de se assustar ou aborrecer.

### § 214

As instruções que tenho a dar com relação à cura das doenças da alma e da mente limitam-se a pouquíssimos comentários, visto serem curáveis da mesma maneira que todas as outras moléstias, isto é, por um remédio que demonstre, pelos sintomas que causa no corpo e na alma de um indivíduo são, um poder de produzir um estado mórbido tão semelhante quanto possível ao caso de doença com que nos deparamos, sendo que não podem ser curadas de outra maneira.

### § 215

Quase todas as chamadas doenças da alma e da mente nada mais são que males físicos, em que o sintoma de perturbação da alma e da mente peculiar a cada uma delas aumenta, ao passo que os sintomas físicos declinam (com maior ou menor rapidez), até que, por fim, atinge sua maior parcialidade, quase como se fosse um mal local no sutil órgão invisível da mente ou da alma.

### § 216

Não são raros os casos em que a chamada doença física que ameaça ser fatal – uma supuração pulmonar, ou a deterioração de algum outro órgão nobre, ou qualquer outra moléstia quente (aguda), por exemplo, febre puerperal etc., se transforma em loucura, em uma espécie de melancolia ou em fúria, em virtude de um rápido aumento dos sintomas mentais que já se achavam presentes, ao que os sintomas físicos perdem todo o seu perigo; estes últimos melhoram ao ponto de quase chegarem a uma cura perfeita, ou então reduzem-se a tal grau que sua obscura presença só pode ser descoberta mediante observação por um





## SAMUEL HAHNEMANN

médico dotado de perseverança e penetração. Desta forma, tornam-se uma doença local ou, por assim dizer, parcial, em que o sintoma do distúrbio da mente, que era primeiramente apenas ligeiro, aumenta a ponto de se tornar o sintoma principal, e em grande parte ocupa o lugar dos outros sintomas (físicos), cuja intensidade vence de forma paliativa, de modo que, em uma palavra, as afecções dos órgãos físicos mais grosseiros são, por assim dizer, transferidas e conduzidas para os órgãos quase espirituais, da mente e emocionais, que o anatomista ainda não alcançou e jamais virá a alcançar com sua lanceta.

### § 217

Com cuidado dever ser feita a investigação de toda a essência dos sintomas, tanto na intenção dos sintomas físicos, como também principalmente na intenção da peculiaridade exata (do caráter) de seu sintoma principal do estado da alma e da mente que cada vez predomina, para encontrar uma potência patogênica medicinal homeopática, entre os remédios conhecidos segundo seus efeitos puros, que apresente no conteúdo de seus sintomas não só os sintomas mórbidos físicos presentes, mas principalmente o que apresente a semelhança maior possível a este estado da alma e da mente, para a extinção de toda a doença.

### § 218

A esta relação de sintomas pertence, em primeiro lugar, a descrição exata de todos os fenômenos da doença física, por assim dizer, que já existia antes de degenerar em um aumento parcial do sintoma da mente e tornar-se uma doença da mente e da alma. Esta descrição pode ser conhecida através do relatório dos acompanhantes do paciente.

### § 219

Uma comparação destes sintomas anteriores da doença física, com os traços das que ainda restam, embora se tenham tornado menos perceptíveis (mas que mesmo agora, às vezes, se tornaram proeminentes, quando ocorre





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

um intervalo de lucidez e um alívio passageiro do mal da mente), servirá para demonstrar que ainda se acham presentes, embora obscurecidos.

### § 220

Acrescentando-se a isto o estado da mente e da alma(\*), observados com exatidão pelos amigos do paciente e pelo próprio médico, teremos, assim, obtido o quadro completo da doença para a qual, a fim de se efetuar uma cura homeopática, deve-se procurar, entre os medicamentos (antipsóricos etc.), se o mal psíquico já tiver atingido certa duração, um medicamento capaz de produzir sintomas marcadamente semelhantes e, de modo especial, uma perturbação da mente análoga.

(\*) O qual não raramente aparece em períodos alternados, por exemplo: a alguns dias de loucura furiosa ou raiva, seguem-se outros de tristeza profunda, silenciosa etc., retornando apenas em certos meses do ano.

### § 221

Se, contudo, a loucura ou fúria (por ocasião de susto, aborrecimento, abuso de bebidas alcoólicas etc.), irrompeu subitamente como doença aguda no paciente de ordinário calmo, embora quase sempre surja em virtude de Psora interna (como uma chama que dela emana), não deve ser tratada imediatamente no seu princípio agudo com medicamentos antipsóricos, mas sim com os aqui indicados, escolhido da classe dos meios de cura restantes experimentados(\*), em doses mínimas, homeopáticas, altamente potencializadas a fim de vencê-la a ponto de permitir que a Psora reverta temporariamente ao seu antigo estado latente, em que o paciente parece estar curado.

(\*) Por exemplo: *Aconitum*, *Belladonna*, *Stramonium*, *Hyoscyamus*, *Mercurius* etc.

### § 222

Mas tal paciente, que imaginaram ter se restabelecido de uma doença aguda da mente ou da alma, mediante o emprego desses





## SAMUEL HAHNEMANN

medicamentos não antipsóricos, não deve jamais ser considerado curado; ao contrário, deve-se agir com presteza tentando libertá-lo completamente(\*), por meio de tratamento antipsórico prolongado, talvez também por cura antissifilítica, do miasma crônico, o qual, é bem verdade, tornou-se agora outra vez latente, mas acha-se apto a irromper novamente, em acessos da doença anterior da mente ou da alma; se isto for feito, não há que se temer outro ataque semelhante, se ele seguir fielmente a dieta e o regime que lhe foram prescritos.

(\*) Muito raramente ocorre que uma doença da mente ou da alma de longa duração cesse espontaneamente (pois a discrasia interna transfere-se novamente para os órgãos físicos menos nobres); tais são os poucos casos que ocorrem, às vezes, em que um antigo internado no manicômio recebeu alta por estar aparentemente curado. Além disso, até agora todos os hospícios têm continuado lotados, de modo que a multidão de outros alienados que buscam admissão em tais instituições mal poderiam encontrar lugar nelas a não ser que algum dos internados na casa morresse. *Nos hospícios, ninguém é realmente permanentemente curado pela velha escola!* Uma prova convincente (entre muitas outras) da total nulidade da arte não curativa até agora praticada, a ridiculamente honrada pelo orgulho dos alopatas com o título de *medicina racional*. Por outro lado, quantas vezes já não pode a verdadeira arte de curar, a genuína, a pura homeopatia, recuperar esses desgraçados para a posse de sua saúde mental e corporal e devolvê-los a seus deleitados amigos e ao mundo!

### § 223

Mas se se omitir o tratamento antipsórico (também o antissifilítico), podemos com mais certeza esperar, de uma causa muito mais fraca que a que acarretou o primeiro ataque de loucura, a rápida ocorrência de novo ataque, mais severo e duradouro, durante o qual a Psora desenvolve-se, geralmente, de modo completo e se transforma ou em perturbação mental periódica, ou em distúrbio continuado, o que é então mais difícil de se curar com antipsóricos.





## § 224

Se a doença da mente não estiver plenamente desenvolvida e se for ainda incerto se realmente surgiu de afecção corporal, ou se não resultou de falhas de educação, maus costumes, moral corrupta, negligência de espírito, superstição ou ignorância, o modo de decidir este ponto será: se provier de uma ou outra dessas causas, diminuirá e melhorará, por exortações amistosas e sensatas, argumentos consolatórios, conselhos sérios e sensatos; ao passo que uma verdadeira doença da mente e emocional, que dependa de mal físico, será rapidamente agravada por este método – o melancólico se tornará ainda mais triste, choroso, inconsolável e reservado, o louco furioso se tornará ainda mais exasperado, e o falatório sem nexos se tornará manifestamente mais absurdo(\*).

(\*) Parece que a alma, nestes casos, sente ainda com maior irritação e tristeza a verdade destas advertências sensatas, agindo sobre o corpo como se desejasse restaurar a harmonia perdida, mas que o corpo, por meio dessa moléstia, reagisse nos órgãos da mente e nos que governam o estado de espírito e os colocam em desordem ainda maior por uma transferência nova de seus sofrimentos para eles.

## § 225

Contudo, certamente há, como já foi dito, algumas doenças emocionais que não se desenvolveram apenas daquela maneira, partindo de moléstias corporais, mas que, de modo inverso, estando o organismo ligeiramente indisposto, originam-se e se mantêm em virtude de causas emocionais, como desgosto prolongado, aborrecimento, ofensas e insultos, e a ocorrência frequente de grande medo e susto. Esse tipo de distúrbio emocional por fim destrói a saúde do organismo, muitas vezes em alto grau.

## § 226

São somente doenças emocionais assim, que foram primeiramente engendradas e posteriormente mantidas pela alma, que *enquanto forem ainda recentes, e antes de terem invadido gradualmente todo o corpo,*





## SAMUEL HAHNEMANN

podem, mediante remédios psíquicos, como provas de confiança, conselhos amigos, recomendações sensatas e, muitas vezes, mediante simulações bem disfarçadas, ser rapidamente transformadas em um estado mental sadio (e com modo de vida apropriados, ser alterada também, em bem estar do corpo).

### § 227

Mas a causa fundamental nestes casos é também o miasma interno da Psora, que não atingiu ainda o seu pleno desenvolvimento e, como medida de segurança, o doente aparentemente curado, deve ser submetido a um tratamento antipsórico radical (também antissifilítico), a fim de que não possa outra vez, como poderia facilmente ocorrer, cair em semelhante estado de doença da mente.

### § 228

Em doenças da mente e emocionais resultantes de doenças corporais que só podem ser curadas por medicamento homeopático antimiasmático, conjugado com um modo de vida regular, deve-se observar cuidadosamente um comportamento psíquico apropriado para com o paciente, por parte dos que o cercam e do médico, como regime espiritual auxiliar. À loucura furiosa devemos opor energia calma e fria, resolução firme – às lamentações tristes e chorosas, muda compaixão mediante expressões e gestos – a falatórios sem nexos, um silêncio não de todo desatencioso – a uma conduta desgostosa e abominável, e conversa de caráter semelhante, desatenção total. Devemos somente tentar impedir a destruição e dano dos objetos ao redor do paciente, *sem reprová-lo por sua conduta*, e tudo deve estar disposto de modo a impedir a necessidade de quaisquer castigos e torturas corporais (\*). Isto é muito mais fácil realizar, visto que, na administração do medicamento – o único caso em que se justifica o uso de violência, no sistema homeopático – as pequenas doses do medicamento adequado jamais *impressionam* o paladar, podendo, portanto,







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

serem dadas ao paciente sem que ele o saiba, em sua bebida, de modo que qualquer coação se torna desnecessária.

(\*) Não podemos deixar de surpreender-nos ante a dureza de coração e desatino dos médicos de muitos estabelecimentos para pacientes desta espécie, que, sem tentar descobrir o verdadeiro e único modo eficaz de curar tais doenças, que é o meio homeopático *medicinal* (antipsóric), contentam-se em torturar esses seres mais desgraçados, com castigos violentos e outros tormentos dolorosos. Por tal prática sem consciência e revoltante, eles se colocam muito abaixo do nível dos severos educadores em instituições corretivas, pois estes aplicam tais castigos apenas por abnegação no cargo que ocupam e isto em criminosos; mas aqueles parecem dar vazão à sua maldade na suposta incurabilidade das doenças da mente e da alma; na consciência humilhante de sua nulidade como médicos, deixando-se levar à dureza com esses lamentáveis e inocentes sofredores, sendo eles mesmos ignorantes demais e indolentes demais para aceitarem um método de cura adequado.

### § 229

Por outro lado, contradições, ânsia em dar explicações, correções e admoestações rudes, bem como ceder e demonstrar fraqueza nas atitudes, são impróprias com tais pacientes; são igualmente modos perniciosos de tratar doenças da mente e emocionais. Mas tais pacientes exasperam-se principalmente e queixam-se ainda mais, quando notam que há fraude, engano e truques que podem notar. *O médico e o enfermeiro devem sempre fingir que os doentes estão no gozo completo das faculdades mentais.*

Se possível, todas as influências perturbadoras externas de seus sentidos e emoções devem ser removidas; não há diversões para seus espíritos enuviados, não há distrações salutares, meios de instrução, efeitos suavizantes causados por conversa, livros, entre outras coisas para a alma que está sequiosa e indignada nas amarras do seu corpo doente, não há alívio para ela que não seja a cura; é somente quando a saúde corporal melhora que raíam outra vez a tranquilidade e o conforto em suas mentes(\*).





## SAMUEL HAHNEMANN

(\*) O tratamento dos loucos furiosos e dos melancólicos só se pode realizar em uma instituição especial para seu tratamento, mas não dentro do círculo familiar do paciente.

### § 230

Se o remédio escolhido para cada caso de doença da mente ou emocional (existe em inúmeras variedades) for bem homeopaticamente adequado para o quadro fielmente traçado da doença que, se houver um número suficiente desta espécie de medicamento que sejam conhecidos quanto a seus efeitos puros, é determinada por busca incansável do remédio homeopático adequado com maior facilidade, visto que o estado da mente e emocional, que constitui o principal sintoma a notar em tal paciente, é tão inequivocamente perceptível – então são muitas vezes as doses as menores possíveis, suficientes para provocar uma melhora sensível em pouco tempo, o que não poderia ter sido conseguido pelas doses, as maiores e mais frequentes possíveis, de todos os outros medicamentos não adequados (alopáticos) que são empregados até a morte. Com efeito, posso confiantemente afirmar, devido à minha grande experiência, que a vasta superioridade do sistema homeopático sobre todos os outros métodos imagináveis de tratamento não é revelada de forma mais triunfante que nas doenças da alma e da mente de longa duração, as quais geralmente originam-se de males corporais, ou desenvolveram-se juntamente com estes.

### § 231

As *doenças intermitentes* merecem consideração especial, bem como as que retornam em certos períodos – como o grande número de febres intermitentes, e as afecções aparentemente não febris, que retornam intervaladamente como as febres intermitentes – assim como as em que certos estados mórbidos se alternam a intervalos incertos, com estados mórbidos de espécie diferente.





## § 232

Estas últimas, doenças *alternantes*, são também muito numerosas (\*), mas todas pertencem à classe de enfermidades crônicas; são apenas geralmente uma manifestação de Psora desenvolvida e só às vezes, mesmo que raramente complicadas com um miasma sífilítico, e portanto podem, no primeiro caso, ser curadas com remédios anti-sifilíticos; no último caso contudo, alternam-se com antissifilíticos, como recomendei em minha obra sobre Doenças Crônicas.

(\*) Dois ou três estados podem se alternar. Assim, por exemplo, no caso de duas doenças que se alternam, certas dores podem ocorrer persistentemente nas pernas e outras partes etc., imediatamente após o desaparecimento de uma espécie de oftalmia, que mais tarde aparece, logo que a dor nos membros tiver se extinguido momentaneamente – convulsões e espasmos podem se alternar imediatamente com qualquer outra afecção do organismo ou de parte deste. Em um caso de três estados se alternarem numa indisposição duradoura, períodos breves de aumento aparente de saúde e exaltação incomum dos poderes físicos e da mente (alegria exagerada, atividade extraordinária do organismo, excesso de bem estar, apetite voraz etc.) seguindo a isso, de modo igualmente inesperado, uma disposição melancólica sombria, disposição emocional hipocondríaca intolerável, com perturbação de várias funções vitais, a digestão, o sono etc., aparecem e, outra vez, e tão repentinamente dão lugar às perturbações moderadas usuais, bem como a diversos outros estados alternantes. Quando surge o novo estado, não há, muitas vezes, vestígios do estado anterior. Em outros casos, somente restam vestígios ligeiros do anterior; quando ocorre o outro estado, poucos sintomas do estado precedente permanecem no aparecimento e durante a continuação do segundo. Por vezes, os estados mórbidos alternantes são de natureza bem oposta, como por exemplo, a melancolia que se alterna periodicamente com alegria insana ou fúria.

## § 233

As moléstias intermitentes típicas são as em que um estado mórbido de caráter invariável, retornam em períodos mais ou menos iguais,





enquanto o paciente está, aparentemente, gozando de perfeita saúde, e cessam em um período igualmente mais ou menos fixo; isto se observa tanto nos estados mórbidos aparentemente não febris, mas típicos, que surgem e desaparecem de modo periódico (em determinadas ocasiões), quanto nos de caráter febril, ou sejam, as inúmeras variedades de febres intermitentes.

### § 234

Os estados mórbidos aparentemente não febris, típicos, que voltam periodicamente, referidos acima, observados em um só paciente de cada vez (geralmente não ocorrem esporadicamente ou em epidemias), sempre pertencem às doenças crônicas, principalmente às puramente psóricas, e só muito raramente se complicam com Syphillis; contudo é, às vezes, necessário empregar uma pequena dose de solução potencializada de casca de cinchona, a fim de extinguir inteiramente o seu tipo intermitente.

### § 235

Quanto às *febres intermitentes* (\*) que ocorrem de modo esporádico ou epidêmico (não as endemicamente situadas em zonas pantanosas), frequentemente encontramos cada crise (paroxismos) composta igualmente de dois estados opostos alternantes (frio, calor – calor, frio) e, mais frequentemente ainda, de três (frio, calor, transpiração). Portanto, o remédio escolhido para eles da classe geral dos experimentados, geralmente não antipsóricos, deve ser (o que é mais seguro) capaz de produzir no organismo sadio, dois ou todos os três estado alternantes semelhantes, ou devem então corresponder por semelhança de sintomas, na forma mais homeopática possível, ao estado alternante mais forte, mais marcante e mais peculiar (ou ao estágio de frio, ou ao de calor, ou ao de transpiração, cada um com os seus sintomas secundários, conforme um ou outro estágio alternante for o mais





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

forte e peculiar); mas os sintomas da saúde do paciente durante os intervalos em que não tem febre devem constituir a melhor indicação para o remédio homeopático mais apropriado (\*\*).

(\*) A patologia até agora em voga, que ainda está no estágio da infância irracional, reconhece apenas uma única *febre intermitente*, a qual é, igualmente, denominada *febre fria*, sem admitir variedades a não ser as constituídas pelos diferentes intervalos em que ocorrem as crises, diária, terça, quarta etc. Mas há diferenças muito maiores entre elas do que as marcadas pelos períodos de sua frequência; há variedades incontáveis dessas febres, algumas das quais não podem jamais ser denominadas *febres frias*, pois suas crises consistem apenas em calor; outras, além disso, caracterizam-se somente pelo frio, com ou sem transpiração subsequente; há ainda outras que apresentam resfriamento superficial geral, com sensação de calor por parte do paciente, ou enquanto o corpo está quente externamente, o paciente sente frio; outras ainda, em que uma crise consiste inteiramente em calafrio, ou simples frialdade, seguido de intervalos normais, ao passo que o outro consiste meramente em calor, seguido ou não de transpiração; outros há ainda, em que primeiro vem a sensação de calor e, depois que esta passar, uma crise de frio; há as em que, após uma fase de frio ou calor, sobrevêm apirexia, e então apenas a transpiração vem como uma segunda crise, por vezes após muitas horas a fio; há também os casos em que não vem qualquer transpiração e, outrossim, outros em que toda a crise consiste apenas em transpiração abundante, sem qualquer sensação de frio ou de calor, ou em que a transpiração só ocorre durante a fase de calor; e há ainda, outras diferenças sem conta, especialmente quanto aos sintomas secundários, como dor de cabeça de tipo peculiar, mau gosto na boca, náusea, vômitos, diarreia, falta ou excesso de sede, dores peculiares no corpo ou nos membros, sono perturbado, delírios, alteração de humor, espasmos etc. – antes, durante ou após o período de frio, de calor e de transpiração e inúmeras outras variedades. Todas estas são evidentemente febres intermitentes de espécies muito diferentes, cada uma delas, como era de se esperar, *naturalmente*, requerendo tratamento (homeopático) especial. Deve se admitir que quase todas podem ser suprimidas (como sói acontecer) mediante doses enormes de casca de quina e sua preparação farmacêutica, o sulfato de quinino, chamado de





## SAMUEL HAHNEMANN

quinino, isto é, sua faculdade de retornar periodicamente (seu tipo) pode ser extinta por ele, mas os pacientes que sofreram de febres intermitentes para as quais a cinchona não é adequada (como ocorre com todas as febres intermitentes epidêmicas que assolam países inteiros e mesmo distritos montanhosos), não recuperam a saúde pela extinção do tipo de febre. Não! Ao contrário, agora adoecem de outro modo e o que é pior, de modo mais grave ainda do que antes; são afetados por discrasias peculiares, crônicas, de casca de cinchona, e dificilmente podem se restabelecer mesmo com tratamento prolongado pelo verdadeiro sistema medicinal – e mesmo assim, isto é o que se chama *curar!*

(\*\*) O Conselheiro de Estado, Barão von Bönninghausen, elucidou primeiro da melhor forma esta questão, e facilitou a escolha do remédio eficiente para as várias epidemias da febre, em sua obra *intitulada Versuch einer homöopathischen Therapie der Wechselfieber* (Ensaio de uma terapêutica homeopática das febres intermitentes) 1833, Münster bei Regensburg.

### § 236

O momento mais eficaz para dar o medicamento nestes casos é imediatamente ao término da crise, ou logo após, assim que o paciente tiver de certa forma se recuperado de seus efeitos; tem, então, tempo de realizar todas as alterações no organismo necessárias para o restabelecimento da saúde, sem qualquer distúrbio sério ou comção violenta; ao passo que a ação de um medicamento, por mais especificamente apropriado que seja, se dado imediatamente antes da crise, coincide com o retorno natural da doença e causa uma reação tal no organismo que um ataque desta natureza produz, no mínimo, uma grande perda de força, se não acarretar perigo à vida (\*). Mas se o remédio for dado imediatamente após o fim da crise, isto é, no momento em que começou o período apirético, e bastante tempo antes do início da crise futura, então a força vital do organismo está nas melhores condições possíveis para se deixar ser suavemente alterada pelo remédio, e assim recuperar seu estado de saúde.





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

(\*) Isto se observa nos casos fatais, não raros, em que uma dose moderada de ópio durante o período de frio da febre rapidamente produz a morte dos pacientes.

### § 237

Mas se a fase de apirexia for muito curta, como ocorre em algumas febres muito graves, ou se for descaracterizada por alguns sofrimentos posteriores da crise anterior, a dose do medicamento homeopático deve ser administrada quando a transpiração começa a ceder, ou quando os outros fenômenos subsequentes do término da crise começam a diminuir.

### § 238

Não raro ocorre que o medicamento adequado, empregado uma única vez, impede que voltem os ataques e restitui a saúde, mas, na maioria dos casos, deve se dar outra dose após cada crise. Melhor ainda, quando o caráter dos sintomas não houver se alterado, doses do mesmo medicamento administradas de acordo com a mais recente descoberta de repetição de doses (v. nota do § 270), podem ser dadas sem dificuldades, dinamizando-se cada dose sucessiva (sucussionando-se de 10 a 12 vezes o frasco que contém a substância medicinal). Contudo, surgem, às vezes, casos, embora raros, em que a febre intermitente retorna após diversos dias em que o paciente sentiu bem-estar. Este retorno da mesma febre após um intervalo de saúde só é possível quando o princípio nocivo que primeiro originou a febre está, ainda, agindo no convalescente, como é o caso nas regiões pantanosas. Neste caso a cura permanente só poderá, muitas vezes, realizar-se se o paciente se afastar desta causa (procurando um lugar montanhoso, se a causa for uma febre dos pântanos).

### § 239

Como quase todo medicamento causa, em sua ação pura, uma febre especial peculiar, e mesmo uma espécie de febre intermitente com seus estados alternantes, diferindo de todas as outras febres causadas





## SAMUEL HAHNEMANN

por outros medicamentos, podem se encontrar medicamentos homeopáticos na vasta gama de medicamentos para todas as numerosas variedades de febres intermitentes naturais, e para um grande número de tais febres, mesmo na quantidade razoável de medicamentos já experimentados até agora no indivíduo são.

### § 240

Mas se o remédio, que se verifica ser o específico homeopático para a epidemia de febre intermitente que graçava naquele tempo, não efetuar uma cura perfeita em um ou outro paciente, se não for a influência de alguma região pantanosa que estiver impedindo a cura, então é sempre o miasma psórico latente que a obsta, e neste caso, devem se empregar medicamentos antipsóricos até se obter alívio completo.

### § 241

As epidemias de febre intermitente sob condições em que nenhuma é endêmica, são da natureza das doenças crônicas, compostas de crises agudas individuais; cada epidemia é de caráter peculiar, uniforme, comum a todos os indivíduos atacados, e quando este caráter se encontra na totalidade dos sintomas comuns a todos, leva-nos à descoberta do remédio (específico) homeopático adequado para todos os casos, que então quase sempre ajuda nos pacientes de saúde mediana antes da epidemia, isto é, que não sofriam cronicamente de Psora desenvolvida.

### § 242

Se, contudo, em tal epidemia de febre intermitente, permanecerem incuradas as primeiras crises, ou se os pacientes tiverem sido enfraquecidos mediante tratamento alopático inadequado, então a Psora inerente que infelizmente existe em tantas pessoas, embora em estado latente, desenvolve-se, assume a forma de febre intermitente e, com todas as aparências de febre intermitente epidêmica, continua o seu







#### ORGANON DA ARTE DE CURAR

curso como se fosse a epidêmica, de modo que o medicamento, que teria sido útil nas primeiras crises, não é mais conveniente e não tem mais utilidade. Temos, neste caso, de tratar apenas uma febre intermitente psórica, e esta geralmente é vencida com doses mínimas e pouco repetidas de enxofre, ou de *Hepar sulphuris*, em alta potência.

### § 243

Nessas febres intermitentes, muitas vezes muito perniciosas, que atacam uma pessoa isolada, que não reside em região pantanosa, devemos *em primeiro lugar*, como no caso de males agudos em geral, os quais elas lembram por sua origem psórica, empregar, também, durante alguns dias, para auxiliar no que lhe compete, um remédio homeopático escolhido, para o caso especial com que nos deparamos, da classe de medicamentos (não antipsóricos) experimentados; mas se, apesar disso, demorar-se a cura, sabemos que nos defrontamos com a Psora, que está a ponto de desenvolver-se, e que neste caso só remédios antipsóricos podem efetuar cura radical.

### § 244

As febres intermitentes de forma endêmica em regiões pantanosas e lugares sujeitos a inundações davam um grande trabalho aos médicos da velha escola e, contudo, o homem pode, em sua mocidade, habituar-se a lugares pantanosos e conservar-se em perfeita saúde, desde que mantenha um regime impecável e seu organismo não se submeta a subnutrição, fadiga ou práticas perniciosas. As febres intermitentes que lá são endêmicas no máximo atacá-lo-iam quando de sua chegada em tal região; mas uma ou duas *doses diminutas* de uma solução altamente potencializada de casca de cinchona, juntamente com um modo de vida regular, como aludimos acima, livrá-lo-iam em pouco tempo da doença. Mas os indivíduos que, apesar de fazerem bastante exercício físico, e seguirem em sistema sadio de ocupação intelectual





## SAMUEL HAHNEMANN

e regime corporal, não se curarem de febre intermitente dos pântanos com uma ou poucas destas doses pequeníssimas de cinchona, nestas pessoas, a Psora, esforçando-se para desenvolver-se, sempre se acha por trás da doença, e sua febre intermitente não pode ser curada no lugar pantanoso sem tratamento antipsórico(\*). Ocorre que, às vezes, quando esses pacientes mudam-se sem demora do local pantanoso para um lugar fresco e montanhoso, segue-se um restabelecimento aparente, a febre os abandona, se não tiverem sido por demais atacados pela doença, isto é, se a Psora não tiver se desenvolvido plenamente neles, podendo, conseqüentemente, retornar ao seu estado latente; contudo, jamais recuperarão saúde perfeita sem tratamento antipsórico.

(\*) Doses grandes, e frequentemente repetidas, de casca de cinchona, bem como os remédios cinchônicos concentrados, como o *sulfato de quinina* têm, certamente, o poder de livrar os doentes das crises periódicas da febre palustre; mas os enganados desta maneira quanto a sua cura, permanecem doentes, como foi dito acima, de outro modo, frequentemente com uma intoxicação incurável de China (v. nota § 276).

### § 245

Tendo, assim, visto que cuidados tomar, no tratamento homeopático, com as diversas variedades de doenças, e com as circunstâncias peculiares com elas relacionadas, passamos agora ao que teremos que ver no que diz respeito aos *remédios e seu modo de emprego, bem como o regime a ser seguido durante o seu uso.*

### § 246

Cada melhora perceptivelmente progressiva e marcadamente crescente, durante o tratamento, é uma condição que, enquanto perdurar, impede completamente qualquer repetição da administração do medicamento, pois todo bem que o medicamento tomado continua a fazer, apressa-se agora para o seu êxito. Isto não é raro em doenças agudas, mas nas mais crônicas, por outro lado, uma única dose de um remédio homeopático





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

adequadamente escolhido produzirá, às vezes, melhora gradual, lenta e progressiva, e proporcionará a ajuda que tal remédio, no caso, alcançaria naturalmente em 40, 50, 60, 100 dias. Contudo, é isto um caso raro; e, além disso, deve ser de grande importância para o médico e para o paciente que, sendo possível, se reduza tal período à metade, uma quarta parte, ou menos ainda, de modo que se obtenha uma cura ainda muito mais rápida.

E isto pode ser muito bem obtido, como observações recentes e diversas vezes repetidas me ensinaram, nas seguintes condições: em primeiro lugar, se o medicamento escolhido com o maior cuidado é inteiramente homeopático; em segundo lugar, se é altamente potencializado, diluído em água e dado na pequena dose adequada que a experiência me ensinou ser a mais conveniente, em intervalos definidos, para a realização mais breve da cura, mas com o cuidado de que *o grau de dinamização de cada dose difira um pouco da imediatamente anterior e seguinte*; de forma que o princípio vital que deve ser alterado provocando doença medicinal semelhante, não seja levado a produzir reações desagradáveis e se revolte, como sempre acontece(\*), com doses não modificadas e repetidas com grande rapidez.

(\*) O que disse na quinta edição do *Organon*, em longa nota deste parágrafo, para impedir estas reações indesejáveis da energia vital, foi tudo o que pude, com a experiência que tinha então. Mas durante os últimos quatro ou cinco anos, todas estas dificuldades foram totalmente vencidas por mim pelo método alterado, mais aperfeiçoado. Os mesmos remédios cuidadosamente escolhidos podem agora ser dados diariamente por meses a fio, se necessário, assim, isto é, após se haver usado durante uma ou duas semanas a dose mais fraca de potência, no tratamento de doenças crônicas, passa-se, da mesma maneira, para potências mais elevadas (pois no novo método de dinamização que foi ensinado, o uso começa com os graus mais baixos).

### § 247

Não é prático repetir a mesma dose inalterada(\*) de um medicamento, uma vez, para não dizer nada de sua frequente repetição (e a





intervalos curtos, para não retardar a cura). O princípio vital não aceita tais doses *totalmente iguais* sem resistência, isto é, sem que outros sintomas do medicamento se manifestem, a não ser os semelhantes à doença a ser curada, porque a primeira dose já realizou a alteração esperada no princípio vital, e uma segunda dose inalterada, toda semelhante dinamicamente, não poderá mais, assim, encontrar as mesmas condições da força vital. O paciente pode, realmente, adoecer de outro modo ao receber outra dose *não modificada*, piorar, pois agora os sintomas do remédio dado permanecem ativos, não tendo sido homeopáticos ao mal original, daí não se pode realizar progresso em direção à cura, apenas uma verdadeira agravação do estado do paciente. Mas se a dose seguinte for um pouco mais diferente de cada vez, isto é, um pouco mais potencializada (§§ 269-270), então o princípio vital pode ser alterado sem dificuldade pelo mesmo medicamento (diminuída a sensação da doença natural), e assim aproximar-se a cura.

(\*) Não devemos, mesmo com o remédio homeopático melhor escolhido, por exemplo, um glóbulo da mesma potência que primeiro foi tão benéfica, deixar que o paciente tome uma segunda ou terceira dose, ingerida sem líquido. Da mesma forma, se o medicamento foi dissolvido em água e a primeira dose se revelou benéfica, uma segunda ou terceira dose, ainda menor, do frasco *que se acha imóvel*, mesmo em intervalos de alguns dias, já não mais seria benéfica, mesmo que a preparação primitiva tenha sido potencializada agitando-se dez vezes, ou como sugeri mais tarde, apenas duas vezes, a fim de evitar esta desvantagem, e isto de acordo com as razões acima expostas.

*Porém, se se modifica cada dose em seu grau de dinamização*, como aqui ensino, não há prejuízo na repetição mais frequente das doses, mesmo que o medicamento fique altamente potencializado devido a muitas sucussões. Poder-se-ia quase dizer que o medicamento homeopático melhor escolhido poderia remover melhor da força vital a perturbação mórbida, e nas doenças crônicas, extingui-la somente *se aplicado em diversas formas diferentes*.





## § 248

Para este fim, potencializamos outra vez a solução medicinal *cada vez antes de ser tomada*(\*) (com, talvez, 8, 10, 12 sacudidelas do frasco), da qual damos ao paciente uma ou (progressivamente) diversas doses de colher das de café ou de chá em doenças de longa duração, todos os dias, ou a cada dois dias; em casos agudos, e, em casos muito urgentes, de hora em hora, ou com maior frequência. Assim, nas doenças crônicas, cada medicamento homeopático corretamente escolhido, mesmo que sua ação seja de efeito prolongado, pode ser repetido diariamente durante meses com êxito cada vez maior. Se a solução terminar (em 7 e 8 dias ou 14 e 15 dias), deve-se acrescentar à próxima solução do mesmo medicamento – se este ainda for indicado – um ou (embora raramente) diversos glóbulos de potência mais elevada, com a qual prosseguimos por tanto tempo quanto for necessário ao paciente, para experimentar uma melhora contínua sem encontrar nenhuma perturbação que não tenha jamais sentido em sua vida. Pois, se tal acontecer, se o restante da doença surgir em um grupo de sintomas *modificados*, então, *outro medicamento mais homeopaticamente semelhante deve ser escolhido em lugar do último e administrado nas mesmas doses repetidas*, lembrando-se, contudo, de modificar a solução de cada dose com vigorosas sacudidas, mudando, assim, seu grau de potência e aumentando-a um pouco. Por outro lado, caso sobrevenham, durante a repetição quase diária do medicamento homeopático totalmente adequado, perto do fim do tratamento de um mal crônico, *as chamadas agravações homeopáticas* (§ 161) de maneira que o restante dos sintomas mórbidos parece aumentar um pouco outra vez (a doença medicinal, tão semelhante à original, agora se manifesta isoladamente), então, neste caso, as doses devem ser ainda mais reduzidas e repetidas em intervalos mais longos, ou mesmo suspensas durante vários dias, a fim de se verificar se a convalescença ainda necessitará de mais ajuda medicinal. Os sintomas





## SAMUEL HAHNEMANN

aparentes causados pelo excesso de medicamento homeopático logo desaparecerão por si mesmos, retornando a saúde. Se se usar apenas um recipiente (por exemplo, uma dracma de álcool diluído, no tratamento, em que se coloca e dissolve mediante sacudidas um glóbulo do remédio), que se deve usar por aspiração nasal diariamente ou a cada dois, três ou quatro dias, também este deve ser bem agitado de oito a dez vezes antes de aspirar.

(\*) Em 40, 30, 20, 15 ou 8 colheres de sopa de água com adição de um pouco de álcool ou um pedacinho de carvão de lenha, para manter a solução não deteriorada. Caso se pegue o carvão de lenha, deixar-se-á-lo pendurado no frasco por um fio, que só é retirado quando o frasco for sacudido. A solução do glóbulo medicinal (pois raramente precisa-se mais que um glóbulo de um medicamento adequadamente dinamizado) numa quantidade muito grande de água pode se substituir pegando-se de uma solução de, por exemplo, apenas 7, 8 colheres de sopa de água, *após ter sacudido fortemente o frasco*, uma colher de sopa e colocando num copo d'água conteúdo de  $\pm 8$  a 10 colheres de sopa d'água, *mexendo fortemente* diversas vezes o último, dando-se deste a dose indicada ao doente. Se o paciente for excepcionalmente irritável e sensível, retira-se do copo tão fortemente mexido uma colher de chá ou de café, que se mistura fortemente num segundo copo d'água, para dar ao doente uma colherinha de café (ou um pouco mais) da solução. Existem doentes de irritabilidade tão grande, que se torna necessário preparar para esses um terceiro ou quarto copo da solução medicamentosa em diluição adequada, preparada de maneira semelhante. Todos os dias após a tomada deve-se jogar fora a solução do copo assim preparada (ou as diversas), para prepará-la cada dia de novo. O glóbulo em alta potência é melhor esmagado num pó que contenha alguns grãos de açúcar de leite que o doente só precisa despejar no frasco destinado à solução, para dissolvê-lo na devida quantidade de água.

### § 249

Cada medicamento receitado para um caso de doença que, no decurso de sua ação, produz sintomas novos e perturbadores não pertencentes à moléstia a ser curada, não é capaz de realizar verdadeira





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

melhora(\*), e não pode ser considerado homeopaticamente selecionado; deve, portanto, ser, se a agravação for considerável, parcialmente neutralizado, com a maior brevidade, com um antídoto antes de se dar o segundo medicamento escolhido com mais exatidão quanto à semelhança de ação; ou, se os sintomas perturbadores não forem muito violentos, o próximo medicamento deve ser dado imediatamente, a fim de substituir o inadequadamente escolhido(\*\*).

(\*) Como demonstra toda a experiência que a dose do medicamento homeopático especialmente adequado quase não pode ser preparada pequena demais para produzir uma melhora sensível na doença para a qual é apropriado (§§ 161-279), agiríamos imprudente e nocivamente se, quando não houvesse melhora, ou houvesse muito pequena, sobreviesse uma piora, repetíssemos *ou mesmo aumentássemos a dose* do mesmo medicamento, como se faz no velho sistema, na esperança de que não foi eficaz devido à sua pequenez (dose fraca demais). *Cada agravação pelo aparecimento de novos sintomas* – quando nada ocorreu desfavorável no regime físico ou mental – *invariavelmente prova que o medicamento antes dado foi inadequado* no caso de doença sob tratamento, *mas jamais indica que a dose foi fraca demais*.

(\*\*) O médico bem informado e prudente jamais se verá em situação de precisar dar um antídoto se começar, como aliás deve, a dar o medicamento escolhido na menor dose possível. Uma dose semelhante de um medicamento melhor escolhido servirá plenamente para normalizar o estado do paciente.

### § 250

Quando, ao médico observador, que investiga com precisão o estado da doença, evidencia-se, nos casos urgentes, após passarem-se apenas seis, oito ou doze horas, que fez uma escolha má no medicamento dado pela última vez, e que o estado do paciente está perceptivelmente piorando, embora pouco, de hora em hora, pela ocorrência de novos sintomas e sofrimentos, ele pode, ou melhor, deve, remediar o erro escolhendo e dando um medicamento homeopático que não seja apenas toleravelmente adequado, mas o mais apropriado possível para o estado da doença que está tratando (§ 167).





## § 251

Há alguns medicamentos (como, por exemplo, *Ignatia*, também *Bryonia* e *Rhus*, e, às vezes, a *Belladonna*) cujo poder de alterar a saúde do homem consiste principalmente em ações alternantes – uma espécie de sintomas de ação primária que são em parte opostos entre si. Caso o médico julgue, ao receitar um destes, escolhidos de acordo com princípios homeopáticos estritos, que não sobrevivem melhora, na maioria dos casos atingirá logo seu objetivo, administrando (em males agudos, mesmo dentro de poucas horas) nova dose, igualmente pequena, do mesmo remédio (\*).

(\*) Como descrevi com maiores detalhes na introdução à “*Ignatia*” (no segundo volume da *Matéria Médica Pura*).

## § 252

Mas, se se considerar, durante o emprego dos outros medicamentos em doenças crônicas, que o medicamento homeopático melhor escolhido na dose adequada (mínima) não acarreta uma melhora, é isto sinal *certo* de que a causa que mantém o mal ainda persiste, e de que há alguma circunstância no modo de vida do paciente, ou na situação em que se encontra, que deve ser removida a fim de que possa realizar-se uma cura permanente.

## § 253

Entre os sinais que, em todas as moléstias, especialmente nas de natureza aguda, nos informam de um ligeiro início de melhora ou agravação, o qual não é perceptível a todos, o estado de espírito e todo o comportamento do paciente são os mais certos e instrutivos. No caso de melhora, por menor que seja, observa-se maior conforto, calma e despreocupação, melhor humor – uma naturalidade retomada. No caso de agravação, por menor que seja, observamos o contrário: constrangimento, desamparo e um comportamento digno de







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

compaixão por todos os seus gestos e ações, que podem facilmente ser percebidos mediante observação cuidadosa, mas não podem ser descritos com palavras (\*).

(\*) Os sinais de melhora do humor ou da mente, contudo, só podem ser esperados algum tempo depois de haver o medicamento sido tomado, quando a dose houver sido *suficientemente pequena* (isto é, tão pequena quanto possível); uma dose desnecessariamente grande, mesmo do medicamento homeopático mais conveniente, age de modo excessivamente violento, e produz, primeiro, uma perturbação da mente e da alma muito grande e duradoura para permitir-nos verificar *logo* as melhoras; sem falar das outras desvantagens sobrevindas pelo emprego de doses muito fortes (§ 276). Devo observar aqui que esta regra tão essencial é principalmente transgredida por presunçosos novatos em homeopatia. Por antigos preconceitos, essas pessoas abominam as doses mínimas das diluições mais altas de medicamentos em tais casos, e daí deixam de experimentar as grandes vantagens e benefícios do modo de proceder que milhares de experiências têm demonstrado ser o mais salutar; não podem obter tudo o que a homeopatia é capaz de realizar, daí não poderem ser considerados seus adeptos.

### § 254

Os outros sintomas novos ou mais desenvolvidos, ou, ao contrário, a diminuição dos primitivos sem qualquer acréscimo de outros, logo dissipará todas as dúvidas da mente do clínico observador e atento, que possam existir com relação à agravação ou melhora, embora haja entre os pacientes pessoas que são incapazes de informar sobre esta melhora ou agravação, ou não querem confessar.

### § 255

Mas, mesmo com tais indivíduos, podemos nos convencer disso, seguindo todos os sintomas enumerados em nossas notas sobre a doença, e descobrindo que não se queixam de quaisquer sintomas estranhos além desses, e que nenhum dos velhos sintomas se agravou.





## SAMUEL HAHNEMANN

Se tal for o caso e se já se observou melhora do ânimo e do espírito, o medicamento deve ter produzido uma diminuição positiva na doença, ou, se não houver se passado tempo suficiente para tal, isso breve ocorrerá. Se ainda, a melhora visível tardar excessivamente, em caso de adequação do remédio, deve-se a algum erro de conduta por parte do paciente, ou a outras circunstâncias que impedem sua melhora.

### § 256

Por outro lado, se o paciente mencionar a ocorrência de alguns acidentes e sintomas novos de importância – sinais estes de que o medicamento escolhido não foi estritamente homeopático – embora de boa fé nos assegure que se sente melhor (\*), não devemos acreditar nessas afirmativas, mas considerar seu estado como se achando mais grave, o que logo se tornará perfeitamente evidente.

(\*). Como não é raro nos casos de tuberculose com lesões exsudativas.

### § 257

O verdadeiro médico terá todo o cuidado de evitar tornar favoritos certos medicamentos cujo emprego, por acaso, talvez, tenha muitas vezes achado útil, e que tantas vezes teve oportunidade de usar com bons resultados. Se o fizer, certos medicamentos de emprego mais raro, que teriam sido homeopaticamente mais adequados, consequentemente mais úteis, frequentemente serão postergados.

### § 258

O médico verdadeiro, além disso, não desprezará em sua clínica, por fraqueza devida à pouca confiança, o uso dos medicamentos que foram em certas ocasiões empregados com maus resultados, por escolha errada (por sua própria culpa, portanto), nem evitará seu emprego por outros motivos (inverdadeiros), como o de que não foram homeopáticos para o caso que teve que tratar; deve ter em mente a verdade





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

de que dos agentes medicinais só invariavelmente merece preferência aquele que, em cada caso de doença, corresponde com maior exatidão, por semelhança à totalidade dos sintomas característicos, e que não devem interferir na escolha preconceitos mesquinhos.

### § 259

Considerando a pequenez da dose necessária e própria no tratamento homeopático, podemos facilmente compreender que durante o tratamento tudo o que possa ter qualquer ação medicinal deve ser removido da *dieta e do regime*, a fim de que a pequena dose não seja obscurecida e perturbada por qualquer estimulante (\*) medicinal estranho.

(\*) Os tons mais suaves de uma flauta distante que na calada da noite inspiraria a um coração terno sentimentos elevados, dissolvendo-o em êxtase religioso, são inaudíveis e impotentes em meio a gritos discordantes e ruídos diurnos.

### § 260

Daí a cuidadosa investigação de tais obstáculos à cura ser ainda mais necessária no caso de pacientes de males crônicos, pois seus males são geralmente agravados por tais influências nocivas e outros erros causadores de moléstias, na dieta e regime, que frequentemente passam despercebidos (\*).

(\*) Café, chá da China e de outras ervas, cerveja preparada com substâncias vegetais medicinais inadequadas ao estado do paciente; os chamados licores finos feitos com aromáticos medicinais; ponches de quaisquer espécies; chocolate aromático; águas aromáticas e perfumes de diversas espécies; flores muito perfumadas no quarto; pós e essências dentais adicionados de medicamentos e *saches* perfumados; pratos e molhos altamente condimentados, bolos e gelados condimentados com substâncias medicinais, café, baunilha; vegetais medicinais em sopas; pratos de ervas, raízes e brotos de plantas que possuem propriedades medicinais, aspargos com longas pontas verdes, brotos de lúpulo, e vegetais com ação medicamentosa;





## SAMUEL HAHNEMANN

aipo, cebola; queijos velhos e carnes em estado de decomposição (como carne e gordura de porco, pato e ganso, ou vitela muito nova ou alimentos azedos e saladas de todos os tipos), devem certamente ser negados aos pacientes, pois estes devem evitar quaisquer excessos na alimentação, no uso de açúcar e sal, bem como bebidas espirituosas não diluídas em água, quartos quentes, roupas de lã diretamente sobre a pele, vida sedentária em recintos fechados, ou abusos de exercícios apenas negativos (como equitação, dirigir, exercitar-se em balanços), amamentação prolongada, sestras prolongadas deitado (na cama), ficar acordado até tarde da noite, falta de limpeza, práticas anormais, excitação causada pela leitura de livros obscenos, ler deitado, onanismo ou relações sexuais imperfeitas ou suprimidas de modo a evitar a concepção, motivos para a ira, pesar ou mortificações, paixão pelos jogos, esforço demasiado da mente ou do corpo, especialmente após as refeições, morar em lugares pantanosos, quartos abafados, levar vida de penúria etc... Todas estas coisas devem, tanto quanto possível, ser evitadas ou removidas, a fim de que não se impeça ou impossibilite a cura. Alguns de meus discípulos parecem aumentar, sem necessidade, as dificuldades da dieta dos pacientes proibindo-lhes o uso de muitas outras coisas toleravelmente indiferentes, o que não é permissível.

### § 261

O regime mais apropriado durante o emprego de medicamentos nos males crônicos consiste na remoção de tais obstáculos à cura e, quando necessário, em dar o inverso: recreação inocente moral e intelectual, exercício ativo ao ar livre em quase todos os tipos de tempo (diariamente: passeios, trabalho manual ligeiro), alimentos e bebidas não medicinais adequados e nutritivos.

### § 262

Por outro lado, nas doenças agudas, exceto em casos de alienação mental, o sentido aguçado, infalível da faculdade preservadora da vida, determina de modo tão claro e preciso, que o médico só tem que pedir que os parentes e enfermeiros não ponham obstáculos à





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

frente desta voz da natureza, recusando qualquer coisa que o paciente deseja muito, no que diz respeito ao alimento, ou tentando persuadi-lo a ingerir algo prejudicial.

### § 263

O desejo do paciente afetado de mal agudo, por alimento ou bebida, é de modo especial de ingerir coisas que lhe deem alívio paliativo; a rigor, não são de caráter medicinal, servindo apenas para satisfazer um desejo. Os pequenos obstáculos que a satisfação deste desejo, *em bases moderadas*, poderiam oferecer, à cura radical da doença (\*), serão amplamente compensados e vencidos pelo poder do medicamento homeopaticamente adequado e pela força vital que libertará, bem como pela satisfação resultante de tomar o que tanto se queria. Do mesmo modo, nos males agudos, a temperatura do quarto, e o calor ou frescor das cobertas devem estar exatamente de acordo com o desejo do paciente. Ele deve estar a salvo de quaisquer preocupações e emoções excitantes.

(\*) Isto no entanto é raro. Assim, por exemplo, nas doenças inflamatórias puras em que o *Aconitum* é tão indispensável, e cuja ação seria destruída pela ingestão de vegetais ácidos, o desejo do paciente é quase sempre de água pura e fria, apenas.

### § 264

O verdadeiro médico deve ter em mãos *medicamentos os mais legítimos e mais ativos*, de modo a contar com sua força curativa, deve saber ele *mesmo* julgar sua legitimidade.

### § 265

Deve ser para ele uma questão de consciência estar sempre plenamente convencido de que o paciente toma o medicamento adequado e, portanto, deve dar ao paciente o medicamento corretamente preparado, aliás, por ele mesmo (\*).





## SAMUEL HAHNEMANN

(\*) Para chegar a manter este importante princípio fundamental de minha doutrina, suportei muitas perseguições desde o início de sua descoberta.

### § 266

As substâncias pertencentes aos reinos animal e vegetal possuem suas qualidades medicinais em seu estado mais perfeito quando em estado cru (\*).

(\*) Todas as substâncias animais e vegetais cruas têm um poder medicinal maior ou menor, sendo capazes de alterar a saúde do homem, cada uma de sua maneira peculiar. As plantas e animais empregados como alimentos pelas nações mais esclarecidas têm esta vantagem sobre todas as outras, a de que contêm um maior número de constituintes nutritivos; diferem das outras no fato de que seus poderes medicinais, quando ingeridas cruas, não são em si muito grandes, ou são, então, diminuídos pelos processos culinários a que estão submetidas ao serem cozidas para uso doméstico, espremendo-se seus sucos perniciosos (como ocorre com a raiz de mandioca da América do Sul), pela fermentação da farinha de cereais e da massa de farinha para fazer-se pão, chucrute preparado com vinagre e pepinos conservados em salmoura, defumado, e pela ação do calor (fervendo, assando ou cozinhando), pelo que as partes medicinais de muitas destas substâncias são parcialmente destruídas e esgotadas. Acrescentando-se sal (salmoura) e vinagre (molhos, saladas) as substâncias animais e vegetais certamente perdem muito de suas qualidades medicinais indesejáveis, embora resultem outras desvantagens.

Mas mesmo as plantas que possuem poderes medicinais em maior dose, perdem-nos em todo ou em parte pelos seguintes processos: mediante secagem perfeita, todas as raízes das diversas espécies de íris, de rabano, das diferentes espécies de árum, e de peônias, perdem quase toda a sua virtude medicinal. O suco das plantas de maior virulência muitas vezes torna-se uma massa inerte, semelhante ao piche, em virtude do calor empregado no preparo dos extratos ordinários. Apenas deixando-se ficar algum tempo exposto ao ar, o suco das plantas mais mortais torna-se muito fraco; mesmo a uma temperatura ambiente moderada, sofre, em pouco tempo, a fermentação alcoólica perdendo, assim, grande parte de seu poder





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

medicinal, e imediatamente depois da fermentação pútrida e ácida, pela qual perde todas as suas propriedades medicinais peculiares; a fêcula que é, então, depositada, se bem lavada, é inócua, como a goma comum. Pela transudação que ocorre quando um grande número de plantas verdes se acham superpostas, perde-se a maior parte de suas propriedades medicinais.

### § 267

Tomamos conhecimento dos poderes das plantas naturais de regiões e das que podem ser obtidas frescas, de forma mais completa e certa, misturando seu suco recém extraído, *imediatamente*, com partes iguais de álcool *de força suficiente para queimar em uma lâmpada*<sup>(a)</sup>. Depois que isso permaneceu por um dia e uma noite em um frasco bem arrolhado, havendo-se depositado as matérias fibrosas e albuminosas, o líquido claro que fica por cima é guardado para uso medicinal (\*) (toda a fermentação do suco vegetal será então impedida pelo álcool com ele misturado, e todo o poder medicinal do suco vegetal é assim retido (perfeito e inalterável) *para sempre* mantendo-se a preparação em frascos bem arrolhados e lacrados com cera para impedir a evaporação, e mantê-lo protegido da luz solar (\*\*).

<sup>(a)</sup> N.T. Capaz de acender uma isca para fazer fogo.

(\*) Buchholz (Taschenb. f. Scheidek. u. Apoth. a. d. J.1815. Weimar, Abth. I. VI) garante a seus leitores (e seu revisor no *Leipziger Literaturzeitung*, 1816, nº 82, não o contradiz) que para este excelente modo de preparar medicamentos damos graças à campanha da Rússia, da qual foi (em 1812) importado para a Alemanha (1813). De acordo com a nobre prática de muitos alemães de serem injustos para com seus próprios compatriotas, ele oculta o fato de que esta descoberta e todas aquelas instruções, que cita *em minhas próprias palavras*, da primeira edição do *Organon da Medicina Racional* (§ 230) e nota, procedem de mim, e que fui eu quem *primeiro* publicou-as ao mundo dois anos antes da campanha da Rússia (O *Organon* saiu em 1810). Certas pessoas atribuíram a origem de uma descoberta antes aos





## SAMUEL HAHNEMANN

desertos da Ásia do que a algum alemão a quem caiba a honra. *O tempora! O mores!*

Certamente já se empregou o álcool alguma vez antes desta para se misturar com sucos vegetais, por exemplo, para preservá-los por algum tempo antes de fazer seus extratos, mas jamais para administrá-los nessa forma.

(\*\*) Embora partes iguais de álcool e suco recentemente espremidos sejam geralmente a proporção mais adequada para permitir a deposição das matérias fibrosas e albuminosas, requer-se, contudo, para plantas que contenham muito muco grosso (por exemplo, *Symphytum officinale*, *Viola tricolor* etc.), ou excesso de albumina (por exemplo, *Aethusa cynapium*, *Solanum nigrum* etc.), uma proporção dupla de álcool para esse fim. Plantas muito deficientes em suco, como *Oleander*, *Buxus*, *Taxus*, *Ledum*, *Sabina* etc., devem primeiramente, ser socadas até se tornarem uma pasta fina, sendo, então, mexidas com uma dose dupla de álcool, de modo que o suco possa se combinar com ele, e sendo extraído com álcool, possa ser espremido; estas últimas podem, também, quando secas, ser trazidas a uma milionésima trituração com açúcar de leite, dissolvendo-se, então, um grão desta mistura a fim de preparar as dinamizações líquidas.

## § 268

As outras plantas, cascas, sementes e raízes exóticas, que não podem ser obtidas frescas, jamais serão empregadas pelo médico, pulverizadas, confiando que estejam aptas para uso; este deverá primeiro certificar-se de sua genuinidade em seu estado cru, antes de fazer delas qualquer uso medicinal (\*).

(\*) A fim de preservá-las no estado pulverizado, a precaução até agora geralmente omitida pelos farmacêuticos, é necessária, já que, negligenciadas, não podem ser preservadas sem se alterarem, mesmo em frascos bem fechados. As substâncias ainda inteiras, cruas, embora perfeitamente secas, ainda contém, como condição indispensável de sua textura, certa quantidade de umidade, que realmente não impede que a droga não pulverizada permaneça tão seca quanto é necessário para preservá-la de sofrer alteração, mas que é demasiada para o estado de finamente pulverizada. A substância animal ou vegetal que em seu estado integral achava-se







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

perfeitamente seca dá, portanto, quando finamente pulverizada, um pó um tanto seco que, sem se estragar e mofar rapidamente, não pode ainda ser preservado em frascos fechados, sem que antes se elimine esta umidade supérflua. Isto se consegue melhor espalhando-se o pó em um pires de lata de bordas levantadas, que flutua em um vaso cheio de água fervente (isto é, em banho maria), e mexendo-se, e secando-se a tal ponto, que todas as suas pequenas partes não mais se agrupam em blocos, mas qual areia seca e fina, facilmente separam-se, transformando-se logo em pó. Neste estado de secura os pós finos podem ser guardados *para sempre* inalterados em frascos bem fechados e selados, com todos os seus poderes medicinais originais completos, inalteráveis, sem *mofar* ou *bichar*; e são melhor preservados quando os frascos são protegidos contra a luz do dia (em caixas, estantes, caixotes cobertos). Se não forem encerradas em vasos impermeáveis, nem preservadas do acesso da luz do sol e do dia, todas as substâncias animais e vegetais, com o tempo, perdem gradativamente, cada vez mais, seu poder medicinal, o que ocorre mesmo em seu estado integral, mas ainda mais se pulverizadas.

### § 269

O método homeopático de cura desenvolve, para seu uso especial, a um grau até agora nunca visto, os poderes medicinais como que espirituais das substâncias cruas mediante um processo que lhe é peculiar, e que até agora jamais foi tentado, somente pelo qual eles todos se tornam imensurável e penetrantemente eficazes (\*), *mesmo os que no estado cru não dão provas da menor ação medicamentosa sobre o corpo humano*. Esta mudança notável nas qualidades dos corpos naturais desenvolve os poderes dinâmicos (§ 11) latentes, até agora despercebidos, como se estivessem adormecidos (\*\*), ocultos, que afetam o princípio vital, e alteram o bem-estar da vida animal (\*\*\*) .

Isto se obtém por ação mecânica sobre suas menores partículas, esfregando e sacudindo (*pelo acréscimo de uma substância indiferente seca ou líquida, separam-se uma da outra*). Este processo chama-se dinamização (desenvolvimento do poder medicinal) e os produtos são





dinamizações (\*\*\*\*) ou potências, em graus diversos.

(\*) Muito antes desta minha descoberta, a experiência havia ensinado que várias mudanças poderiam ser realizadas em diversas substâncias naturais, *por meio da fricção*, por exemplo, temperatura média ou elevada, fogo, desenvolvimento de odor em corpos inodoros, magnetização do aço, e assim por diante. Mas todas estas propriedades produzidas por fricção relacionavam-se apenas a coisas físicas e inanimadas, enquanto que há uma lei da natureza, pela qual as mudanças fisiológicas e patogenéticas ocorrem no organismo vivo, por meio de forças capazes de alterar a matéria crua das drogas, mesmo nas que jamais mostraram propriedades medicinais. Isto é produzido triturando-se e agitando-se, mas desde que se empregue, em certas proporções, um veículo não medicamentoso. Esta maravilhosa lei física, especialmente, fisiopatogenética da natureza, não havia sido descoberta antes do meu tempo.

Não é de se admirar, portanto, que os estudiosos atuais da natureza e médicos (que até agora a desconheciam), não podiam ter fé nos poderes mágicos curativos das doses mínimas de medicamentos preparados de acordo com as regras homeopáticas (dinamizadas).

(\*\*) O mesmo se verifica numa barra de ferro ou aço em que um vestígio adormecido da força magnética oculta não pode ser reconhecido em seu interior. Ambas, após serem terminadas na forja, erguem-se, repelem o pólo norte de uma agulha magnética com a extremidade inferior atraindo o pólo sul, ao passo que a extremidade superior apresenta-se como o pólo sul da agulha magnética. Mas isto é apenas uma força *latente*; nem mesmo as partículas mais finas de ferro podem ser atraídas magneticamente, ou seguras a cada uma das extremidades de tal barra. Só depois que esta barra de aço for *dinamizada*, esfregando-se com uma lima cega *em apenas uma direção*, tornar-se-á um verdadeiro e poderoso imã ativo, capaz de atrair ferro e aço e, por simples contato, comunica a outra barra de aço, mesmo a certa distância, força magnética, o que se dá em grau tanto maior quanto mais se esfregar. Do mesmo modo, triturar uma substância medicinal e sacudir sua solução (dinamização, potencialização) desenvolvem seus poderes medicinais ocultos em seu interior, manifestando-os cada vez mais e, por assim dizer, espiritualizando a própria substância material.





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

(\*\*\*) Por causa disto, referem-se apenas ao aumento e desenvolvimento maior de seus poderes para causar alterações na *saúde* de animais e homens, se essas substâncias naturais, melhoradas, forem aproximadas à fibra sensitiva viva ou trazidas em contato com ela (mediante ingestão ou olfação). Assim como uma barra magnética, principalmente se sua força for aumentada (dinamizada), pode mostrar poder magnético somente em uma agulha de aço que esteja próxima ou em contato com ela. O aço propriamente dito, permanece inalterado em suas propriedades químicas e físicas remanescentes, e não pode produzir alterações em outros metais (como, por exemplo, latão), e tampouco os medicamentos dinamizados podem produzir efeitos em coisas inanimadas.

(\*\*\*\*) Ouvimos todos os dias que as potências medicinais homeopáticas são chamadas de *meras diluições*, quando são o contrário, isto é, um verdadeiro aumento das substâncias naturais.

O auxílio de um meio de atenuação não medicinal escolhido, é apenas uma *condição secundária*. A mera diluição, por exemplo, a solução de um grão de sal de cozinha tornar-se-á água; o grão de sal desaparecerá com a diluição de muita água, e jamais desenvolverá poder medicinal que, mediante nossa dinamização bem preparada, é elevado a um poder maravilhoso.

### § 270

A fim de obter da melhor maneira esse desenvolvimento da potência, uma pequena parte da substância a ser dinamizada, por exemplo, um grão é triturado durante três horas com três vezes cem grãos de açúcar de leite, de acordo com o método descrito abaixo(\*) até à milionésima parte em forma pulverizada.

Por motivos que damos abaixo, um grão desse pó é dissolvido em 500 gotas de uma mistura de uma parte de álcool para quatro de água destilada, da qual se põe *uma única* gota em um frasco. A isto acrescentam-se 100 gotas de álcool bom(\*\*), sacudindo-se 100 vezes o frasco, arrolhado, com a mão contra um corpo duro, porém elástico(\*\*\*). Este é o medicamento no *primeiro* grau de dinamiza-





#### SAMUEL HAHNEMANN

ção com que se podem, então, umedecer(\*\*\*\*) pequenos glóbulos de açúcar(\*\*\*\*\*) e espalhá-los sobre papel de filtro a fim de secar, guardando-se em um frasco arrolhado com o sinal (I) do grau de potência. Toma-se apenas um só desses glóbulos(\*\*\*\*\*) para dinamização ulterior, colocando-se em um segundo frasco (com uma gota de água a fim de dissolvê-lo) e então com 100 gotas de álcool de boa qualidade e dinamizado da mesma forma com 100 succussões violentas. Com esse líquido medicinal alcoólico os glóbulos são novamente umedecidos, espalhados sobre papel de filtro e secos rapidamente, postos em frasco bem fechado e protegido do calor e da luz solar, recebendo o sinal (II) da segunda potência. Prossegue-se, desse modo, o mesmo processo até alcançar a vigésima nona e, então, com um glóbulo dissolvido da 29ª com 100 gotas de álcool mediante 100 succussões, forma-se um líquido alcoólico medicinal com o qual se dá o trigésimo grau de dinamização aos glóbulos de açúcar nele umedecidos e devidamente secos.

Mediante essa manipulação, se ela tiver sido executada devidamente segundo os ensinamentos acima, consegue-se que a matéria medicinal crua, que se nos apresenta só como matéria, às vezes até como matéria não medicinal, se transforme e finalmente se utilize a uma força medicinal de natureza espiritual, através destas dinamizações cada vez mais altas(\*\*\*\*\*) que por si não cai mais em nossos sentidos, mas para o qual o glóbulo medicinalmente preparado, já seco, ainda mais quando dissolvido em água, torna-se o *veículo*, e assim manifesta o poder curativo dessa força invisível, no organismo doente.

(\*) Uma terça parte de cem grãos de açúcar de leite é colocada em um graal de porcelana vidrada, cujo fundo tornou-se áspero esfregando-se com areia fina e úmida. *Sobre este pó*, coloca-se um grão da droga pulverizada a ser triturada (uma gota de mercúrio, petróleo etc.). O açúcar de leite empregado para a dinamização deve ser de qualidade tão pura que se cristaliza em fios, de modo que nos venha em forma de barras arredondadas. Por um momento, o medicamento e o pó são misturados





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

com uma espátula de porcelana e vigorosamente triturados, de seis a sete minutos, com o pistilo de porcelana que foi tornado áspero na parte de baixo, sendo então a massa raspada do fundo do recipiente e da parte inferior do pistilo que foi tornado áspero, durante três ou quatro minutos, de modo a torná-la homogênea. Após isto, tritura-se do mesmo modo de seis a sete minutos, sem se acrescentar nada mais e novamente raspando-se de três a quatro minutos, o que aderiu ao recipiente e a parte inferior da espátula. A segunda terça parte do açúcar de leite é agora acrescentada e misturada com a espátula, e outra vez triturada de seis a sete minutos, com a mesma força, ao que se segue a raspagem durante três ou quatro minutos e a trituração, sem mais nada a se acrescentar, durante seis ou sete minutos e raspagem durante três ou quatro minutos. A última terça parte de açúcar de leite é então acrescentada, misturada com a espátula e triturada, como antes, seis a sete minutos, fortemente, raspando-se de três a quatro minutos e termina finalmente com a última trituração de seis a sete minutos e raspagem, a mais cuidadosa.

O pó assim preparado é posto em um frasco, arrolhando-se bem, protegido da luz do sol e do dia, ao qual se dá o nome da substância e do primeiro produto, marcado 100. A fim de elevar esse produto a 10.000, um grão do produto em pó /100 é misturado com a terça parte de 100 grãos de açúcar de leite pulverizado, procedendo-se então como antes, mas cada terça parte deve ser cuidadosamente triturada duas vezes, cada vez de modo completo, durante seis a sete minutos, raspando-se três a quatro minutos antes da segunda e da última terça parte de açúcar de leite serem acrescentadas. Depois de cada terça parte, procede-se da mesma maneira. Quando se houver terminado, o pó é colocado em um frasco bem arrolhado e rotulado /10.000. Se, agora, acrescentar-se, da mesma maneira, um grão deste último pó e se se preparar do mesmo modo, obter-se-á o milionésimo, isto é, cada grão desse pó conterà um milionésimo da substância original. Portanto, tal trituração dos três graus requer seis vezes de seis a sete minutos para triturar, e seis vezes de três a quatro minutos para raspar, portanto, *uma hora* para cada grau. Depois de uma hora dessa trituração do primeiro grau, cada grão conterà 1/100; do segundo 1/10.000; e do terceiro 1/1.000.000 da substância medicinal empregada <sup>(a)</sup>. O graal, o pilão e a espátula devem ser bem limpos antes de serem usados para outros medicamentos.





## SAMUEL HAHNEMANN

Tendo sido bem lavados, primeiro com água morna e secos, esses objetos, bem como a espátula, são postos em uma caçarola de água fervente durante meia hora. Devemos tomar cuidado *a ponto de* colocar estes utensílios sobre carvões ardentes.

(<sup>e</sup>) Estes são os três graus da trituração do pó seco, que se efetuada corretamente, será um bom começo do desenvolvimento da força (dinamização) da substância medicinal.

(\*\*) Com o qual o recipiente empregado para potencializar acha-se cheio até à altura de dois terços de sua capacidade.

(\*\*\*) Talvez em um livro com capa de couro.

(\*\*\*\*) Pequeno vaso cilíndrico, com o formato de um dedal, feito de vidro, porcelana ou prata, com uma pequena abertura no fundo em que se colocam os glóbulos que se quer tornar medicamentosos. São umedecidos com um pouco de álcool medicinal assim dinamizado, sacudidos e espalhados sobre papel de filtro, a fim de secarem rapidamente.

(\*\*\*\*\*) São preparadas por um confeitoiro, sob vigilância própria, com amido e açúcar de cana, e os pequenos glóbulos são libertados das partes finamente cobertas de pó, fazendo-os passar por uma peneira. Passam então por um coador que permita *somente* a passagem de *100 glóbulos, pesando apenas um grão* – o tamanho mais útil para as necessidades de um médico homeopata.

(\*\*\*\*\*) De acordo com as primeiras instruções, devia-se levar sempre uma gota do líquido de uma potência menor para 100 gotas de álcool para uma potencialização mais elevada. Esta proporção do medicamento, de atenuação ao medicamento a ser dinamizado (100:1) foi julgada demasiado reduzida para poder desenvolver completamente e a um grau elevado o poder do medicamento, sacudindo-se uma porção de vezes sem se empregar muita força, fato este que experiências cansativas me levaram a crer.

Mas, se se tomar apenas um desses glóbulos, dos quais 100 pesem um grão, dinamizando-o com 100 gotas de álcool, obter-se-á uma proporção de 1 para 50.000 e maior, pois 500 desses glóbulos mal podem absorver uma gota para a sua saturação. Como esta razão desproporcionada é mais elevada, entre o medicamento e o meio de diluição, *muitas* sacudidas sucessivas do frasco cheio a dois terços de sua capa-





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

cidade, com álcool, podem produzir um desenvolvimento de potência muito maior.

Mas, com um meio de diluição tão diminuto, com 100 para 1 do medicamento, se muitíssimas succussões forem como que forçadas por meio de uma máquina poderosa, obtêm-se medicamentos que, especialmente nos graus mais elevados de dinamização, agem quase imediatamente, mas com violência demasiada, mesmo perigosa, especialmente em pacientes fracos, sem que haja uma reação suave, duradoura, do princípio vital. Mas o método descrito por mim, ao contrário, produz medicamentos com o maior desenvolvimento de potência, e de ação a mais suave, que, contudo, se bem escolhidos, atingem todas as partes curativamente<sup>(9)</sup>. Nas febres agudas, as pequenas doses dos graus menos dinamizados destes preparados muito mais aperfeiçoados, mesmo os de medicamentos de longo efeito medicamentoso (por exemplo, a Belladonna), podem ser repetidas em breves intervalos. No tratamento de males crônicos, é melhor começar com os graus de dinamização menos elevados e, quando necessário, passar para um maior, mesmo mais poderoso, mas de ação suave.

<sup>(9)</sup> Em casos muito raros, não obstante a recuperação quase completa da saúde, e com a boa força vital, se uma afecção local antiga permanecer, é inteiramente permissível, como também necessariamente *indispensável*, administrar doses progressivas do medicamento homeopático que se tenha demonstrado eficaz, mas potencializado a um grau muito elevado por meio de muitas succussões dadas com a mão. Então a enfermidade localizada geralmente desaparece de modo maravilhoso.

(\*\*\*\*\*) Essa afirmação não parecerá improvável se considerarmos que por meio desse método de dinamização (as preparações assim produzidas, conforme descobri após muitas experiências e contra experiências, são as mais poderosas e, ao mesmo tempo, as de ação mais suave, isto é, as mais perfeitas), a parte material do medicamento é diminuída com cada grau de dinamização 50.000 vezes e ainda incrivelmente aumentadas em poder, de modo que a dinamização subsequente de 125 e 18 zeros alcança apenas o terceiro grau de dinamização. A trigésima assim progressivamente preparada daria uma fração quase impossível de exprimir em números. Torna-se extraordinariamente evidente que a parte material mediante essa dinamização (desenvolvimento de sua essência interna verdadeira, medicinal) se desdobrará finalmente em sua essência individual de natureza espiritual. Portanto,





## SAMUEL HAHNEMANN

em seu estado bruto, pode ser considerada como consistindo realmente apenas desta essência imaterial não desenvolvida.

### § 271

Se o próprio médico prepara seus medicamentos homeopáticos, como deve fazer sensatamente para salvar os doentes de suas doenças (\*), pode usar a própria planta fresca, visto que só um pouco da substância crua será necessária, se não necessitar do suco espremido talvez para fins curativos. Ele coloca alguns grãos em um recipiente e com 100 grãos de açúcar de leite, leva-os a uma trituração até a 1ª milionésima <sup>(9)</sup> (§ 270) antes de potencializar ainda mais uma pequena porção da última mediante succussões, prática a ser observada também com o resto das outras substâncias cruas, quer secas ou oleosas.

(\*) Até que o Estado, no futuro, após haver atingido uma compreensão da indispensabilidade de medicamentos homeopáticos perfeitamente preparados, os fará preparar por uma pessoa competente e imparcial, a fim de dá-los gratuitamente a médicos homeopatas treinados em hospitais homeopáticos, que tenham sido examinados teórica e praticamente, e assim, legalmente qualificados. O médico pode, então, convencer-se da boa qualidade desses instrumentos divinos de curar, e também dá-los gratuitamente a seus pacientes, sejam eles ricos ou pobres.

<sup>(9)</sup> N.T.: 3º grau de trituração.

### § 272

Esse glóbulo (\*), colocado seco sobre a língua, é uma das menores doses para um caso moderado recente de doenças. Aí apenas alguns nervos são atingidos pelo medicamento. Um glóbulo semelhante, esmagado com um pouco de açúcar de leite e dissolvido em muita água (§ 247) e bem mexido antes de cada vez que se dá, produzirá um medicamento muito mais forte para ser usado durante vários dias. Cada dose, não importa quão pequena seja, atinge muitos nervos ao mesmo tempo.







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

(\*) Estes glóbulos (§ 270) retêm sua virtude medicinal durante *muitos* anos, se forem protegidos da luz solar e do calor.

### § 273

Em nenhum caso sob tratamento é necessário e, *portanto*, permissível administrar a um paciente mais de *uma única e simples substância medicinal* de uma vez. É inconcebível possa existir a menor dúvida quanto ao que é mais de acordo com a natureza e mais racional, prescrever um *único, simples* medicamento bem conhecido (\*) de cada vez em uma doença, ou a mistura de diversas drogas. Não é absolutamente permissível em Homeopatia, a única verdadeira, simples e natural arte de curar, dar ao paciente duas substâncias medicinais diferentes *de uma vez*.

(\*) Duas substâncias opostas, unidas em sais neutros e médios por afinidade química em proporções invariáveis, bem como metais sulfurados encontrados na terra, e os produzidos por meios técnicos em proporções sempre constantes de combinações de enxofre com sais e terras alcalinas, (por exemplo, *Natrum sulf.* e *Calcarea sulf.*), bem como os éteres produzidos pela destilação de álcool e ácidos, podem juntamente com o fósforo ser considerados como substâncias medicinais *simples* pelo médico homeopata e usados em pacientes. Por outro lado, os extratos obtidos por meio de ácidos dos chamados alcaloides de plantas, são sujeitos a grande variedade em sua preparação (por exemplo, o quinino, a estricnina, a morfina), e não podem, portanto, ser aceitos pelo médico homeopata como medicamentos simples inalteráveis, sempre os mesmos, principalmente porque ele tem, nas próprias plantas em sua composição natural (quina, noz vômica, Opium), todas as qualidades necessárias para curar. Além disso, os alcaloides não são os únicos constituintes das plantas.

### § 274

Como o verdadeiro médico encontra nos medicamentos simples, administrados exclusivamente e sem estarem combinados, tudo o que





#### SAMUEL HAHNEMANN

possa desejar (forças de moléstias artificiais que são capazes, por seu poder homeopático, de vencer, extinguir e curar de modo completo e permanente as doenças naturais), ele jamais, conhecedor do sábio provérbio que reza ser “errado tentar empregar meios múltiplos quando bastam os simples”, pensa em dar como medicamento qualquer substância que não seja simples e única; também por estas razões, porque muito embora os medicamentos simples fossem *inteiramente experimentados*, quanto a seus efeitos puros peculiares no indivíduo são, é ainda impossível prever *como* duas ou mais substâncias medicinais poderiam, conjugadas, mutuamente alterar e obstar as ações de cada uma no organismo humano; e porque, por outro lado, uma substância medicinal simples, quando usada em doenças, sabendo-se a totalidade dos sintomas, presta ajuda eficiente por si só, se for homeopaticamente escolhida; e supondo que o pior aconteça, que não foi escolhida rigorosamente de acordo com a semelhança de sintomas, não servindo, portanto, é ainda tão útil, por promover nosso conhecimento de agentes terapêuticos, porque, pelos novos sintomas excitados por ela em tais casos, os sintomas que esta substância medicinal já havia demonstrado em experiências, na saúde do corpo humano, se confirmam, vantagem esta que é perdida pelo emprego de todos os remédios compostos (\*).

(\*) Quando o médico sensato escolheu o remédio homeopaticamente perfeito para o caso da doença, que estudou minuciosamente, e administrou-o internamente, deixará à rotina alopática a prática de dar chás, um saquinho de ervas ou banho de ervas diferentes, de injetar clisteres medicinais e de passar essa ou aquela pomada.

### § 275

A conveniência de um medicamento para um caso determinado de doença não depende apenas de sua correta seleção homeopática; depende, também, da grandeza, ou melhor, da pequenez da dose. Se dermos *uma dose demasiadamente forte* de um medicamento que





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

possa ter sido homeopaticamente escolhido para o estado mórbido sob tratamento, ela deve, não obstante o seu caráter benéfico inerente, revelar-se prejudicial apenas por sua quantidade, e pela impressão desnecessária, demasiadamente forte que, em virtude de sua semelhança homeopática de ação, produz na força vital que ataca e, por meio da força vital, nas partes do organismo que são mais sensíveis que já estavam afetadas pela doença natural.

### § 276

Por essa razão, um medicamento, muito embora seja homeopaticamente adequado ao caso de doença, é prejudicial em cada dose que for excessiva, e, em doses fortes, é ainda mais prejudicial quanto maior a homeopaticidade e quanto maior potência escolhida (\*), sendo muito mais prejudicial que qualquer dose grande de um medicamento que não é homeopático e de nenhum modo adequado ao estado mórbido (alopático). Doses demasiadamente grandes de um medicamento homeopático corretamente escolhido, e principalmente quando frequentemente repetido, causam, via de regra, muitas desgraças. Não raro, põem o paciente em perigo de vida ou tornam sua doença quase incurável. De fato, extinguem a doença natural, no que concerne à sensação do princípio vital, e o paciente não sofre mais da doença original desde o momento em que a dose demasiadamente intensa do medicamento homeopático agiu sobre ele, mas acha-se conseqüentemente mais doente da doença bem semelhante, mas muito mais violenta, de natureza medicinal que é difícilíssima de curar (\*\*).

(\*) Os elogios feitos nos últimos anos, por alguns homeopatas, às doses maiores devem-se ao fato de que escolheram potências pouco elevadas do medicamento a ser administrado (como eu mesmo fazia, há uns vinte anos, por não conhecer nenhuma melhor), ou ao fato de que os medicamentos escolhidos não eram homeopáticos e imperfeitamente preparados por seus fabricantes.

(\*\*) Assim, o uso contínuo de grandes doses de agentes alopáticos violentos à base de mercúrio contra a Syphillis desenvolve doenças causadas pelo mercúrio que





## SAMUEL HAHNEMANN

são quase incuráveis, quando ainda uma ou diversas doses de preparado à base de mercúrio, suave, porém ativo, certamente teria curado radicalmente em poucos dias a doença venérea, juntamente com o cancro, desde que não tivesse sido destruído por meios externos (como sempre ocorre com a alopatia). Do mesmo modo, o alopatha dá quina e quinina diariamente em grandes doses, para febre intermitente, quando são corretamente indicadas e quando uma pequena dose de quina altamente potencializada seria de ajuda infalível (nas febres de pântano intermitente e mesmo nas pessoas que não foram afetadas por qualquer mal psórico evidente). Produz-se uma doença crônica da quina (combinada, ao mesmo tempo, com o desenvolvimento da Psora), que, se não matar o paciente aos poucos, danificando os órgãos internos mais importantes, principalmente o baço e o fígado, deixa-lo-á, contudo, durante anos a sofrer com a saúde muito abalada. Mal se pode conceber um antídoto homeopático para tal estado produzido pelo abuso de grandes doses de medicamentos homeopáticos.

### § 277

Pela mesma razão, e porque um medicamento desde que a dose tenha sido suficientemente pequena, é tanto mais salutar e quase maravilhosamente eficaz, quanto mais homeopaticamente correta tiver sido sua seleção, um medicamento cuja escolha tenha sido corretamente homeopática deve ser tanto mais salutar quanto sua dose for reduzida ao grau de apropriada pequenez para um efeito terapêutico suave.

### § 278

Aqui surge a questão: qual o grau de pequenez mais adequado para um efeito medicinal certo e seguro? Em suma, qual o tamanho da dose de cada medicamento, homeopaticamente escolhido para um caso de doença, que melhor realiza essa cura? Para resolver este problema, e determinar para cada medicamento qual a sua dose que deverá ser suficiente para fins terapêuticos homeopáticos e ainda ser tão diminuta que a mais suave e rápida das curas pode ser, então, realizada; como facilmente pode ser percebido, a solução do problema não é trabalho





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

de especulação teórica; por meio de raciocínio sutil, ou sofisticação minuciosa, não podemos esperar obtê-la. É tão impossível quanto calcular de antemão todos os casos imagináveis. Só mediante experiência pura, observação cuidadosa da sensibilidade de cada paciente, e por prática é que se pode determinar isto *em cada caso particular*, e seria absurdo aduzir as grandes doses de medicamentos inadequados (*alopáticos*) da antiga escola, que não tocam ao lado doente do organismo homeopaticamente, mas apenas atacam as partes inatingidas pela doença, contra o que a experiência pura declara no que respeita a pequenez das doses necessárias para as curas homeopáticas.

### § 279

Esta experiência pura demonstra *do começo ao fim* que se a doença não depende manifestamente de uma deterioração considerada de algum órgão importante (muito embora pertença às doenças crônicas e complicadas), e se durante o tratamento todas as influências medicinais estranhas forem afastadas do paciente, - *a dose do remédio homeopaticamente escolhido e altamente potencializado para o começo do tratamento de uma doença séria (especialmente, crônica) não pode jamais ser preparada em regra, tão pequena, que não seja mais forte que a doença natural e que não possa dominá-la, pelo menos em parte, extinguindo-a da sensação do princípio vital, efetuando, assim, o começo de uma cura.*

### § 280

A dose do medicamento que continua a servir sem produzir novos sintomas indesejáveis deve ser continuada, embora *de modo crescente*, e aos poucos, enquanto o paciente, *com melhora geral*, começa a sentir de novo e em grau moderado o retorno de um ou mais dos seus velhos sintomas originais. Isto indica uma cura próxima através de aumento gradativo das doses moderadas modificadas, cada vez, por sucessões





(§ 247). Indica que o princípio vital não mais precisa ser afetado por uma doença medicinal semelhante a fim de perder a sensação da doença natural (§ 148). Indica que o princípio vital, mais livre agora da doença natural, começa a sofrer apenas de algo da doença medicinal conhecida como *agravação homeopática*.

### § 281

A fim de se convencer disso, o paciente é deixado sem qualquer medicamento por oito, dez ou quinze dias, e, neste ínterim, recebe somente um pouco de pó de açúcar de leite. Se as poucas últimas queixas devem-se ao fato de o medicamento simular os sintomas da antiga doença original, então estas queixas desaparecerão em alguns dias ou horas. Se durante esses dias sem medicamentos, embora continuando as boas regras de higiene, não se vê nada mais da doença original, ele se acha, provavelmente, curado. Mas, se nos próximos dias se apresentarem vestígios dos antigos sintomas mórbidos, são eles remanescentes da doença original que não se extinguiu totalmente, que devem ser tratados com doses mais potentes do remédio, na forma indicada acima. Para obter uma cura, as primeiras doses devem, igualmente, ser outra vez elevadas gradativamente, mas muito menores, e mais devagar, com pacientes em que se nota uma irritabilidade considerável, do que com os menos suscetíveis, em que o avanço para a dosagem mais elevada pode ser mais rápida. Há pacientes cuja impressionabilidade comparada com os de pouca suscetibilidade é de 1.000 para 1.

### § 282

Seria sinal certo de que as doses são excessivas se, durante o tratamento, principalmente nas doenças crônicas, a primeira dose acarretasse a chamada *agravação homeopática*, isto é, um aumento notável dos sintomas mórbidos primitivos originalmente observados e, mesmo que cada dose tenha sido (§ 247) um tanto modificada por sucussões antes de ser administrada (mais altamente dinamizada) (\*).

(\*) A regra para começar o tratamento homeopático de doenças crônicas, com





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

as mínimas doses possíveis e apenas gradativamente aumentadas, está sujeita a uma notável exceção no tratamento dos três grandes miasmas, enquanto ainda se achem na pele, isto é, *sarna* recente, *cancro* ainda não tratado (nos órgãos sexuais, boca ou lábios etc.), e os *condilomas*. Estes não só toleram, mas também necessitam, desde o começo, grandes doses de seus específicos de graus de dinamização cada vez maiores (talvez, até diversas vezes por dia). Se se fizer isto, não há perigo a temer como ocorre no tratamento de doenças ocultas no organismo, a dose excessiva, embora extinga a doença, inicie e, por uso constante, possivelmente produza um mal medicinal crônico. Durante as manifestações externas destes três miasmas, tal não ocorre; pois, pelo progresso diário de seu tratamento, pode-se observar e julgar até que ponto a dose forte elimina, dia a dia, do princípio vital a sensação da doença; pois nenhuma destas três pode ser curada sem, por meio de seu desaparecimento, dar ao médico a convicção de que não há mais necessidade destes medicamentos.

Visto que as doenças são, de modo geral, apenas ataques dinâmicos sobre o princípio vital, não sendo de natureza material, *materia peccans*, em sua base (como a velha escola, em seu erro tem afirmado durante milhares de anos e, nestas condições, tratado os doentes, para sua ruína), não há, também, nestes casos, nada material a remover, nada a retirar com pomadas, atar, ou cortar, ou cauterizar, sem tornar o doente cada vez mais doente e mais difícil de curar (Doenças Crônicas – Parte I), do que era antes de se iniciar o tratamento local destes três miasmas. O princípio dinâmico prejudicial, exercendo sua ação na energia vital, é a essência destes sinais externos dos miasmas malignos internos que podem ser extintos apenas pela ação de um remédio homeopático sobre o princípio vital que o afeta de modo semelhante, porém mais forte, e assim remove de tal modo a sensação de doença externa e interna, espiritual, que não mais existe para o princípio vital (para o organismo) e assim liberta o paciente de sua doença, curando-o.

A experiência, contudo, ensina que a sarna, com suas manifestações externas, bem como o cancro, junto com o miasma venéreo interno, podem e devem ser curados apenas mediante remédios específicos internos. Mas os condilomas, se têm perdurado por algum tempo, sem tratamento, para sua cura perfeita requerem a aplicação externa de medicamentos específicos, bem como, ao mesmo tempo, internos.





### § 283

A fim de agir inteiramente de acordo com a natureza, o artista verdadeiro da arte de curar receitará, com exatidão, o medicamento homeopático mais indicado, em todos os aspectos, e por isso mesmo, em dose mui pequena. Pois, caso se engane, por fraqueza humana, em empregar um medicamento inadequado, a desvantagem desta relação errônea para com a doença seria tão pequena que o paciente poderia, por sua própria força vital, e opondo, em tempo (§ 249), um remédio corretamente escolhido de acordo com a semelhança de sintomas (e igualmente na menor dose possível), extingui-la e repará-la rapidamente.

### § 284

Além da língua, boca e estômago, que são mais comumente afetados pela administração do medicamento, o nariz e os órgãos respiratórios recebem a ação de medicamentos em forma fluida, por meio da olfação e inalação através da boca. Todo o revestimento cutâneo é adaptado à ação de substâncias medicinais em soluções, principalmente se se combinar a fricção com a administração interna (\*).

(\*) O poder dos medicamentos que agem no lactente por meio do leite materno ou de ama é maravilhosamente valioso. Cada doença de uma criança cede aos medicamentos corretos homeopaticamente escolhidos, dados em doses moderadas à lactante, e, assim administrados, são mais fácil e certamente utilizados pelas crianças do que seria possível mais tarde. Visto que a maioria dos lactentes geralmente recebe a Psora através do leite da ama, se já não a herdaram da mãe, podem ao mesmo tempo proteger-se antipsoricamente pelo leite da ama assim medicada. Mas no caso de mães em sua (primeira) gravidez, as dinamizações de enxofre preparadas de acordo com as instruções baixadas nesta edição (§ 270), são indispensáveis a fim de destruir a Psora – a produtora da maioria dos males crônicos – que lhe é herdada por transmissão; destruí-la em si próprias e no feto, assim protegendo antecipadamente a posteridade. Isto se aplica às mulheres grávidas assim tratadas; têm dado à luz crianças geralmente mais sadias e fortes, para o espanto geral, o que é mais uma confirmação da grande verdade da teoria da Psora por mim descoberta.







## § 285

Desse modo, a cura de males muito antigos pode ser ativada pelo médico, aplicando externamente (esfregando as costas, braços, extremidades inferiores) o mesmo medicamento que aplica internamente e que demonstrou ter poder curativo. Assim procedendo, deve evitar as partes sujeitas à dor ou espasmos, ou erupções de pele (\*).

(\*) Assim se explicam as curas maravilhosas, embora raras, em que pacientes crônicos deformados, cuja pele era, não obstante, *sadia e limpa*, foram rápida e permanentemente curados após alguns banhos cujos constituintes medicinais (embora por acaso) eram homeopaticamente correlatos. Por outro lado, os banhos minerais *com grande frequência* acarretaram danos maiores nos pacientes cujas erupções de pele foram erradicadas. Após um breve período de bem-estar, o princípio vital permitia que o mal interno, não curado, retornasse em outra parte mais importante para a vida e a saúde.

Em vez disso, às vezes, o nervo ocular paralisava-se e produzia amaurose, às vezes se enuviava o cristalino, perdia-se a audição, seguiam-se a loucura ou asma sufocante, ou uma apoplexia terminava com os sofrimentos do iludido enfermo. Um princípio fundamental do médico homeopata (que o distingue dos médicos de todas as escolas mais antigas) é que jamais emprega para qualquer paciente um medicamento cujos efeitos não tenham sido prévia e cuidadosamente experimentados em pessoas sadias e estudados por ele (§§ 20, 21). Prescrever para o doente na base de mera conjectura de alguma utilidade possível para o doente, ou por ouvir dizer, “que um remédio foi útil em tal e tal doença”, tal falta de consciência o homeopata filantrópico deixará para o alopata. Um legítimo médico e praticante de nossa arte, portanto, *jamais* enviará o doente a qualquer dos muitos banhos minerais, pois quase todos são até agora desconhecidos quanto a seus efeitos exatos e positivos na saúde humana, e quando mal empregados, contam-se entre as drogas mais violentas e perigosas. Deste modo, em mil enviados aos mais célebres destes banhos por médicos ignorantes, alopaticamente incurados e cegamente enviados, talvez um ou dois se curem por acaso e, mais frequentemente, voltam apenas





## SAMUEL HAHNEMANN

*aparentemente* curados, proclamando-se o milagre. Centenas, contudo, retiram-se sem alarde mais ou menos pior e os outros preparam-se para seu descanso eterno, fato que se comprova pela presença de numerosos cemitérios que circundam estas afamadas estações de águas (\*\*).

(\*\*) O verdadeiro médico homeopata, que jamais age sem fundamento correto, jamais joga com a vida dos doentes que lhe são confiados como se fosse uma loteria em que a proporção do ganho é de 1 para 500 ou mil (e onde os bilhetes brancos representam a agravação ou a morte), e jamais exporá qualquer um de seus pacientes a tais perigos ou manda-lo-á a tais banhos, jogando com acaso, como ocorre tão frequentemente com os alopatas, a fim de se livrarem aiosamente dos doentes estragados por eles ou por outros.

### § 286

As forças dinâmicas, magnética, elétrica e galvânica não agem menos poderosamente no princípio vital e não são menos homeopáticas que os denominados medicamentos que neutralizam o mal ingerindo-se pela boca, ou esfregando-se pela pele ou inalando-se. Pode haver doenças, especialmente doenças da sensibilidade e irritabilidade, sensações anormais e movimentos musculares involuntários que podem ser assim curados. Mas o modo mais certo de aplicar os dois últimos, bem como os da chamada máquina eletromagnética, ainda se acha muito obscuro para se fazer dele uso homeopático. Até agora tanto a eletricidade como o galvanismo têm sido empregados somente como paliativos, para grande prejuízo dos doentes. A ação pura, positiva de ambos no corpo humano sadio foi até agora muito pouco experimentada.

### § 287

Os poderes de um imã para fins curativos podem ser usados com mais certeza, de acordo com os efeitos positivos detalhados na *Matéria Médica Pura*, sob os pólos norte e sul de poderosa barra magnética.





Embora ambos os pólos sejam igualmente poderosos, opõem-se, contudo, de acordo com sua respectiva ação. As doses podem ser modificadas pela duração do tempo de contato com um ou outro pólo, conforme os sintomas de pólo norte ou sul indicarem. Como antídoto de uma aplicação violenta demais, bastará a aplicação de uma chapa de zinco polido.

### § 288

Creio ainda ser necessário referir-me aqui, ao *magnetismo animal* como se chama, ou melhor, ao *Mesmerismo* (como deveria se chamar, em deferência a *Mesmer*, seu fundador) que difere tanto em sua natureza de todos os outros agentes terapêuticos. Esta força curativa, com frequência tão tola e desdenhada durante um século, age de diversas maneiras. É um presente maravilhoso, incomensurável de Deus, para a humanidade, pelo qual a vontade forte de uma pessoa bem intencionada sobre uma doente, por contato, e mesmo sem este, e até a uma certa distância, pode trazer energia vital do mesmerizador sadio dotado deste poder para outra pessoa, dinamicamente (assim como um dos pólos de poderoso magneto age sobre uma barra de aço). Age em parte substituindo no doente, cuja força vital dentro do organismo acha-se deficiente em diversos pontos, e em parte, em outros pontos onde a força vital tenha se acumulado demais gerando desordens nervosas irritantes; ela a desvia, diminui e distribui por igual e, de modo geral, extingue a condição mórbida do princípio vital do paciente, que é substituída pelo normal do mesmerista que age poderosamente sobre ele, como por exemplo, velhas úlceras, amaurose, paralisias parciais etc.. Muitas curas rápidas aparentes realizadas em todas as épocas por mesmeristas dotados de grande poder natural, pertencem a essa categoria. O efeito do poder humano comunicado sobre todo o organismo, foi demonstrado magistralmente na reanimação de pessoas que ficavam muito tempo em estado cataléptico, pelo poderoso





## SAMUEL HAHNEMANN

desejo simpático de um homem em pleno gozo da energia vital (\*), e dessa espécie de reanimação a história encerra diversos exemplos inegáveis. Se o mesmerista de qualquer sexo, capaz ao mesmo tempo de franco entusiasmo (mesmo degenerado em carolismo, fanatismo, misticismo ou sonho filantrópico), tornar-se ainda mais poderoso com esse desempenho filantrópico e abnegado, poderá então dirigir sua vontade ao paciente que solicitou sua colaboração, concentrar nele seu poder psíquico e operar, às vezes, milagres.

(\*) Especialmente numa pessoa como há poucos entre os homens que, dotados de um bom coração e plena força física, possuam um *desejo sexual muito reduzido ou completamente ausente*, nos quais portanto os delicados espíritos vitais que seriam necessários em todos os homens para o preparo do esperma estejam presentes em quantidade e prontos a se comunicarem através de toque pleno de vontade a outras pessoas. Alguns desses mesmeristas curadores que conheci possuíam *todas* essas qualidades especiais.

### § 289

Todos os métodos mencionados de prática do mesmerismo dependem de um influxo de maior ou menor força vital no paciente, e daí serem conhecidos como mesmerismo positivo (\*). Contudo, um modo oposto de empregar o mesmerismo, pois produz o efeito contrário, deve ser denominado *mesmerismo negativo*. A este pertencem os passes empregados para despertar de sono sonambúlico, bem como todos os processos manuais conhecidos pelos nomes de *calmar e ventilar*. Esta *descarga* mediante mesmerismo negativo da força vital acumulada em excesso em partes isoladas do organismo de pessoas não debilitadas é mais certa e simplesmente efetuada fazendo-se um movimento rápido com a palma da mão estendida, mantida paralela e a cerca de uns dois centímetros de distância do corpo, desde o alto da cabeça, até a extremidade dos pés (\*\*). Quanto mais rápido for o passe, tanto mais eficiente será a descarga. Assim,





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

por exemplo, no caso de catalepsia em que uma senhora que havia sido sadia (\*\*\*) , pela mera supressão de suas regras em virtude de choque mental, a força vital que é provavelmente acumulada na região precordial foi restaurada em todo o organismo, mediante passes rápidos negativos e de novo a paciente voltou à vida (\*\*\*\*). Do mesmo modo, um passe negativo suave e mais lento diminui a inquietação demasiadamente grande e insônia acompanhadas de ansiedade muitas vezes produzida em pessoas muito irritáveis por um passe positivo por demais poderoso etc.

(\*) Quando me refiro aqui ao poder curativo e certo do mesmerismo positivo, certamente não me refiro a seu abuso altamente condenável em que mediante passes repetidos desta espécie, continuados durante meia ou uma hora inteira, e mesmo dia após dia, executados em pacientes fracos, nervosos, que resultou na monstruosa revolução do organismo humano que se chama sonambulismo e clarividência, (clairvoyance) em que o ser humano é destituído do mundo dos sentidos e parece pertencer mais ao mundo dos espíritos – estado este que é altamente anormal e perigoso, método pelo qual muitas vezes se tentou curar em vão doenças crônicas.

(\*\*) É conhecida a regra de que uma pessoa a ser positiva ou negativamente mesmerizada não deva usar tecidos de seda em qualquer parte do corpo; porém o que menos se sabe é o resultado bem superior obtido se o mesmerizador está isolado do solo, colocando debaixo de seus pés uma toalha de seda, graças à qual pode assim em sua plena medida transmitir ao doente o seu fluido, de maneira melhor do que se estiver de pé no chão puro.

(\*\*\*) Pelo que, um passe negativo, especialmente se for muito rápido, é extremamente prejudicial a uma pessoa delicada afetada de mal crônico e deficiente em força vital.

(\*\*\*\*) Um jovem camponês, robusto, de dez anos de idade, recebeu, de manhã, por causa de uma ligeira indisposição, de uma mesmerista, diversos passes fortes com as pontas dos polegares, partindo da boca do estômago, para baixo das costelas, ficando instantaneamente pálido como se estivesse morto, e caiu em um estado de inconsciência e imobilidade que nada podia despertar e foi quase dado como morto.





## SAMUEL HAHNEMANN

Fiz com que seu irmão mais velho lhe aplicasse um passe rápido negativo desde o topo da cabeça, sobre o corpo e até os pés, e num instante, recobrou a consciência e sentiu-se bem.

### § 290

Aqui se acha também a chamada massagem de uma pessoa de bom coração em uma pessoa que tenha estado cronicamente doente que, embora curada, ainda esteja magra, com digestão fraca e insônia devido a convalescimento lento. Os músculos dos membros, peito e costas, seguros em separado e moderadamente comprimidos e batidos, despertam o princípio vital para alcançar e restaurar o tono dos músculos e vasos sanguíneos e linfáticos. A influência mesmérica desse procedimento é a característica principal e não deve ser empregada em excesso em pacientes ainda hipersensíveis.

### § 291

Os banhos de água pura revelam-se em parte como paliativos, em parte como ajuda homeopática na restauração da saúde em males agudos, bem como na convalescença de pacientes crônicos curados, levando-se em conta as condições do convalescente e a temperatura do banho, sua duração e repetição. Mas mesmo se bem aplicados, trazem mudanças apenas fisicamente benéficas no corpo doente, não sendo em si medicamentos verdadeiros. Os banhos mornos a 25° ou 27° R. servem para despertar a sensibilidade da fibra no cataléptico (congelado, afogado ou sufocado) que entorpecia a sensação dos nervos. Embora apenas paliativos, ainda frequentemente se revelam suficientemente ativos, principalmente quando dados junto com café e esfregando-se com as mãos. Podem prestar ajuda homeopática em casos em que a irritabilidade acha-se desigualmente distribuída e acumulada em alguns órgãos, como ocorre com certos espasmos histéricos e convulsões infantis.





#### ORGANON DA ARTE DE CURAR

---

Do mesmo modo, banhos frios a 10° ou 6° R. em pessoas medicamente curadas de males crônicos e com deficiência de calor vital age como auxiliar homeopático. Por imersões *instantâneas* e mais tarde, frequentemente *repetidas*, agem como paliativo restaurador do tono da fibra exaurida. Com esse propósito, tais banhos deverão ser mais prolongados, durar alguns instantes, até mesmo vários minutos, e com temperaturas progressivamente mais baixas; são um paliativo que, visto agirem só fisicamente, não apresentam a desvantagem da ação contrária, a ser temida mais tarde, como se dá com os paliativos medicinais dinâmicos.





SAMUEL HAHNEMANN

## **Tradução dos principais parágrafos da 5ª edição modificados na 6ª edição do Organon**

### **§ 161**

Quando aqui eu me refiro a primeira ou as primeiras horas, a agravação homeopática, ou antes, a ação primária do medicamento homeopático, parecendo aumentar um tanto os sintomas da moléstia natural, isto se refere as moléstias de caráter mais agudo e de origem recente; mas nos casos em que os medicamentos de ação demorada tenham que combater uma moléstia de duração considerável ou muito longa, por consequencia, a dose deve continuar a agir por muitos dias seguidos, então, se veem aparecer de tempo em tempo, nos primeiros seis, oito ou dez dias, alguns dos efeitos primários dos medicamentos; algumas dessas exacerbações aparentes dos sintomas do mal primário, que dura uma ou muitas horas, enquanto a melhora geral se pronuncia sensivelmente nos intervalos. Decorrido este pequeno número de dias a melhora produzida pelos efeitos primários do medicamento continua ainda por muitos dias sem perturbação geral.

### **§238**

Somente quando o medicamento adequado extinguiu com uma única dose muitos sintomas e restabeleceu a saúde e, contudo, no fim de algum tempo reaparece indícios de novo acesso é que se pode e que se deve repetir o mesmo medicamento, uma vez que a totalidade dos sintomas seja ainda a mesma. Mas esta volta da mesma febre, depois de um intervalo de saúde, não é possível senão quando a causa, que provocou a moléstia a primeira vez continua ainda a exercer sua influência sobre o paciente, como acontece nos lugares pantanosos. Em semelhante caso, não se chega muitas vezes a obter cura durável senão afastando-se o paciente da causa ocasional; por exemplo, aconselhando-o a se mudar para lugares montanhosos, se a causa for uma febre dos pântanos.

### **§ 246**

Por outro lado, a melhora – gradualmente progressiva, consequente a uma dose bem diminuta, de acurada seleção homeopática, quando não encontrou empecilho na duração da sua atuação, faz por vezes







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

todo o bem de que o remédio é capaz em dado caso, em períodos de quarenta, cinquenta ou cem dias. Entretanto, esse é raramente o caso. E além disso, de grande importância para o médico como para o paciente é que esse período seja, se possível, encurtado para a metade, para um quarto ou para ainda menos, de maneira que se obtenha cura muito mais rápida. E isso pode ser mui felizmente efetuado, como mostraram observações recentes e repetidas, sob três condições: primeira – que o medicamento selecionado com o maior cuidado, seja perfeitamente homeopático; segunda – que seja dado na mais diminuta dose, de maneira que produza a menor excitação possível na força vital, mas seja suficiente para nela efetuar a necessária modificação; terceira – que essa dose de medicamento perfeitamente selecionado, bem diminuta e entretanto poderosa, *seja repetida em intervalos adequados* (\*), os que a experiência indicar mais bem adaptados para acelerar ao máximo a cura, sem que a força vital, que busca influenciar na produção da doença medicamentosa semelhante, seja capaz de sentir-se excitada e levada a reações antagônicas.

(\*) Nas edições anteriores do *Organon* tenho aconselhado se deva sempre permitir que a dose única de um medicamento homeopático bem selecionado esgote completamente sua ação antes que se dê novo medicamento ou se repita o mesmo. Resultava essa doutrina da experiência positiva de que, nem por dose maior do remédio, que pode ter sido bem escolhido (como foi proposto recentemente, mas que seria bem como um passo para trás), nem, o que dá na mesma, por várias pequenas doses dadas em rápida sucessão – pode efetuar-se o maior benefício possível no tratamento das doenças, mais especificamente das crônicas. Por tal processo a força vital usualmente não se adapta serenamente à transição da doença natural para a doença medicamentosa semelhante e assim, violentamente excitada e perturbada por dose maior ou por doses menores (mesmo de remédio homeopaticamente escolhido) dadas rapidamente uma após outra – reagirá, na maioria dos casos, de maneira nada salutar e fará mais mal do que bem. Enquanto não se descobriu modo de proceder mais eficaz do que o então por mim ensinado, a segura máxima filantrópica do *si non juvat, modo ne noceat* tornava imperioso para o homeopata (para quem o objetivo máximo é o bem-estar de seus semelhantes) dar, como regra geral nas doenças, apenas uma dose única de cada vez, a menor possível, de medicamento cuidadosamente selecionado, deixá-la agir no paciente e, além disso, esgotar a sua ação. A menor dose possível, repito, pois permanece e permanecerá como máxima terapêutica homeopática, irrefutável por qualquer experiência do mundo, que a melhor dose do medicamento corretamente selecionado é sempre a menor possível,





## SAMUEL HAHNEMANN

numa das altas dinamizações (X), tanto para doenças crônicas como para agudas – uma verdade que é patrimônio inestimável da homeopatia pura. Enquanto a alopatia (e a nova facção híbrida, mistura de processos alopáticos e homeopáticos, não é muito melhor) continua a roer como câncer a vida dos seres humanos doentes e arruiná-los com doses cada vez maiores de drogas, essa verdade manterá a homeopatia pura separada dessas artes espúrias, como por abismo intransponível.

Por outro lado, a prática mostra-nos que: se bem que uma única dessas pequenas doses possa ser suficiente para realizar quase tudo o que era possível ao medicamento fazer, conforme as circunstâncias, em alguns casos de doença, especialmente casos leves, particularmente em crianças pequenas e adultos muito delicados e excitáveis, entretanto, em muitos casos, na verdade na maioria deles, não somente de doenças muito crônicas, que já progrediram muito e se agravaram pelo emprego prévio de medicamentos impróprios, mas também de doenças sérias – uma dose assim pequena de remédio na nossa dinamização altamente potencializada é evidentemente insuficiente para efetuar toda a ação curativa que se poderia esperar desse medicamento. Pode inquestionavelmente ser indispensável administrar várias doses, a fim de que a força vital possa alterar-se e estimular-se sua reação salutar, a ponto de habilitá-la a extinguir completamente toda a porção da doença original que está em poder do remédio homeopático bem selecionado erradicar. O remédio mais bem indicado em dose assim pequena, dada só uma vez, faria certamente algum bem, mas estaria longe de ser suficiente.

Mas o homeopata cuidadoso não se aventuraria logo a repetir a mesma dose do mesmo medicamento muitas vezes, pois em tal prática frequentemente não logrou vantagens e mui frequentemente, observando de perto, experimentou decidida desvantagem. Geralmente testemunhou agravações, mesmo com as menores doses dos medicamentos mais bem indicados, dados um dia e repetidos em dias sucessivos.

Ora, em casos nos quais estava convencido da correção de sua escolha quanto ao medicamento homeopático, com o fim de obter para o paciente maior benefício do que até aí pudera proporcionar prescrevendo uma pequena dose única, é natural que, muitas vezes, lhe ocorresse a ideia de aumentar a dose e, por exemplo, em vez de dar um único glóbulo bem diminuto umedecido com o medicamento na mais alta dinamização, administrar seis, sete ou oito deles de uma vez e mesmo meia





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

gota ou a gota inteira. Mas o resultado era quase sempre menos favorável do que deveria ser – era, de fato, muitas vezes desfavorável, muitas vezes mesmo muito mau – dano esse, em paciente assim tratado, difícil de reparar.

A dificuldade nesse caso não se resolve dando, em vez disso, baixas dinamizações do remédio em grandes doses.

Assim, o aumento na força das doses únicas do medicamento homeopático – tendo em vista atingir o grau de excitação patogenética da força vital necessária à produção de reação satisfatória e salutar – falha por completo, como o ensina a experiência, na realização do objetivo desejado. A força vital, assim agredida e excitada de maneira por demais violenta e súbita, não tem tempo de preparar-se para uma reação gradual, uniforme e salutar, de adaptar-se às modificações nela efetuadas; e daí forceja por repelir, como se inimigo fosse, o medicamento que a agride com força excessiva, por meio de vômitos, diarreia, febre, transpiração etc., e assim desvia e torna negativa a finalidade do médico incauto. Pouco ou nada se realizará por esse meio para a cura da doença; pelo contrário, o paciente enfraquecerá e por muito tempo não deveremos pensar em administrar sequer uma dose mínima do mesmo remédio, se não quisermos prejudicar o paciente.

Mas, além disso acontece que muitas doses mínimas dadas com o mesmo fim em rápida sucessão acumulam-se no organismo como se fosse dose excessivamente grande, com (exceto uns poucos casos raros) resultados também maus. Nesse caso a força vital, não podendo recuperar-se entre cada dose, embora pequena, torna-se oprimida e sobrecarregada, incapaz de reagir de maneira salutar e obrigada passivamente a permitir involuntariamente a continuação da fortíssima doença medicamentosa que lhe foi imposta, exatamente da mesma maneira que observamos diariamente com o abuso alopático de doses grandes e acumuladas do mesmo medicamento, até dano permanente do paciente.

Portanto, agora, embora evitando o método errôneo que aqui aponte, com o fim de atingir o objetivo desejado de modo mais certo do que até aqui e de administrar o medicamento selecionado de maneira que exerça toda a sua eficácia sem dano para o paciente, de maneira que efetue todo o bem de que é capaz em dado caso de doença – adotei, ultimamente, um método peculiar.





## SAMUEL HAHNEMANN

Percebi que, para descobrir esse verdadeiro meio termo, devemos guiar-nos tanto pela natureza das diferentes substâncias medicinais como pela constituição corpórea do paciente e pela magnitude de sua doença. Assim é que – para dar um exemplo do uso de *Sulfur* em doenças crônicas (psóricas) – a mínima dose dele (*inct. Sulf. X.º*) raramente poderá ser com vantagem repetida (mesmo em pacientes robustos com *Psora* plenamente desenvolvida) mais frequentemente do que cada sete dias, período de tempo que deverá ser alongado proporcionalmente em pacientes no mesmo caso mas mais fracos e mais excitáveis. Nesses casos faríamos bem em dar tais doses somente cada nove, doze ou catorze dias, repetindo o medicamento até deixar de ser útil. Acharemos assim (atendendos ao exemplo do *Sulfur*) que, em doenças psóricas, requerem-se raramente menos do que quatro, muitas vezes, entretanto, seis, oito ou mesmo dez dessas doses (*inct. Sulf. X.º*), administradas sucessivamente nesses intervalos, para o completo aniquilamento de toda a porção da doença crônica erradicável por *Sulfur* – contanto que não tenha havido no caso prévio abuso alopático de enxofre. *Assim, mesmo uma erupção escabiosa (primária) recente, embora espalhada por todo o corpo, pode curar-se perfeitamente, em pessoas não muito enfraquecidas, com uma dose de inct. Sulf. X.º repetida cada sete dias, no decurso de dez a doze semanas (com dez ou doze de tais glóbulos, para ficar de acordo). Raramente será necessário ajudar a cura com umas poucas doses de Carbo veg. X.º (também administradas com a frequência de uma dose por semana), sem o menor tratamento externo, além de frequentes mudanças de roupa branca e regime adequado.*

Quando também, para outras doenças crônicas sérias, considerarmos indispensável dar, tanto quanto possamos calcular, oito, nove ou dez doses de *inct. Sulf.* (na dinamização *X.º*), é mais conveniente em tais casos, em vez de dá-las em sucessão ininterrupta – intercalar depois de cada dose, ou cada *segunda* dose ou cada *terceira*, uma dose de outro medicamento, que seja o próximo em adequação homeopática em relação ao *Sulfur* (usualmente *Hep. sulf.*) e deixá-la igualmente agir por oito, nove, dez ou catorze dias, antes de começar novamente uma série de três doses de *Sulfur*.

Mas não raramente acontece que a força vital recusa-se a permitir que as várias doses de *Sulfur*, se bem que essenciais à cura da doença crônica e dadas nos intervalos acima mencionados, ajam sobre ela tranquilamente. Essa recusa revela-se por alguns sintomas de *Sulfur*, embora moderados, que ela deixa aparecer no paciente





#### ORGANON DA ARTE DE CURAR

durante o tratamento. Em tais casos é às vezes aconselhável administrar pequena dose de *Nux vom. X.º*, deixando-a agir por oito ou dez dias, a fim de predispor de novo o sistema para que permita que as sucessivas doses de *Sulfur* ajam sobre ele tranqüila e eficientemente. Nos casos em que se adapta, *Puls. X.º* é preferível.

Mas a força vital mostra a maior resistência à ação salutar do *Sulfur*, fortemente indicado, e exhibe mesmo agravação manifesta da doença crônica, embora o *Sulfur* seja dado na menor dose possível, e se cheire só um glóbulo do tamanho de uma semente de mostarda umedecido com *tinct. Sulf. X.º* - se o *Sulfur* foi prévia e imprópriamente (nem que seja anos antes) dado alopaticamente em grandes doses. Essa é circunstância lamentável que torna o melhor tratamento médico das doenças crônicas quase impossível – é uma dentre as muitas circunstâncias em que o ordinário tratamento atamancado das doenças crônicas pela velha escola nada nos deixaria que fazer a não ser lamentar-nos, se não houvesse algum modo de vencer a dificuldade.

Em casos tais temos somente de deixar o paciente cheirar fortemente um glóbulo do tamanho de uma semente de mostarda umedecido com *Merc. metall. X.º* e permitir que essa olfação aja perto de nove dias, com o fim de fazer a força vital novamente disposta a permitir que *Sulfur* (pelo menos a olfação de *tinct. sulf. X.º*) exerça influência benéfica sobre si mesma – descoberta pela qual estamos em dívida com o Dr. Griesselich, de Karlsruhe.

Dos outros antipsóricos (exceto talvez *Phosph. X.º*) é necessário administrar menos doses em intervalos semelhantes (*Sepia* e *Silicea* em intervalos maiores, sem nenhum medicamento intermediário, quando homeopaticamente indicados), para curar tudo o que for curável, em um dado caso, pelo remédio indicado. *Hepar sulf. calc. X.º* pode raramente ser tomado ou cheirado em intervalos menores do que catorze ou quinze dias.

Antes de repetir a dose, o médico deve, é claro, estar convencido de que a seleção é verdadeiramente homeopática.

Em doenças agudas, a repetição do medicamento adequadamente escolhido regula-se pela maior ou menor rapidez do curso da doença que temos de combater. Quando necessário ele pode ser repetido após vinte e quatro horas, dezesseis, doze, oito, quatro e ainda menos horas, se o remédio continuar a mostrar-se ininterrupta-





## SAMUEL HAHNEMANN

mente benéfico – sem produzir novos sintomas – mas não suficientemente rápido na sua ação para o curso da doença, excessivamente rápido e perigoso. Por exemplo, na cólera, a doença mais rapidamente fatal que conhecemos, deve-se dar, no começo da doença, uma ou duas gotas de solução leve de cânfora cada cinco minutos, para obter alívio rápido e certo; na cólera mais evoluída, as doses de *Cuprum*, *Veratrum*, *Phosphorus* etc. (X.º) requerem frequentemente repetição de duas ou três horas e também *Arsenic*, *Carbo vegetabilis* etc. – intervalos igualmente curtos.

No tratamento das chamadas febres tifosas e outras febres contínuas, a repetição em pequeníssimas doses, do medicamento que se mostra útil, regula-se pelas direções acima.

Nas doenças puramente sifilíticas, tenho geralmente achado suficiente uma dose única de mercúrio metálico (X.º). Entretanto, não raramente, são necessárias duas ou três de tais doses, em intervalos de seis ou oito dias, quando é perceptível a menor complicação de Psora.

Nos casos em que está urgentemente indicado um determinado medicamento, com o paciente muito fraco e excitável, processo mais certo e eficiente do que dar doses mais substanciais, se bem que muitíssimo pequenas, do remédio altamente dinamizado – é uma olfação única de um glóbulo seco do tamanho de uma semente de mostarda impregnado com esse medicamento. Efetua-se isso mantendo a boca do frasco que o contém, primeiro junto a uma narina e depois (se quisermos dar dose mais forte) junto à outra e fazendo rápida inspiração. A ação do medicamento assim administrado dura tanto quanto a do remédio tomado em substância; assim, mesmo essa olfação não deve repetir-se em menores intervalos.

### § 247

Nessa condições, podem-se repetir as doses mínimas dos medicamentos homeopáticos bem selecionados com os melhores resultados, frequentemente com resultados incríveis, com intervalos de catorze dias, doze, dez, oito, sete dias; quando for necessário rapidez, em doenças crônicas que pareçam casos de doença aguda, com intervalos mais curtos; mas em doenças agudas, podem-se repetir com períodos



muito mais curtos – cada vinte e quatro, doze, oito, quatro horas e nas doenças mais agudas de todas, de hora em hora, até com a frequência de cada cinco minutos – sempre em proporção com o curso, mais ou menos rápido, da doença e com a ação do medicamento empregado, como explanado mais distintamente na última nota.

### § 248

Pode-se repetir a dose do mesmo medicamento várias vezes, de acordo com as circunstâncias, mas somente até sobrevir o restabelecimento ou até o *remédio deixar de fazer bem e o resto da doença, apresentando diferente grupo de sintomas, pedir remédio homeopático diferente.*

### § 269

Para uso próprio, o sistema homeopático aumenta, em grau inaudito, o poder curativo e como que espiritual das substâncias em estado natural, por meio de processo peculiar, até aqui nunca experimentado, pelo qual, e somente por ele, todas elas tornam-se profundamente eficazes e medicinais, mesmo as que em estado natural não evidenciam o menor poder curativo no corpo humano.

### § 270

Assim, duas gotas do suco vegetal fresco, misturadas com partes iguais de álcool, diluem-se com noventa e oito gotas de álcool e potencializam-se por duas succussões, pelas quais se efetua o primeiro aumento de poder. Repete-se esse processo em vinte e nove frascos, cada qual cheio até os três quartos com noventa e nove gotas de álcool. Cada frasco sucessivo é provido com uma gota do frasco anterior (que já foi sacudido duas vezes) e é por sua vez duas vezes sacudido (\*) da mesma maneira, até finalmente o trigésimo

aumento de poder (decilionésima diluição potencializada X.<sup>o</sup>), o mais geralmente usado.

(\*) Com o fim de manter um padrão fixo e uniforme do aumento de poder dos medicamentos líquidos, múltiplas experiências e cuidadosa observação levaram-me a adotar duas succussões para cada frasco, de preferência ao número maior primeiramente empregado (pelo qual os medicamentos eram demasiadamente potencializados). Há, entretanto, homeopatas que, nas suas visitas aos pacientes, carregam consigo os remédios homeopáticos em estado fluido e não obstante asseveram que eles não se tornam potencializados com o tempo, mostrando assim serem incapazes de observar corretamente. Dissolvi num frasco um grão de soda em meia onça de água misturada com álcool – o frasco ficou cheio até os dois terços e sacudi essa solução continuamente por meia hora: o fluido, em energia e potência, equiparou-se ao trigésimo aumento de poder.

### § 271

Todas as outras substâncias adaptadas a uso medicinal (exceto *Sulphur*, empregado nesses últimos anos somente sob forma de tinctura altamente diluída<sup>(\*)</sup>), como metais puros, oxidados ou sulfurados e outros minerais, petróleo, fósforo, como também partes e sucos de plantas obtidos somente em estado seco, substâncias animais, sais neutros etc. - Todas elas devem ser primeiramente potencializadas por trituração durante três horas até a atenuação pulverulenta de um milhão. Dessa atenuação, deve-se dissolver um grão e levá-lo ao trigésimo aumento de poder, com vinte e sete frascos de atenuação, da mesma maneira que para os sucos vegetais (\*).

(\*) Como está descrito mais circunstancialmente nos prefácios de *Arsenico e Pulsatilla*, na *Matéria Médica Pura*.

### § 272

Em caso algum é necessário administrar de cada vez mais de uma substância medicinal, única e simples (\*).



(\*) Alguns homeopatas têm experimentado, quando julgam um remédio indicado para uma parte do sintomas de determinado caso e outro remédio para a outra parte, administrar ambos os medicamentos ao mesmo tempo ou quase ao mesmo tempo. Mas eu condeno resolutamente tão arriscada experiência, nunca necessária, se bem que por vezes possa parecer útil.

### § 273

Não é concebível que possa existir a menor dúvida quanto ao que é mais conforme a natureza e mais racional: prescrever numa doença de cada vez um medicamento único, bem conhecido, ou uma mistura de várias drogas, cada qual agindo diferentemente.

### § 280

Esta proposição, solidamente estabelecida pela experiência, serve de regra para atenuar a dose de todos os medicamentos homeopáticos, sem exceção, até um grau tal que depois de terem sido introduzidos no corpo, não produzam se não uma agravação quase insensível. Pouco importa que a atenuação chegue ao ponto de parecer impossível aos médicos vulgares cujo cérebro se nutre somente de ideias materia-listas<sup>1</sup> e grosseiras. As declamações devem cessar quando a infalível experiência tiver pronunciado sua sentença\*.

\* *O alopata que examinando o método homeopático, não se atreve a administrar doses tão débeis e atenuadas, só tem que perguntar a si mesmo: O que arrisca prescrevendo-as? Se nelas não houvesse mais nada de material, se tudo o que nela houvesse fosse igual a zero, uma dose que lhe parece não ser nada não poderia ter outro resultado muito menos perigoso do que os resultados à que conduzem as fortes doses dos medicamentos alopáticos. De outro lado, o medicamento homeopático em cada divisão ou diluição adquire um novo grau de potência pela agitação que se lhe imprime, meio desconhecido antes de mim, de despertar as virtudes inerentes das substâncias medicinais, que é tão energético,*

que nestes últimos tempos a experiência me obrigou a reduzir para dois o número de succussões no lugar de dez que aplicava depois de cada diluição.

### § 284

O efeito das doses, não diminui, na mesma proporção que a quantidade material do medicamento diminui nas proporções homeopáticas. Oito gotas de tintura tomadas todas de uma vez, não produzem no corpo humano um efeito quatro vezes maior do que uma dose de duas gotas; mas apenas cerca de duas vezes o efeito que é produzido por duas gotas da dose. Da mesma maneira a mistura de uma gota da tintura com dez gotas de um líquido não medicinal, quando tomado, não produz dez vezes mais efeito do que uma gota da mistura dez vezes mais atenuada, mas cerca de (quase) duas vezes o efeito, e seguindo a mesma proporção, de maneira que uma gota da diluição mais atenuada deva ainda produzir e produz realmente um efeito muito considerável.

<sup>[1]</sup>Supondo que uma gota de uma mistura que contenha 1/10 de um grão do medicamento produz um efeito = a, uma gota de uma mistura mais diluída contendo 1/100 de um grão do medicamento somente produzirá um efeito = a/2; se isto contém 1/10 000 de um grão do medicamento o efeito será = a/4; se isto contém 1/10 000 000 de um grão do medicamento produzirá um efeito = a/8; e assim sucessivamente, com volume das doses da mesma maneira; com cada quadrado diminuído, porém a quantidade da ação do medicamento no corpo humano será diminuído cada vez apenas cerca da metade. Eu tenho visto muitas vezes uma gota da decilionésima diluição potencializada da tintura de *Nux vomica* produzir exatamente a metade do efeito de uma dose da quintilionésima diluição potencializada, sob as mesmas circunstâncias no mesmo indivíduo.

### § 285

Atenua-se assim a força do medicamento diminuindo o volume da dose, isto é, em vez de tomar uma gota inteira de uma dilui-

ção qualquer, toma-se apenas uma pequena fração dessa gota, conseguindo-se perfeitamente o objetivo de tornar o efeito menos pronunciado. A razão disto é fácil de compreender: havendo diminuído o volume da dose esta deve entrar em contato com menos nervos do organismo, através dos quais o poder do medicamento é certamente também comunicado ao organismo todo, porém em um grau muito mais fraco.

<sup>1</sup> Para este propósito o modo mais conveniente é empregar pequenos glóbulos de açúcar do tamanho de um grão de semente de papoula que são embebidos com o medicamento, uns dos quais, é utilizado para uma dose, contendo este cerca de três centésimas partes de uma gota, uma vez que trezentos destes glóbulos são totalmente umedecidos por ela. A dose é bastante diminuída colocando um destes glóbulos sobre a língua, sem beber nada depois. Sendo necessário, no caso de um paciente muito sensível, deve-se empregar a menor dose possível, obtendo-se assim um rápido resultado, através de uma simples e única olfação.

## § 286

Pela mesma razão o efeito de uma dose homeopática aumenta em proporção a massa do líquido a qual se dissolve para se administrar ao paciente, uma vez que a quantidade do medicamento permanece sempre a mesma. Sendo que o medicamento entra em contato com uma superfície muito mais extensa sendo o número de nervos que sentem o seu efeito é muito mais considerável. Apesar dos teóricos imaginarem que a ação do medicamento enfraquece ao ser mais diluído, mas a experiência diz precisamente o contrário, ao menos no que diz respeito aos meios homeopáticos<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> O vinho e o álcool são os mais simples de todos os estimulantes, são os únicos cujo efeito embriagante e intoxicante diminuem pela diluição com muita água.

## § 287

Deve-se, contudo, observar que há muita diferença entre misturar imperfeitamente o medicamento, com uma certa quantidade de líquido e, misturar de uma maneira tão uniforme e íntima<sup>1</sup>, que a menor partícula do líquido, contenha uma quantidade de medicamento, proporcionalmente igual a que existe em todas as outras partículas. Com efeito, a mistura tem muito maior potência medicinal no segundo caso do que no primeiro. Daqui, podem-se deduzir as regras que se devem seguir na administração das doses quando, for necessário enfraquecer tanto quanto possível o efeito dos remédios, para torná-los suportável aos doentes mais sensíveis.

<sup>1</sup> Quando eu digo íntima, quero dizer que sacudindo uma gota do líquido medicinal com cem gotas de álcool, isto é, que tomando na mão o frasco que contém a mistura e sacudindo fortemente com um único movimento do braço de cima para baixo, certamente haverá uma mistura completa; mas com dois, três ou dez movimentos semelhantes, haverá uma mistura muito mais íntima, isto é, o poder medicamentoso será muito mais desenvolvido, desdobrando de certo modo a potência do medicamento, tornando sua ação muito mais penetrante sobre os nervos. Assim, pois, no preparo das potências medicamentosas, não se deve dar mais do que duas succussões a cada um dos vinte ou trinta frascos de diluição, para desenvolver apenas *moderadamente* o seu poder medicamentoso. Da mesma forma, nas triturações do pó medicinal, no gral de porcelana, para que o desenvolvimento da força medicamentosa se mantenha dentro de certos limites, quando se misturar um grão do medicamento com os primeiros cem grãos de açúcar de leite, só se tritulará com força por *somente* uma hora, espaço de tempo que não deve ser ultrapassado nos dois graus de triturações seguintes. Uma descrição mais exata destes processos pode ser encontrada nos prefácios de *Arsenicum* e *Pulsatilla* na Matéria Medica Pura.

§288

Os medicamentos líquidos<sup>1</sup> possuem uma ação muito penetrante sobre nosso organismo, de um modo geral, vai rapidamente do ponto irritável e sensível, que recebeu a primeira impressão do medicamento, para todas as demais partes do corpo; de modo que, esta ação do medicamento deveria se chamar de efeito espiritual, dinâmico ou virtual.

<sup>1</sup> Quanto mais alta as atenuações, tomando cuidado de sucussionar a cada uma duas batidas, parece ser mais rápida e penetrante a ação do medicamento na força vital alterando o estado de saúde, sendo que, a força medicamentosa diminui apenas ligeiramente, mesmo que, se vá além da X, como de ordinário, e, se vá até a XX, L, C ou mais, somente que, a ação parece durar menos tempo.



SAMUEL HAHNEMANN

### TRADUÇÃO DOS TRECHOS EM LATIM

[<sup>1</sup>] J.H. Schulze: “...certas alterações instantâneas [ *para pior* ] são despendidas por partes do corpo humano.”

[<sup>2</sup>] Willis: Medicamentos de ópio geralmente acalmam dores atrocíssimas e procuram a falta de dor, saindo desse espaço de tempo, as dores logo recrudescem e em breve crescem no sentido da habitual violência. Cessados os efeitos do ópio, imediatamente voltam as cólicas, que não diminuem sua atrocidade, a não ser quando submetidas de novo ao encantamento da mesma droga.

[<sup>3</sup>] Huxham: “Nada, em verdade, trouxe mais ruína para a arte médica em tempo algum; entrando como uma ação perniciosa do que a generalização de uns certos nomes de doenças que se impuseram para acomodar críticas à generalização quanto à terapêutica.”

[<sup>4</sup>] Sydenham: O ânimo fica abalado pela surpresa de quão são diferentes pela cor e pelo aspecto as doenças epidêmicas; começa a ficar suficientemente claro então quanto é evidente a diversidade dessas doenças – ora pelos sintomas próprios e em si peculiares, ora também pelo método de tratar – quanto chama a atenção a diferença de outras epidemias. Para aqueles dos mais incautos, é coisa assente que as doenças epidêmicas – de qualquer maneira que se apresentam, pelo aspecto externo e pelo número de sintomas em uns e outros – são idênticas; por esse fato precisamente parecem, todavia, se se presta bem a atenção, são inteiramente de outra índole, e diferem como as moedas diferem dos tremoços.

[<sup>5</sup>] Haller: Certamente o medicamento deve ser experimentado primeiro no corpo são, sem qualquer estranha mistura; verificados o cheiro e o sabor do medicamento, pequena dose dele deve ser ingerida; a todos que as afecções atingem, deve-se atentar, em seguida, quanto ao pulso, calor, à respiração, às excreções. Daí, conforme a condução dos fenômenos expostos no são, passa-se às experiências no corpo doente.

[<sup>6</sup>] Fragmentos sobre as propriedades positivas dos medicamentos, ou sobre o que se observou no homem são.

[<sup>7</sup>] Haller: Imensa diversidade de propriedades naturais encontra-se latente naquelas plantas em especial, das quais os aspectos externos temos conhecido há algum tempo, mais ainda não temos compreendido (elas têm como que almas e qualquer coisa de celeste).





## GLOSSÁRIO

**ACIDENTE** – (*Zufall*). É mais acidente do que sintoma; é fortuito e não consequente. Hahnemann emprega essa palavra a maior parte das vezes como acidente: só algumas vezes como sintoma. A enciclopédia de Meyer assim define esse substantivo: na vida habitual, é tudo aquilo que não nos parece necessário ou projetado; ou aquilo para cuja apresentação não conseguimos revelar uma causa.

**ALOPATIA** – Método de tratamento que emprega agentes medicamentosos cuja ação no homem são consiste em manifestações farmacodinâmicas *diferentes* ou *dessemelhantes* das que se observam no doente. *Aliena alienis curantur*. Atualmente a Alopattia designa o conjunto de métodos da medicina oficial, sem nenhuma preocupação doutrinária ou científico-filosófica.

**ATENUAÇÃO** – É a passagem de um medicamento em determinada concentração a outra, subdividindo ainda mais a substância ativa, ou suposta inerte, utilizada.

**DILUIÇÃO** – Diminuir a concentração (de uma solução) por adição de um líquido conveniente; exprime o resultado da mistura de uma substância com outra, quando uma delas, pelo menos, é líquida. Atenuação das formas líquidas.

**DINAMIZAÇÃO** – É a liberação de *energia dinâmica* de substâncias medicamentosas por meio de sucessão ou de trituração, isto é, por meio *de vibração molecular*.





#### SAMUEL HAHNEMANN

**DOENÇA** – Nesta tradução é o termo genérico para todo o estado patológico que pode ser traduzido por enfermidade, moléstia ou doença. No sentido estrito do termo é a alteração vital, a desarmonia vital (Aristóteles) que precede à alteração orgânica, material (moléstias).

**DOENÇAS CRÔNICAS** – Para Hahnemann, as doenças crônicas eram a *Psora*, *Sycosis* e *Syphillis*, sendo a primeira muito mais importante que as demais, pela gravidade e pela frequência.

Segundo ele, para o tratamento das moléstias crônicas não basta a semelhança, sendo necessário um dos medicamentos próprios da diátese indicado no caso. Daí o tratado das *Doenças Crônicas* em que são estudados os medicamentos psóricos, de todos os mais importantes. As divergências entre os médicos homeopatas a respeito da *Psora* não atingem as conclusões terapêuticas de Hahnemann, pois estas não foram deduzidas de teorias patológicas apriorísticas, mas resultaram de observações clínicas.

**DRACMA** – Oitava parte de uma onça.

**ENANTIOPATIA** – Método de tratamento com agentes terapêuticos cuja ação no homem são consiste em manifestações farmacodinâmicas *contrarias ou antagônicas* às que se observam no doente. *Contraria contrariis curantur*. Também chamada Antipatia, Terapêutica paliativa ou sintomática. A necessidade de um medicamento para cada sintoma levou a medicina à polifarmácia.

**EFEITO** – (*Wirkung*). Hahnemann emprega ora como ação ora como efeito. Entretanto, quando algumas vezes pretende acentuar a







#### ORGANON DA ARTE DE CURAR

separação entre ação e efeito, emprega *Ursache* ou *Effekt* ou ainda *Wirkung* – *Ursache* ou *Wirkung* – *Effekt*.

**EXPERIMENTAÇÃO** – Experimento, experimentação pura, experiência no homem são, é a administração de uma substância medicamentosa em organismo são com a finalidade de provocar o desequilíbrio fisiológico e de conhecer os fenômenos característicos que ela pode produzir.

**GRÃO** –Peso equivalente a 62 miligramas.

**HOMEOPATIA** – Método de tratamento com agentes terapêuticos cuja ação no homem são consiste em manifestações farmacodinâmicas, semelhantes às que se observam no doente. *Similia similibus curentur*. “É a Ciência e a Arte Médica que tem por fim dar ao Homem condições físicas e mentais para livremente vir a alcançar os seus mais altos desígnios, através de Leis e Princípios determinados e segundo uma técnica e uma Arte próprias”.

**ISOPATIA** –Método de tratamento, que se pretende, com agentes terapêuticos cuja ação no homem são consiste em manifestações farmacodinâmicas iguais ou idênticas às que se observam no doente. *Aequalia aequalibus curantur*.

**MEDICAMENTO** – Todas as substâncias com propriedades terapêuticas, ou seja, às quais os seres vivos são sensíveis de alguma forma, em algum grau.

**MIASMA** – Termo usado antes da era microbiana para designar a causa desconhecida das moléstias infecciosas e contagiosas. Designava





#### SAMUEL HAHNEMANN

---

as emanações oriundas das substâncias orgânicas em decomposição ou das pessoas doentes. Hahnemann ampliou o sentido do termo *miasma* aplicando-o às diáteses crônicas como Psora, Syphillis e Sycosis; Excetuando a Psora, Hahnemann classifica as demais doenças miasmáticas como doenças venéreas.

**NÃO-ARTE** – (*Unkunst*) – É empregado por Hahnemann no sentido de não-arte e *Unheilkunst* no sentido de arte de não curar, arte não curativa.

**NOSÓDIO** – Medicamento preparado com produtos patológicos, vegetais ou animais.

**ONÇA** – Peso antigo equivalente a 8 dracmas ou 480 grãos.

**ORGANON** – (Órganon). Nome inspirado diretamente no Organon de Aristóteles e diretamente no “Novum Organum” de Francis Bacon, Em grego significa instrumento, meio.

**PATOGENESIA** – quadro sintomático obtido pela experimentação medicamentosa no homem são (moléstias artificiais).

**POTÊNCIA** – É a *energia dinâmica* adquirida pelo medicamento, com o trabalho da dinamização.

**PRINCÍPIO VITAL** – (*Força Vital*) – De grande importância para Hahnemann, mas hoje não é considerado por todos os homeopatas essencial à compreensão e prática da Homeopatia.





#### ORGANON DA ARTE DE CURAR

“Hahnemann deu por assentada a existência de um princípio vital, que no estado de saúde mantém todas as partes do organismo em admirável harmonia (§ 9), nega a vida sem ele (§ 10) e atribui a doença à alteração desse princípio vital. Essa força vital, que podemos também denominar energia vital, preside todas as funções e sensações do ser vivo. Nos seres diferenciados a vida é um atributo de cada célula, não é privativa, porém, de cada célula”.

**PSORA** –Doença miasmática crônica, não venérea, fundamental; responsável pela maioria das moléstias crônicas.

**REMÉDIO** – Aquilo que pode debelar uma doença: Medicamento que cura ou alivia. São remédios as substâncias curativas (medicamentos) e as demais manifestações capazes de levar alguém à cura, mesmo aqueles não explicáveis, como um susto, alterações cósmicas etc.

**R°** - Escala termométrica de Réaumur (0° — 80°).

**SARCÓDIO** – Medicamento preparado com produtos fisiológicos, vegetais ou animais.

**SYCOSIS** – Modernamente a sycosis é considerada, pela maioria dos médicos homeopatas, como uma intoxicação lenta, mais comumente *exógena* (blenorragias, vacinações), que produz infiltração retículo-endotelial, quer no tecido conjuntivo subdérmico, quer nas mucosas (pólipos), quer em órgãos (miomas, fibromas, adenomas etc.).

Para Hahnemann, doença venéreo miasmática crônica, que inicialmente se manifesta por condilomas ou vegetações nas partes genitais e por secreção gonorréica semelhante a um pus espesso. Parece ser somente a moléstia que conhecemos por gonorréia e não compreender





SAMUEL HAHNEMANN

---

nenhuma outra uretrite. Por outro lado, a doença resultante das vacinações e de outros procedimentos médicos alopáticos é sempre Psora.

**TOTALIDADE DOS SINTOMAS** – É um conjunto que não exprime a totalidade numérica dos sintomas – universalidade dos sintomas – mas sim um mínimo de sintomas de valor máximo que caracteriza a maneira pessoas pela qual o doente faz “sua doença” e que corresponde aos sintomas ditos terapêuticos, os que o médico homeopata utiliza para determinar o medicamento curador. (Sir. J. Weir, médico homeopata de Grã-Bretanha).

Notar que Hahnemann refere-se sempre à *totalidade dos sintomas* apresentados pelo doente. Vide § 7 e 22.





---

## Índice analítico do conteúdo dos aforismos preparado para a 6ª edição pelo Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “Benoit Mure”

---

*Obs.: Os números indicam os parágrafos (aforismos); o n indica a 1ª nota desse parágrafo; as notas seguintes de cada parágrafo são indicadas por -2n, 3n etc. 1/2, 2/3 etc., indicam a altura em que se encontrará a citação.*

---

### Princípios da Homeopatia

Lei dos semelhantes – *Similia similibus curentur*, 22a, 28, 34, 43, 48, 61, 111, 274

Experimentação no Homem são 20, 21

Individualização 82, 84, 86 a 104

Vitalismo 7, 8n, 15, 22n, 69n

Doses mínimas dinamizadas 253n, 279

Medicamento único – Homem total 7, 7-2n, 15, 58, 169, 169n, 273, 274

Miasmas 78

### A

Ação alternante medicamentosa 115, 251

Ação mecânica na trituração e na sucussão 269

Ação medicamentosa 11n, 20, 21, 26, 27, 29, 30, 32, 34, 63, 64, 69-2n, 111, 112, 117, 148, 155, 158, 251, 282n

Ação primária 57, 59, 63, 64, 65, 66, 112 a 115, 161

Ação primária, conceito de 63

Ação primária, Exemplos de 65

Ação-Reação 63, 112, 115

Ação secundária 57, 59, 63, 65, 69-2n, 112 a 115

Ação secundária, Exemplos de 65





SAMUEL HAHNEMANN

Ação secundária como reação do organismo 63, 64, 69-2n, 111, 112, 117, 148, 155  
Acupuntura, XLV  
Adaptabilidade do indivíduo ao meio 244  
Afecção local 193, 194, 197, 198, 270-6n.n  
Afecção vital 7, 8n  
Agente morbífico 11, 31, 148  
Agente morbífico e momento patogênico 31  
Agravação homeopática 155 a 163, 248, 249, 249n, 253, 254, 256, 280 a 282  
Agravação pelo tratamento comum 40, 41, 57, 59, 60  
Agudas, Causas das doenças 73, 194  
Agudas, Classificação das doenças 73  
Agudas, Conceito da doença 72  
Agudas, Doenças 72, 73, 99, 100, 148, 152, 157, 158, 270-6n  
Agudas, Duas Doenças, dessemelhantes juntas 40  
Agudas, Tratamento das doenças 73n, 148, 152, 157, 158, 159, 161, 167, 194, 213, 243, 248, 250, 251, 270-6n final.  
Agudos, Escolha do medicamento 152, 153  
Agudos, Individualização 82, 99  
Agudos, Miasmas 73  
Agudos, Mudança do medicamento 250  
Albrecht von Haller 108n, 118n  
Alcaloides, 273-n  
Álcool no preparo dos medicamentos 267, 267n  
Alimentos crus e seu poder medicamentoso 266  
Alopatia 22, 23, 35, 37, 39, 52, 54, 55, 56, 57, 67n, 70, 91, 145, 207, 274n  
Alopatia e mal natural 70, 274n  
Alopatia e enantiopatia nas urgências não naturais 67n  
Alopático, Pacientes em tratamento 91, 207  
Alteração mental pelos medicamentos 212  
Alternância de medicamentos 169, 170





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

---

Alternantes, medicamentos 115, 251  
Alternantes, Doenças 232  
Animal, Experimentação em 56n  
Antídoto 249, 249n  
Antipsóricos 80, 80n, 103, 171, 195, 199n  
Arte de curar 3, 7, 13, 25, 53, 61, 76, 273, 283  
“As Doenças Crônicas” – título traduzido 80n, 195  
Átomos corpóreos das substâncias medicamentosas 11n (2/3 finais)  
Autópsias 74n  
Arte médica 60n-final  
Azia LXIV, LXVII

## B

Banhos minerais 149, 207, 285  
Banhos mornos 60n  
Baungartner 74n  
Belladonna como preventivo 33n  
Biotipo 5  
Bönnighausen 153n, 235-2n  
Bosquillon 46  
Bouba 204, 205-2n  
Broussais 60n, 74-2n  
Buchholz 267n

## C

Câncer da face e cirurgia 205n  
Cancro 197n, 201, 203, 204, 205-2n, 276-2n, 282n  
Causas das doenças 6n, 7n, 11, 13, 16, 17n, 70, 72, 74, 77, 78,  
148, 204, 206, 215, 216, 221, 225, 226, 244  
Causas das doenças agudas, 73, 194  
Causas das doenças crônicas 70, 72, 74, 75, 77, 78, 148, 204, 206,  
231 a 235





## SAMUEL HAHNEMANN

---

Causas das doenças mentais 215, 216, 221, 225, 226, 227  
Causas das moléstias 12, 12n, 16, 17, 17n, 78, 80  
Causas da Psora desenvolvida 81n  
Causas devidas aos hábitos 77, 94  
Causa desencadeante 206n  
Causas externas, Afastar as 7n, 186  
Causa fundamental 5, 206  
Causas internas das moléstias 204  
Causas materiais das doenças 31n, 70  
Causas medicinais das moléstias 37n, 41, 74, 149, 204  
Causas mentais, psicologias das doenças 17n, 208, 221, 225, 226  
Causa ocasional 5, 7  
Causas orgânicas das doenças mentais, 215, 216, 224  
China como medicamento intermediário na cura 234  
China como medicamento preventivo 244  
Choque, Mudança do órgão de 34, 36, 38, 39, 201, 222n  
Científicas, experiências 25n, 50 final  
Cinquenta milesimal 270  
Cirurgia 186, 205n  
Cirurgia supressora 205n  
Classificação das doenças agudas 73  
Clínico-patológico, Diagnóstico 73n  
Clisteres 274n  
Closs, J.F. 46  
Comparação da ação do medicamento e do agente morbífico 30 a 33  
Complexos, Males 40, 41  
Comportamento médico 228, 229  
Comum, Agravação pelo tratamento 40, 41, 57, 59, 60  
Comuns, Sintomas 116  
Conceito de cura 1, 2, 3, 6n, 8, 12, 14, 16, 17, 29, 148, 208  
Conceito de doença 11 inicial, 15, 16, 19, 31n, 63, 148







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

---

Conceito de doença aguda 72 inicial  
Conceito de doença crônica 72 final  
Conceito de medicamento 3  
Conceito de moléstia 11 final, 12 inicial, 12n, 15, 22n final, 29 inicial, 70  
Conceito de saúde 9, 10, 16, 22n  
Conceito de Psora 80  
Conceito Sycosis 79  
Conceito de Syphillis 79  
Condiloma 197n, 199n, 201, 203, 204, 282n  
Conduta médica nas doenças mentais 228, 229  
Conhecimento de farmacotécnica pelo médico 264, 265, 265n  
Conversação do plus 248n  
Conservação, estocagem e duração dos medicamentos 267, 268n, 272n  
Conservação do pó de plantas exóticas 268n  
Conservação das TM 267  
Constituição 5  
Contágio, Princípio 72, 100  
Contradição nos conceitos de força e quantidade 276, 276-2n, 283  
*Contraria contrariis* 56, 57  
Controle de qualidade, 267, 268, 268n, 270n, 270-4n  
Corpo material 9, 15  
Costumes, Hábitos e 5  
Cristalização como método de purificação química 270n  
Crônica, doenças 5, 72, 74 a 80, 148, 161, 173, 204, 206  
Crônicos, Individualização nos 82 – 86  
Crônicos, Miasmas 5, 72, 76 a 80, 204, 205, 206, 222, 282n  
Cuidados gerais necessários à Cura 7, 7n, 150, 208, 252, 255, 259, 260  
Cuidados gerais, Cura só pelos 150  
Cura, conceito de 1, 2, 3, 6n, 8, 12, 14, 16, 17, 29, 148, 208  
Cura das doenças agudas e crônicas 148, 157





## SAMUEL HAHNEMANN

---

Curas naturais por moléstias semelhantes 45, 46, 50

Cura, Só a Homeopatia 24, 53, 71, 109, 145 final

Cura, Só por cuidados gerais 150

Curar, Arte de 3, 7, 13, 53, 61, 76, 208, 273, 283

### D

Dezpteux 46

Diagnóstico clínico-patológico 73n

Dieta curativa 77, 150, 222, 226

Dieta no tratamento medicamentoso 222, 226, 259 a 263, 263n

Dieta nas doenças agudas 262, 263, 263n

Dieta nas doenças mentais 222, 226

Dieta na experimentação 125

Digitalis levando à loucura 59 final

Diluições 1:100 na centesimal 270-6n

Diluições na água aumentando a força medicamentosa 272

Diluição das potências 128, 246 (1/2), 270 final. 272

Diluição sem dinamização 269-4n

Dinâmicas, Potências 74-2n, 269

Dinâmico 9, 11, 11n, 15, 16, 54n, 69, 72, 190n, 186, 269

Dinamização 161, 161n, 238, 246 (1/2), 247, 248, 269, 270-6nn, 280

Dinamização manual 270-6n, 270-6nn

Doença aguda 5, 38, final, 40, 72, 73, 99, 100, 148, 152, 157, 158, 270-6n final

Doença aguda, Classificação 72, 73

Doença aguda, Escolha do medicamento 152, 167, 168, 221

Doença, Causa da 6n, 7n, 11, 13, 17n, 31n, 70, 72, 74, 77, 78, 148, 204, 206

Doença Conceito 11 inicial, 15, 16, 29, 31n, 63, 148

Doença crônica 5, 72, 74, a 80, 148, 161, 173, 204, 206

Doença material 8n, 16





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

---

- Doença medicinal 37n, 41, 59 final, 74, 75, 149, 157, 204
- Doença e moléstia 15, 22 final, 29 inicial, 31
- Doença, Totalidade da 58, 70, 104
- Doenças concomitantes 36 a 42
- Doenças 3, 6, 6n, 8n, 13, 16, 17
- Doenças agudas, Causas das 73, 194
- Doenças agudas, Conceito das 72 inicial
- Doenças agudas, Curas das (ver Agudas, Tratamento)
- Doenças agudas, Dieta nas 262, 263
- Doenças agudas dessemelhantes concomitantes 40
- Doenças alternantes 231, 232
- Doenças, Causas materiais das 70, 148, 282 (1/2)
- Doenças crônicas, causas da 72, 74, 75, 80, 206
- Doenças crônicas, Tratamento das 148, 161, 195, 206, 207, 213, 248, 270-6n final, 281, 282, 282n
- Doenças crônicas alternantes 231, 232
- Doenças crônicas causadas por agudas 72
- Doenças crônicas falsas 77, 224, 226
- Doenças crônicas incuráveis 75
- Doenças crônicas intermitentes 231 a 244
- Doenças crônicas e agudas locais 174, 185 a 203
- Doenças crônicas medicamentosas 37n, 41, 59 final, 74, 75, 149, 157, 204
- Doenças crônicas naturais verdadeiras 78, 204, 206
- Doenças crônicas oligossintomáticas (ver parciais)
- Doenças crônicas parciais 173 a 184
- Doenças crônicas periódicas 233, 234
- Doenças dinâmicas 74-2n, 109n, 282n (1/2)
- Doenças endêmicas 73
- Doenças epidêmicas 73, 100, 101, 102
- Doenças externas (ver doenças locais)





## SAMUEL HAHNEMANN

---

- Doenças intermitentes (ver doenças crônicas intermitentes)  
Doenças locais (ver doenças crônicas e agudas locais)  
Doenças mentais 210, 214, a 230  
Doenças mentais, Causas das 215, 216, 221, 225  
Doenças mentais como locais do sistema nervoso 215, 216  
Doenças naturais 76, 148, 276, 279, 280  
Doenças, Natureza das 31n, 148  
Doenças periódicas 233, 234  
Doenças venéreas 206, 276-2n  
Dose e Arte Médica 278  
Doses, Escolha das 278  
Doses Fortes 275, 276  
Doses fortes homeopáticas são mais prejudiciais quanto mais homeopáticas e maiores as potências 276  
Doses fortes e quantidades 275, 276  
Doses grandes homeopáticas 276, 276n-2n  
Doses fracas 129, 155, 157  
Doses mínimas, homeopáticas, altamente potencializadas 148, 221, 253n  
Doses modificadas 247n  
Doses por olfação 248 final, 269-3n, 284  
Doses pequenas 68, 128, 129, 155, 157, 160, 161, 163, 249n, 253n, 277, 279, 283  
Doses como quantidades 128, 129, 148, 248, 248n, 249n, 253n, 276, 279, 283  
Doses repetidas dinamizadas 161, 161n, 247, 248, 248n, 270-6n final  
Doses repetidas em medicamentos alternantes 251  
Doses e sensibilidade individual 129 final, 248n, 253n, 270-6n final, 278, 281, 283

## E

Enantiopatia 7-2n, 23, 56, 57, 59, 61, 67, 67n





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

---

Energia vital 282n (1/2) (V.T. força vital)  
Endemias 73, 244  
Envenenamentos e intoxicação nas patogenesias 110  
Epidemias 73, 100, 101, 102  
Epidemias, Caráter infeccioso das 81-2n  
Esclarecimento de casos de doenças de poucos sintomas (parciais ou oligossintomáticos) 180 a 182  
Esclarecimento de casos agudos e crônicos graves e poucos sintomas pelo *Opium* 183n  
Escolha das doses e das potências 278  
Escolha do medicamento agudo 152, 153, 167, 168  
Escolha dos sintomas 153  
Espécies de moléstias 81-2n final  
Estimulantes como coadjuvantes no tratamento homeopático 274n  
Ettmüller 40  
Evolução da doença 183, 183n, 184, 253 a 256  
Evolução da doença aguda 167 a 169, 216, 253 a 255  
Evolução do físico para o mental no agudo 216  
Evolução da Psora 81  
Exemplo de dinamizações 269n, 269-2n  
Exemplos de tratamento enantiopático 57, 59  
Exemplos de tratamentos com sintomas mentais 213n  
Experiências científicas 25n, 50 final  
Experimentação 20 a 24, 52, 120, 121 a 145, 274  
Experimentação antes de Hahnemann 108n  
Experimentação na C30 128  
Experimentação, Dieta na 125  
Experimentação em doses repetidas da C30 128  
Experimentação no homem são 20, 21  
Experimentação por médicos 141, 141n  
Experimentação ou observação no animal 56n





## SAMUEL HAHNEMANN

---

Experimentação profissional 143n

Externa, Causa 7n

Externo, Tratamento, e interno, dos condilomas antigos 282 final

Exutórios 39, 60n, 201n

### F

Família e doença mental 228, 229n

Farmácia estatal 271n

Farmacotécnica 266 –271

Farmacotécnica para médicos 264, 265, 265n, 271

Falsas doenças crônicas 77, 115, 117, 204

Falsos homeopatas 148n

Febre intermitente endêmica (dos pântanos) 244, 276-2n

Febre intermitente epidêmica 235 a 235n

Febre palustre 244n

Febres terçãs e quartãs 235n

Ficha médica 104, 104n

Força vital 6n, 7, 8n, 9 a 16, 22n, 45, 60n, 63, 64, 69, 72, 78, 79, 168, 189, 201, 247, 270-6n, 283

Força vital ininteligente 22n

Força da dose (e da potência) depende da sensibilidade de cada paciente 129-(1/2) e final

Frequência das doses 248

Fritze 81-2n

### G

Galeno 56

Gênio epidêmico 101, 102, 102n, 241

Grandes doses homeopáticas 276-2n

Grandes doses no tratamento, indicação de 276-2n





Gravidez 284n

## H

Hábitos e costumes 5, 77, 222, 226, 259, 261  
Haller, A. von 108n, 118n  
Hardege Jr. 46  
*Hepar sulfuris* nas febres intermitentes epidêmicas 242  
Higiene geral 77, 244, 252  
Hildebrand 36  
Hipocondríacos 96  
Hipócrates XI, XXXV  
Hipocrático LXIII  
Homem total 5, 6, 7, 7-2n, 70, 104  
Homeopatas puros 109n  
Homeopatas falsos 148n  
Homeopatia 8n, 26n, 52, 53, 61, 69n, 70, 76  
Homeopatia com alopatia 148n  
Homeopatia em doses fortes é mais prejudicial do que a alopatia 276  
Homeopatia, Limitações da 75, 76, 162, 163, 186, 205n  
Homeopatia preventiva 33n, 244  
Homeopatia como único processo de cura 24, 53, 71, 109, 143 final  
Homeostasia 9, 10  
Hospícios 222n, 229n  
Hufeland 8n, 59n  
Hunter, J. 46  
Huxham 81-2n

## I

Idiosincrasia 116, 117  
Imateriais, Causas 15, 16, 31n, 148  
Imaterial, Princípio curativo 11n (1/2), 20  
Incuráveis, doenças crônicas 75, 149, 276-2n  
Individualização 82, 84, 86 a 104





## SAMUEL HAHNEMANN

---

Infecção 11n, 72, 148, 149, 206

Infecioso, Epidemias de caráter 81-2n

Informação, impressão medicamentosa 64

Intercorrências 17-81n

Intoxicações e envenenamentos nas experimentações 110

Intoxicações pela quina (quinino) 244n, 235-n

Isopatia 56n

### J

Jahr, G.H.G. 153n

Jejum 74-2n

Jenner 36, 40, 46

### K

Klein 46

Kortum 38, 46

### L

Larrey 36

Lei fisiológica (fisiopatogênicas) 269n

Lei dos semelhantes 22 a 27, 34, 43, 44, 61, 274

Lei dos semelhantes como lei natural 28, 111

Lei dos semelhantes na natureza 26n, 45

Leroy 46

Localização da doença em órgãos não vitais 201

Loucura pelo *Digitalis* 59 final

### M

Maceração 267

Mal natural e alopatia 70

Males complexos 40, 41, 206

212







## ORGANON DA ARTE DE CURAR

---

Manicômio 222n, 229n  
Matéria Médica 143, 145n  
Matéria nociva 148  
Materia peccans LXXIV, 8n, 13, 13n, 25n, 54, 54-2n, 282n (1/2)  
Materiais, Causas 70, 282n (1/2)  
Material, Doença 8n, 16, 70  
Mauget 38  
Maurice, J. 40  
Madicamentos, Ação dos 11n, 20, 21, 26, 27, 29, 30, 32, 34, 63, 64, 69-2n, 111, 112, 117, 148, 155, 158, 251, 282n  
Madicamentos alternados 169, 170  
Madicamentos antipsóricos 80, 80n, 103, 171, 195, 199n  
Madicamentos antipsóricos nas febres 242, 243  
Madicamentos, Conceito de 3  
Madicamentos, Conhecimento pelo médico dos 264, 265, 265n  
Madicamentos diluídos 246 (1/2), 247n  
Madicamentos, específicos 154  
Madicamentos favoritos 257, 258  
Madicamentos mal sucedidos 258  
Madicamentos misturados às bebidas 228  
Madicamentos e remédios 21, 22  
Madicamentos de semelhança parcial 162, 163, 165, 169, 170  
Madicamento único 169, 169n, 273, 274  
Madicamentos de uso externo 191, 194 a197, 205  
Médico dinâmico 186  
Meio familiar nas doenças mentais 228, 229n  
Medicina comum 39 a 41, 57, 59, 60  
Medicina preventiva 4, 33n, 77, 78, 78n, 244  
Mentais, Doenças 210 a 230  
Mentais, Sintomas 210, 211, 213, 222  
Mercúrio, Syphillis e vaccínia 40  
Metástases 201n, 202





## SAMUEL HAHNEMANN

---

Metástase mórbida 202, 205n  
Miasmas 7, 38, 46, 50, 56n, 77 final, 78, 79, 80, 204, 282n  
Miasmas agudos 73  
Miasma crônico 5, 29n, 72, 76, 77, 78, 79, 80, 204, 205, 222, 282n  
Miasma crônico, Conceito de 78  
Miasma crônico psórico, conceito de 80  
Miasma psórico 81, 179, 222, 240  
Miasma psórico latente 240  
Miasma da Sycosis 197  
Miasma da Syphillis 197  
Moléstia 12, 29, 70  
Moléstias, Causa das 12, 12n, 16, 17, 17n  
Moléstias de causa psórica 80, 206  
Moléstias complexas 40 (v. t. Males)  
Moléstias, Conceito de 11 final, 12, 12n, 15, 19, 29  
Moléstia condilomatosa 199n  
Moléstias de curso rápido 92  
Moléstias e doença 15, 22n final, 29 inicial  
Moléstias, Espécies de 81-2n  
Moléstias medicamentosas (ver Doença medicinal)  
Moléstias naturais 34, 41, 42  
Moléstias naturais crônicas dessemelhantes juntas 36 a 42  
Moléstias periódicas 233  
Moléstias semelhantes concomitantes 43 a 46  
Moléstias, Tratamento das doenças e não das 81-2n  
Momento patogênico 31  
Morte na alopatia e na Homeopatia 148n final  
Mudança do medicamento no agudo 250  
Mudança do órgão de choque 34 a 39, 158, 201, 222n  
Mühry 46





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

---

### N

*Natura Medicatrix* 22n final, 50, 76  
Naturais, Alopátia e Homeopátia em urgências não 67n  
Naturais, Doenças 41, 42, 76, 148  
Natural, Lei dos semelhantes como lei, 28, 111  
Natural, Mal, e alopátia 70  
Natural, Moléstia 152  
Natureza e lei dos semelhantes 26n, 45  
Neo-hipocratismo 67-2n, 274n  
Nosológica, Classificação comum 81-2n

### O

Observação 6, 11, 16, 142, 278  
Observação da natureza 52, 54n  
Obstáculos à cura 156. 183n, 186, 208, 240, 252, 255, 260, 261  
Obstáculos externos à cura 3 final, 186  
Ocasional, Causa 5, 7  
Ocupacional, Terapia 261  
Olfacção 248 final, 269-3n, 284  
Oligossintomáticas, Doenças 173 a 180, 185, 210  
*Opium* no esclarecimento de doenças parciais 183n  
Organismo 9, 15  
Órgão de choque 201, 222n

### P

Pacientes curáveis 60n final  
Pacientes delicados, sensíveis 156  
Pacientes já tratados 91  
Pacientes, Retornos de 104  
Pacientes em tratamento alopático 91  
Parciais, Doenças 173 a 180, 185, 210





## SAMUEL HAHNEMANN

---

Parcialidade homeopática 162 a 167  
Partículas dos corpos naturais 269  
Partículas e átomos dos medicamentos 11n (2/3 finais)  
Patogenesia 105 a 141  
Patogenesia, história das 109-2n  
Pechlin 39  
Placebo 281  
Plantas exóticas, preparo farmacêutico 268, 268n  
Plantas frescas, indígenas, preparo farmacêutico 267, 267-2n  
Plethora 74-2n, -3n  
Plenciz 38n  
Plus 246 a 248, 272  
Plus do plus 248n (1/2 final)  
Poder dinâmico dos medicamentos 22  
Poder medicamentoso dos alimentos crus 266, 266n  
Poder medicinal imaterial 270-7n final  
Potências dinâmicas 74-2n  
Potências, Escolha das 278  
Potências medicamentosas e sensibilidade individual 156, 278  
Poucos sintomas 172  
Predisposição 31  
Preparo do medicamento 266 a 271  
Prescrição nova 104, 180 a 184  
Prevenção e Homeopatia 4, 33n, 244  
Princípio contagioso 100  
Princípio curativo não perceptível 21  
Princípio vital 68, 69, 78n, 117, 246 final, 247, 269, 282n (1/2)  
Propedêutica 6, 7  
Providência (divina) 76  
Psicoterapia das doenças mentais 224, 226, 228, 229 Prurido voluptuoso 80  
Purgação 22n, 39  
Purgativos 149





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

---

Psora 80, 81, 82, 103, 171, 194, 201, 204

Psora como causa das moléstias 80, 206, 210

Psora adormecida 81

Psora, Conceito de 80

Psora desenvolvida 81, 241

Psora desenvolvida, Causas da 81n

Psora, Evolução da 81

Psora latente 81, 194, 221, 222, 240

Psora e Syphillis 41n

Psora, Tratamento da 171

Psórico, Miasma 81

*Psorinum* 56n

## Q

Química, Conhecimento de 273n, 270n

Químico e vida 69n

Quinino nas febres intermitentes 235n, 244n, 276-2n

## R

Reiny 40

Reações químicas e vitalismo 69n

Reação vital 117

Recreação terapêutica 261

Reformulação no tratamento psiquiátrico 228n

Regime na doença aguda 262, 263

Regime na doença mental 222, 226, 228, 229

Regime no tratamento medicamentoso 259 a 261

Relação entre moléstia e doença 15, 22n final, 29 inicial

Relação entre sensibilidade e robustez 129

Repertório 153n

Repetição da dose 246, 247, 247n, 248, 270-6n, final, 276

Retornos do paciente 104





Russel, P. 40

## S

Sangria 22n, 60n, 74, 74-2n, 149

Sarna XXXIX, XLII, LXV, 93, 160, 203 a 205, 282

Saúde 7, 8, 9

Saúde, Conceito de 9

Saúde e equilíbrio harmônico 9, 10, 148

Schoepf 38

Schulze, J.H. 58n

Segunda consulta (prescrição) 104, 182 a 184, 250, 256

Semelhantes, Doenças...juntas 158

Sensibilidade vital 117, 156, 278, 281

Syphillis, mercúrio e vaccínia 40

*Simillimum* 56n

Simillimo 56n

Sintomas comuns, raros, peculiares 116, 153, 154, 165, 178

Sintomas fortes 153, 178

Sintomas gerais 153, 165

Sintomas escassos 172

Sintomas mentais 70, 90n, 208, 210, 210n, 211, 213

Sintomas mentais e físicos 70

Sintomas perceptíveis 6, 7

Sintomas primários 204

Sintomas novos 180, 181, 184

Sintomas secundários 204

Sintomas, totalidade dos 70, 104, 258

Sintomático, Tratamento 7-2n, 57, 58, 147, 152

Sufrimento e Homeopatia e Evolução 26n, 69n

Substâncias medicinais simples 273n, 274

Sucussões manuais 270-6n, 270-6n-n





## ORGANON DA ARTE DE CURAR

---

*Sulfur e Hepar sulfuris* nas febres intermitentes 242,243  
Supressão 7-2n, 23, 60, 198, 199, 202, 204, 205n, 222  
Suspensão do medicamento nas agravações 281  
Sycosis 72, 201, 204  
Sydenham 33n, 38, 81-2n  
Syphillis 79, 201, 204, 276-2n

## T

Tamanho das doses 278  
Tempo de tratamento 148, 149  
Terapias ocupacional e recreativa 261  
Temperamento 5  
Técnica de dinamização 269  
Técnica de preparo dos medicamentos 267 a 270  
Tintura mãe, Preparo da 267, 267-2n, 268  
Tinturas mães, Duração das 267  
Tomada do caso 83 a 104,153, 206 a 209  
Totalidade 5, 6, 7, 7-2n, 15, 16, 58, 70, 104, 190, 192, 210, 258  
Tratamento anti-psórico 195  
Tratamento dinâmico externo 205  
Tratamento das doenças agudas 73n, 148, 152, 157 a 161, 167, 194, 213, 243, 248, 250, 251, 270-6n final  
Tratamento das doenças crônicas 148, 161, 195, 206, 207, 213, 248, 270-6n final  
Tratamento das doenças parciais 177, 178, 186, 190, 191, 192  
Tratamento das doenças e não das moléstias 81-2n  
Tratamento das doenças intermitentes 235, 235n, 236 a 243  
Tratamento das doenças periódicas 234  
Tratamento da doença mental 222 a 230  
Tratamento da doença mental repentina 221, 222  
Tratamento externo 191 a 198, 203, 205





## SAMUEL HAHNEMANN

---

Tratamento externo e interno de condilomas antigos 282 final

Tratamento fisiológico 60n

Tratamento sintomático 7-2n, 57, 58, 147, 152

Trituração 270

Troca do medicamento no agudo 250

Tulpius 38

### U

Um só medicamento por vez 169, 169n, 273, 274

Unidade integral do Homem 15

Urgências não naturais 67n

### V

Vacinação 33n, 56n, 244

Vacinação e raquitismo 36

Vacina e varíola 46

Validade dos glóbulos 272n

Vários medicamentos antipsóricos em frequência 171

Verdadeiras doenças crônicas naturais 78

Vias de administração do medicamento 284

Vital, reação 117

Vitalismo 7, 8n, 15, 16, 22n, 69n (v. t. força vital)

### W

Withering 38n

### Z

Zencker 40

